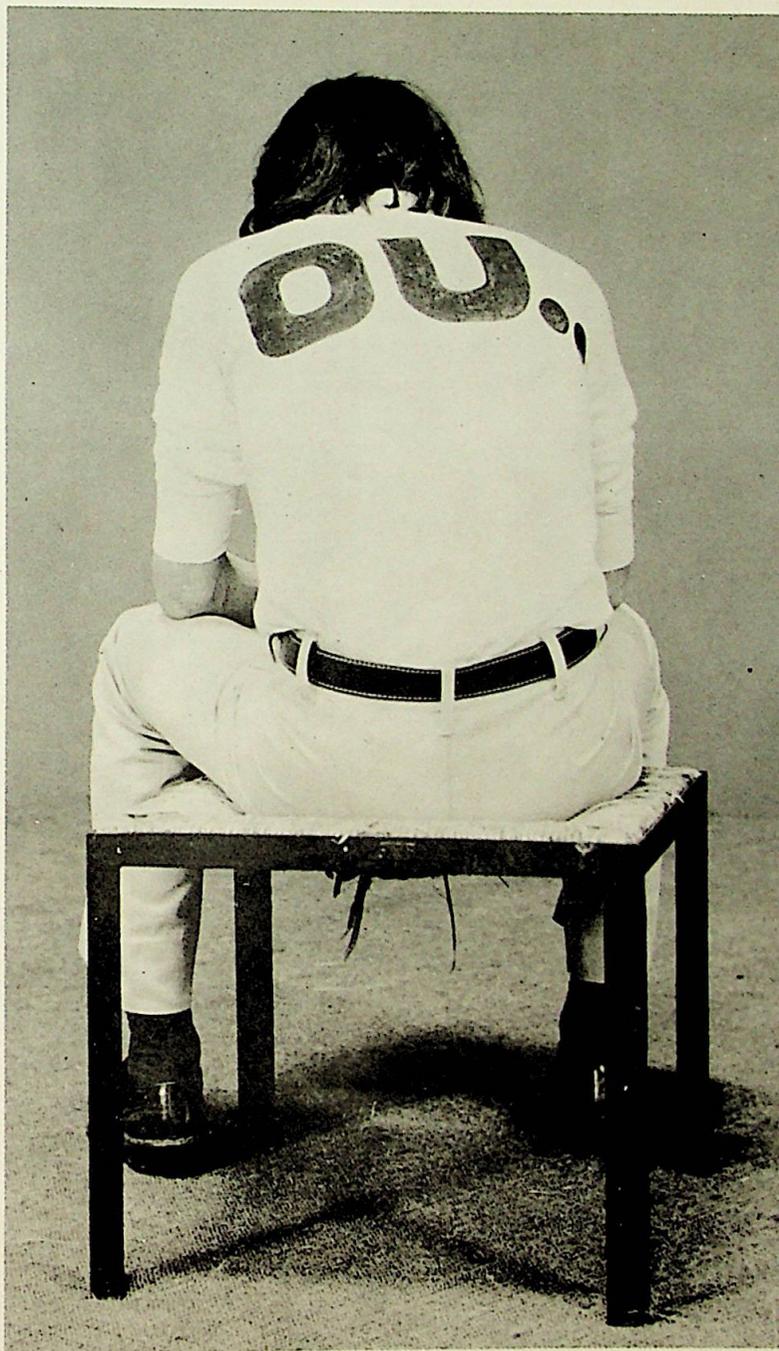


6.^a EXPOSIÇÃO

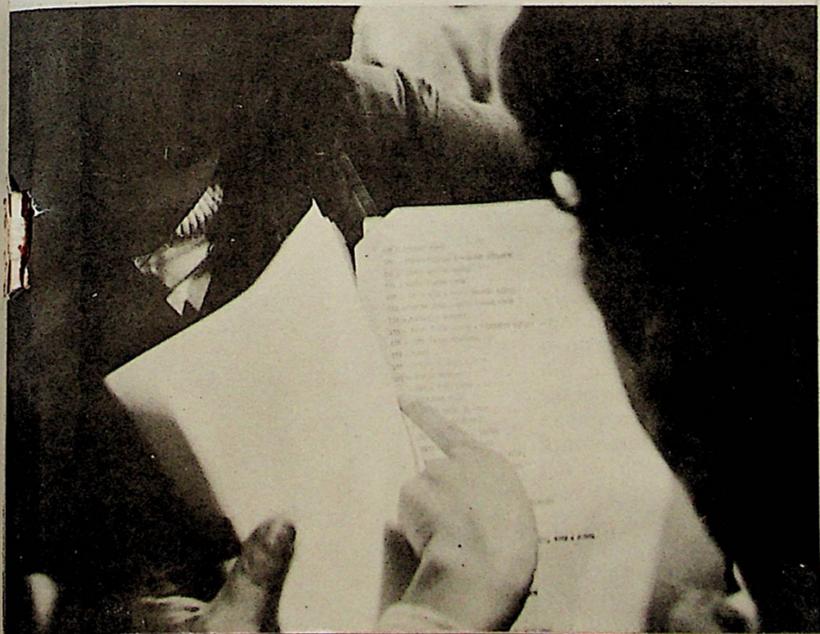
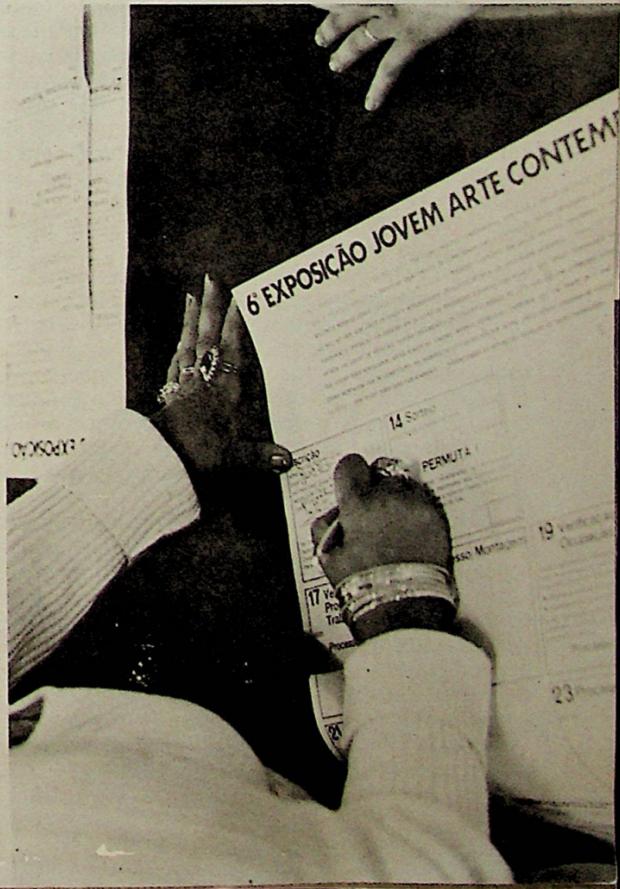
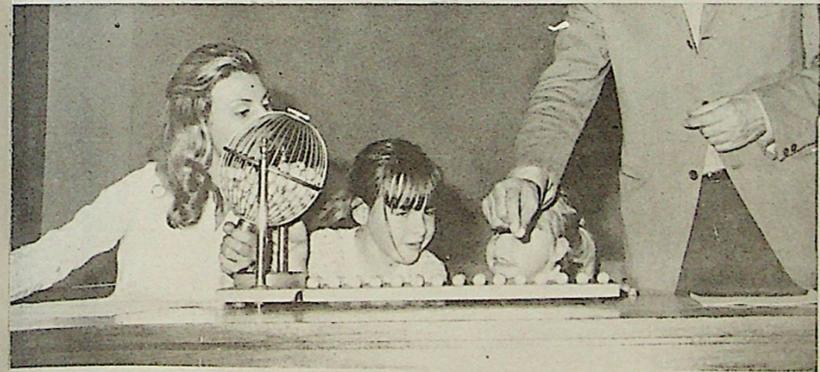
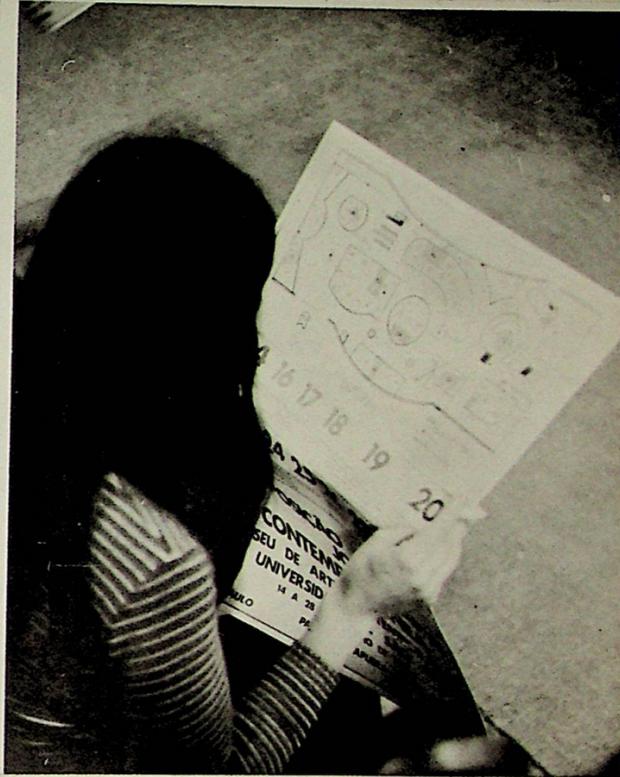
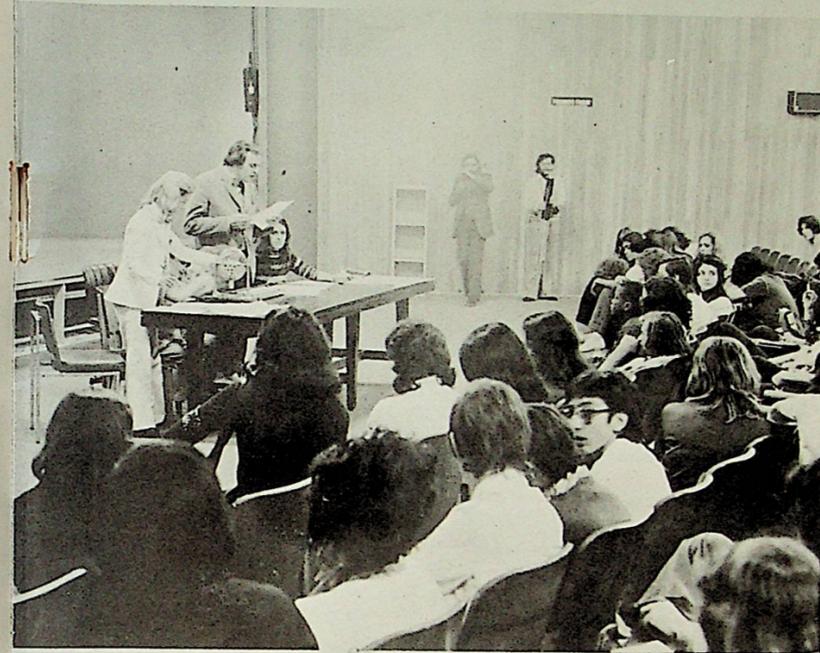
JOVEM ARTE CONTEMPORÂNEA



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
da Universidade de São Paulo

DIA 14 sorteio

Registro do nº do lote

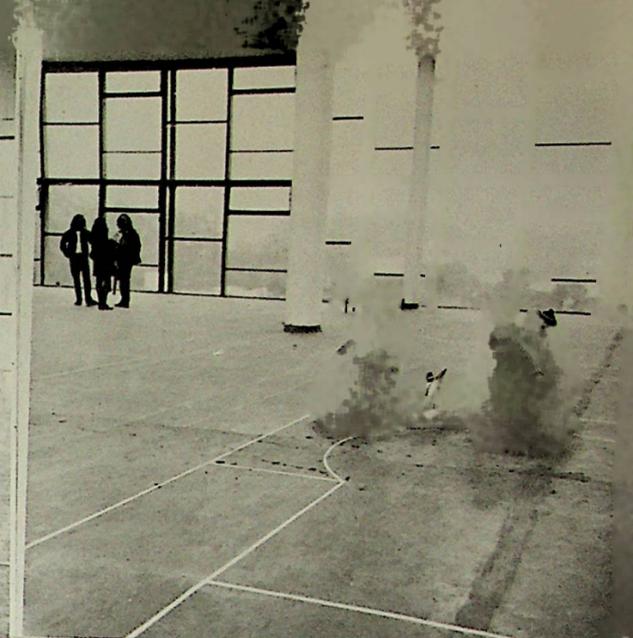


NOVAS POTENCIALIDADES

Dois fatos inter-relacionados e fundamentais vieram à luz na inédita experiência da 6.ª Jovem Arte Contemporânea: 1.º, a densa presença de pesquisas que negam a compreensão da obra de arte como um objeto único, fechado na sua imutabilidade, e portanto definitivo, para dirigir-se no sentido das realidades efêmeras, dos processos contínuos, da possibilidade de contestação de cada resultado, da eventual impermanência material da obra; 2.º, a atitude do Museu diante desses canais da atividade criadora atual que rompem totalmente com as noções artísticas válidas há meio século ou há dez anos e que o obrigam também a outro tipo de participação junto ao artista e ao público, nestas circunstâncias não mais na condição de órgão especializado no colecionismo mas enquanto núcleo capaz de contribuir diretamente na configuração desses processos que, por serem temporais, opõem-se à idéia clássica da preservação e da coleção.

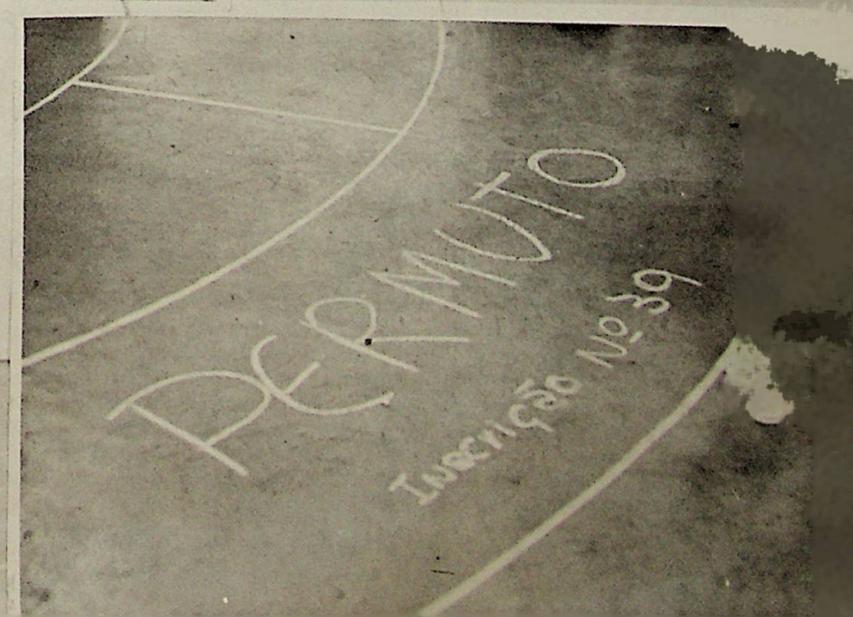
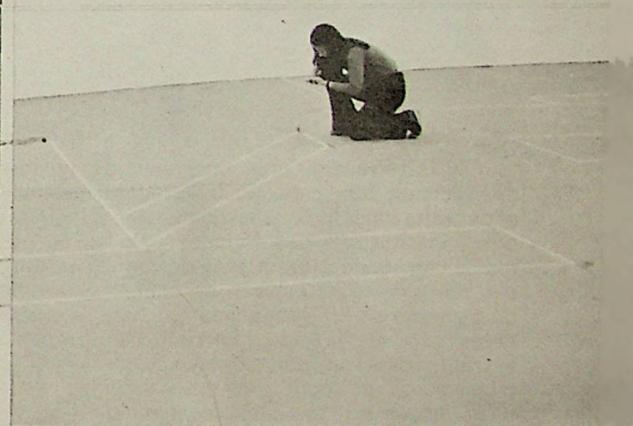
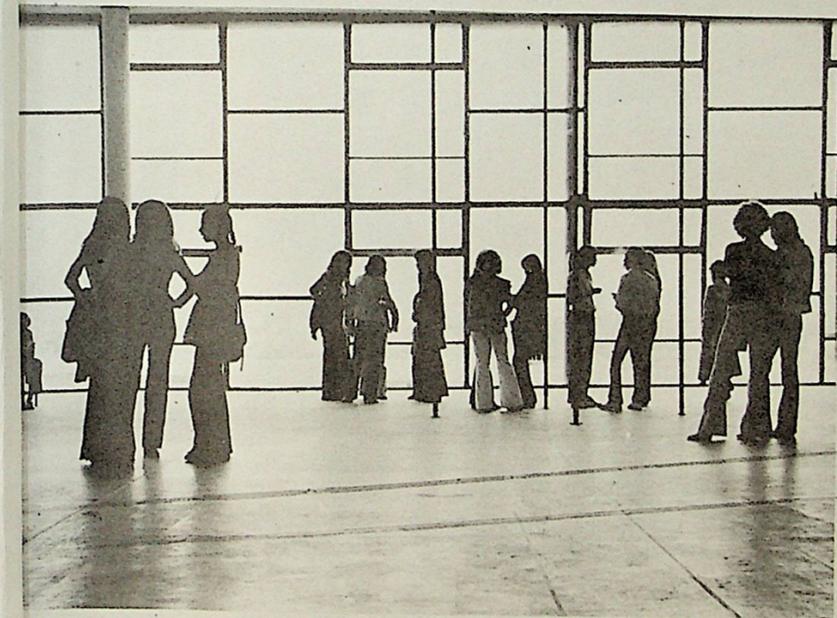
Para a sua manifestação anual de jovens o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo estabeleceu critérios que pudessem atender a esses novos estágios da linguagem e em condições de denotar o alcance e a importância do elemento processual que caracteriza a problemática dessas tendências. Deslocando o interesse pela obra feita para o da presença pessoal do artista no Museu provocou ao mesmo tempo uma situação moral de trabalho em comunidade em que se previa também a intervenção do público.

A idéia de dividir a área de exposições temporárias do Museu (1.000 m²) em espaços de diversificadas dimensões e de destiná-los por sorteio aos inscritos foi adotada. Ela partiu do artista Donato Ferrari e na formulação da manifestação colaboraram o Prof. Raphael Buongiorno Netto e o Prof. Laonte Klawa (*). Mas esta atribuição de espaços — sendo um desafio para os artistas pelo conteúdo das zonas que deveriam elaborar segundo um cronograma pré-determinado — não significava sua posse definitiva. Entre as condições de participação da JAC-72 estavam claramente especificado que haveria a "verificação dos programas de trabalho" e até "eventuais cancelamentos de lotes" para os que não observassem as normas constantes da regulamentação.



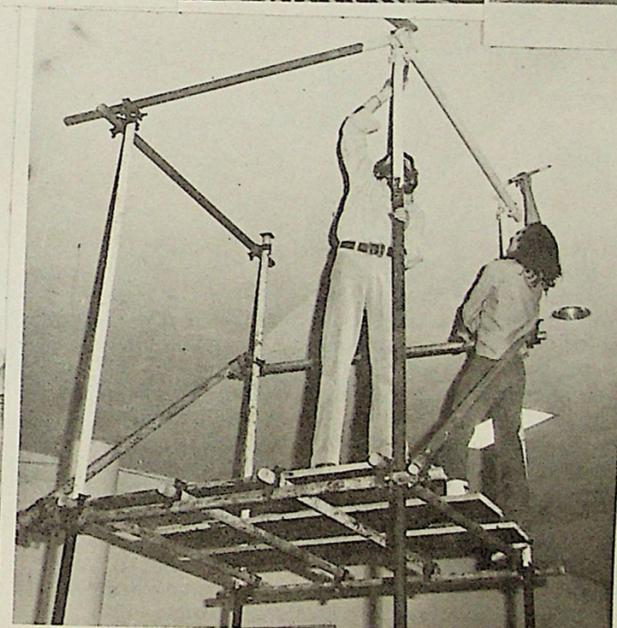
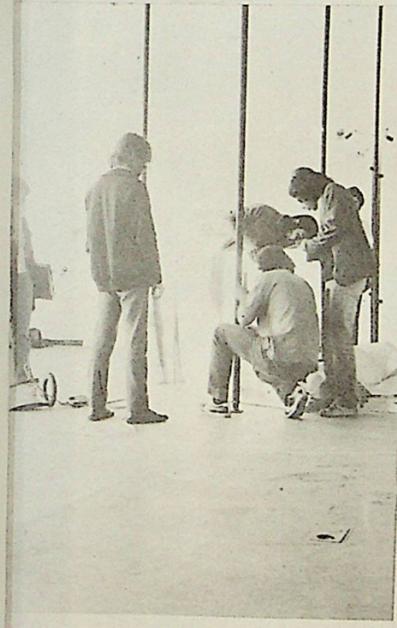
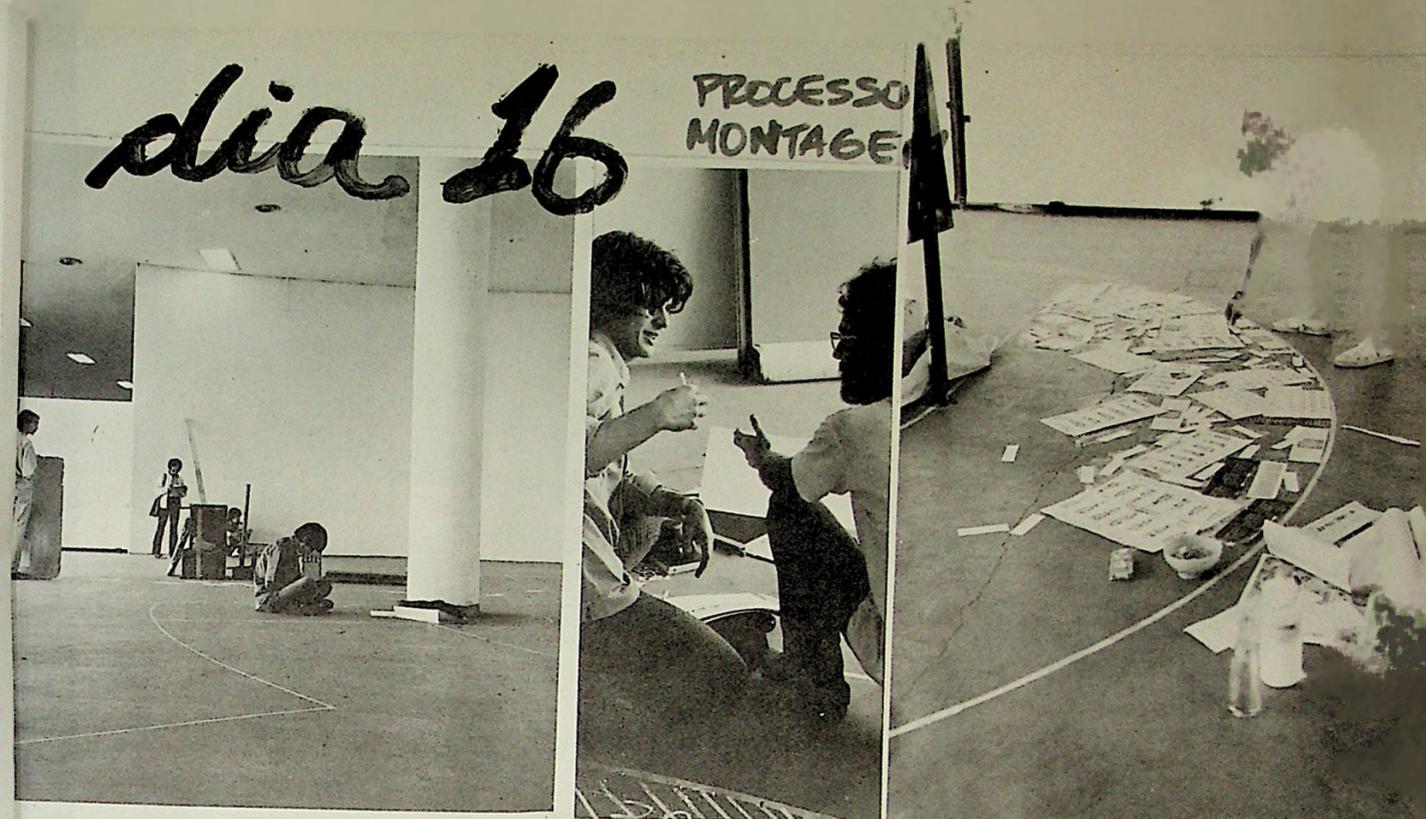
14 PERMUTA I

Somente serão consideradas se devidamente comunicadas e esboçadas pela comissão coordenadora nos dias e horários fixados no programa.



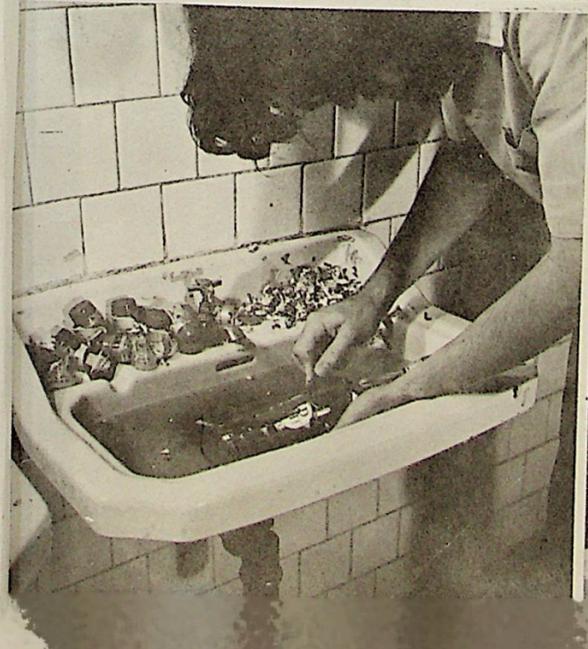
dia 16

PROCESSO MONTAGEM



Dava-se assim uma oportunidade igual aos concorrentes para que exercessem sua capacidade criadora, prevendo o regulamento inclusive a permuta dos lotes, verificando-se ademais na prática que não poucos dos inscritos não beneficiados pelo sorteio e realmente interessados na exposição, encontraram uma forma de participação, sobretudo na formação de equipes. O espírito de colaboração possibilitou também a inclusão de projetos de artistas ausentes. Tudo isto não significa que não houvesse aspectos negativos ou que tudo caminhasse de acordo com o esquema teórico. Notou-se, por exemplo, o individualismo de alguns participantes, alheios aos esforços dos seus vizinhos. Apareceram ainda as posições elitistas de artistas mais conhecidos que sentiam a ameaça de serem preteridos aos neófitos pela sorte ou que interpretavam como um demérito o fato de compartilhar o espaço com anônimos, a meu ver atitude não fundamentada, levando-se em conta as finalidades de uma exposição que desde 1963 tem ajudado a despertar e a revelar novos e por vezes importantes valores para a arte no Brasil. Neste sentido, nada mudou na JAC, a não ser que desta vez houve o comparecimento de um número bem maior de estudantes muitas vezes participando ou colaborando ao lado de seus professores. É oportuno ainda lembrar que, informados no exterior da iniciativa do MAC, vários artistas brasileiros e estrangeiros de renome internacional aderiram à exposição, submetendo-se às regras do jogo, manifestando entusiasmo pelo programa e pela oportunidade de apresentar-se ao lado das gerações mais recentes.

Mas até que ponto as premissas da JAC-72 puderam ser observadas pelos jovens que durante 14 dias transformaram a sala de exposições temporárias do Museu num enorme hangar de trabalho? Está fora de dúvida que o ambiente nada tinha a ver com o que peculiariza o atelier de um artista, nem se tratava da justaposição de vários ateliers, assim como a situação era inteiramente diversa das pesquisas que se realizam no domínio fechado da escola de artes ou de certas iniciativas procurando envolver o público numa atividade manipuladora de materiais ou ainda da atmosfera que se possa criar cedendo temporariamente o espaço a alguns



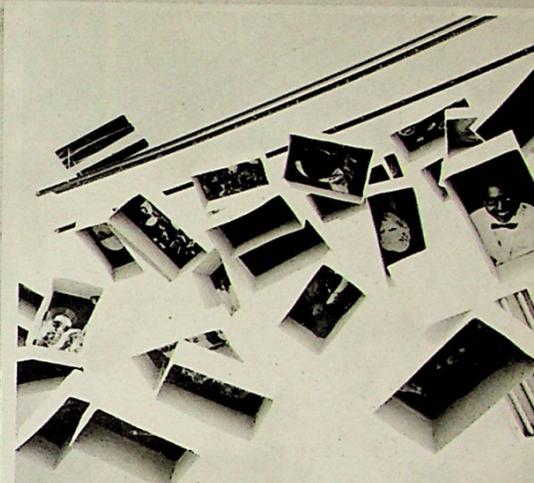
artistas convidados. O que se intentava de um modo geral — e que o próprio MAC já procurara realizar ao menos parcialmente em manifestações anteriores — era tornar possível uma ampla e direta vinculação do artista com o museu visando ao mesmo nível a uma nova fórmula de aproximação com o público. Este problema é hoje essencial para a sobrevivência dos museus de arte contemporânea e tem sido o tema central nas reuniões do "Comité International des Musées et Collections d'Art Moderne" (ICOM). Em Bruxelas (1969), Paris (1971), e em Varsóvia — Lodz — Cracóvia (1972), os dirigentes de instituições museológicas tornaram-se absolutamente cômicos da impossibilidade de suas entidades continuarem a manter-se exclusivamente na condição de órgãos técnicos da apropriação, preservação e exposição de objetos de arte, ou seja, de órgãos expectantes de produtos destinados às suas salas contemplativas de exposição. Se essas tarefas museológicas prosseguem, e com uma complexidade crescente, outros elementos despontaram no dia-a-dia do museu impelido num primeiro tempo a tomar consciência da explosão das categorias técnico-estilísticas tradicionais e a seguir a fazer face à multiplicidade de proposições que se definem como realidades transitórias, ou seja, fora do sentido individual e permanente visado como regra na dialética anterior da expressão artística. Mais ainda, a realidade filtrada e transcendente do museu vê-se cada vez mais confrontada à existencialidade profana das coisas e esta constatação certamente o obrigará a reformular seus interesses ditados por uma filosofia unicamente preocupada com as mais belas essências produzidas pela humanidade.

O que se constatou na 6.ª JAC é que as premissas exigidas para a participação foram cumpridas a rigor apenas por uma minoria que realmente soube captar a idéia da realização de um processo mental (e não meramente físico). Mesmo assim, a experiência em conjunto revelou uma força extraordinária. Na sua transmissão de valores existenciais e sociais, no poder imanente de reflexão e comunicação, contido em bom número de proposições, as quais foram acompanhadas de textos em que se enunciavam os intentos dos trabalhos, às vezes sua parte orgânica, noutras ocasiões adicionalmente valiosos no testemunho do problema enfrentado.



Verificação dos programas de trabalho
processo / montagem

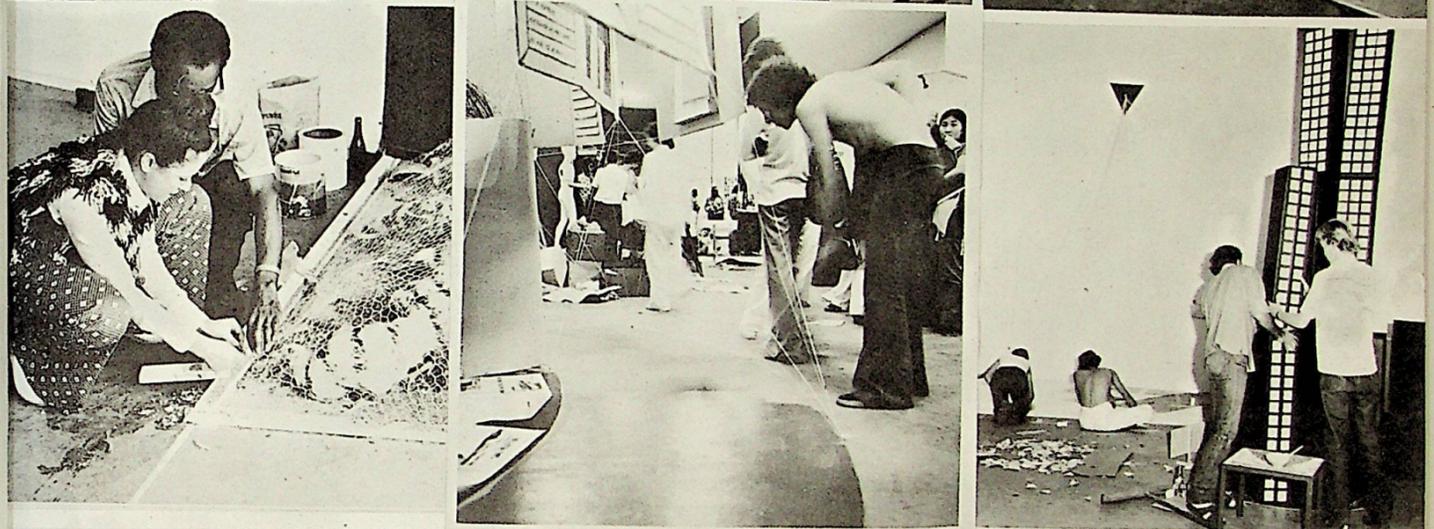
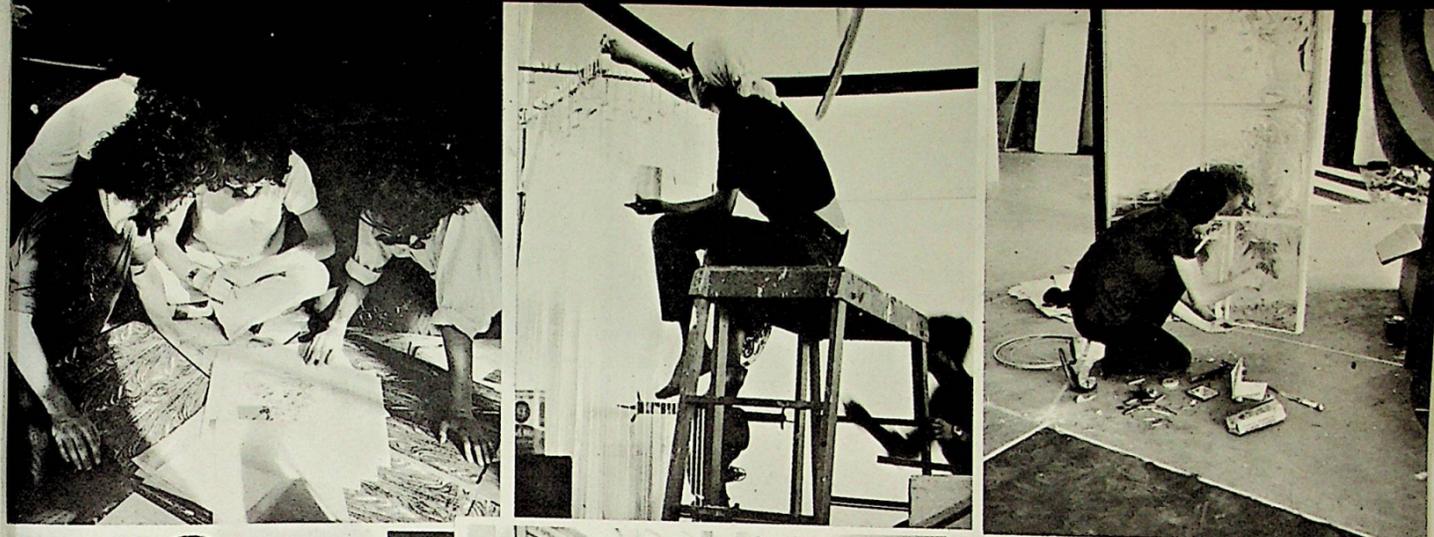
DIA
17



Não se tratava de uma "exposição" para ser vista em cinco minutos ou numa noite solene de inauguração; era um tipo de manifestação para ser acompanhada na sua vivência, no seu crescimento diário, no diálogo com uns e outros, na procura da compreensão de cada atitude, de cada comunicação, por mais hermética ou ingênua que se revelasse, no entendimento dos seus resultados ou frustrações. Até a trivialidade de certas propostas ganhava no contexto uma dramaticidade raramente transmitida por uma exposição. Foi uma mostra duramente amarrada à existência diária, válida, autêntica, impressionante na sua verdade. Mesmo a ausência de maior senso de integração por parte de uns poucos, não afetou o resultado global da elaboração dos lotes e das "performances". Também para um tipo de experiência nova como a JAC-72 era de se esperar a costeira dose de incompreensão: um crítico chegou a supor que o MAC incorrera na futilidade de colocar uma pianista à entrada da exposição para animar com um fundo musical os que trabalhavam na execução de seus projetos. Não se tratava de um fundo musical, mas de uma proposta de Jannis Kounellis. Não faltava, por entre o labirinto de circulação, uma série de proposições atualíssimas, muitas de ordem conceptualista, de nos fazer particularmente recordar problemáticas da V Quadrienal de Kassel ou da exposição "Amsterdam, Paris, Düsseldorf", em realização no Guggenheim Museum, o que demonstra uma inserção de seu "Spiritus loci" no universal. Não cabe aqui particularizar essas contribuições. Em seu conjunto constituem-se numa notável exemplificação das potencialidades das novas e novíssimas gerações brasileiras.

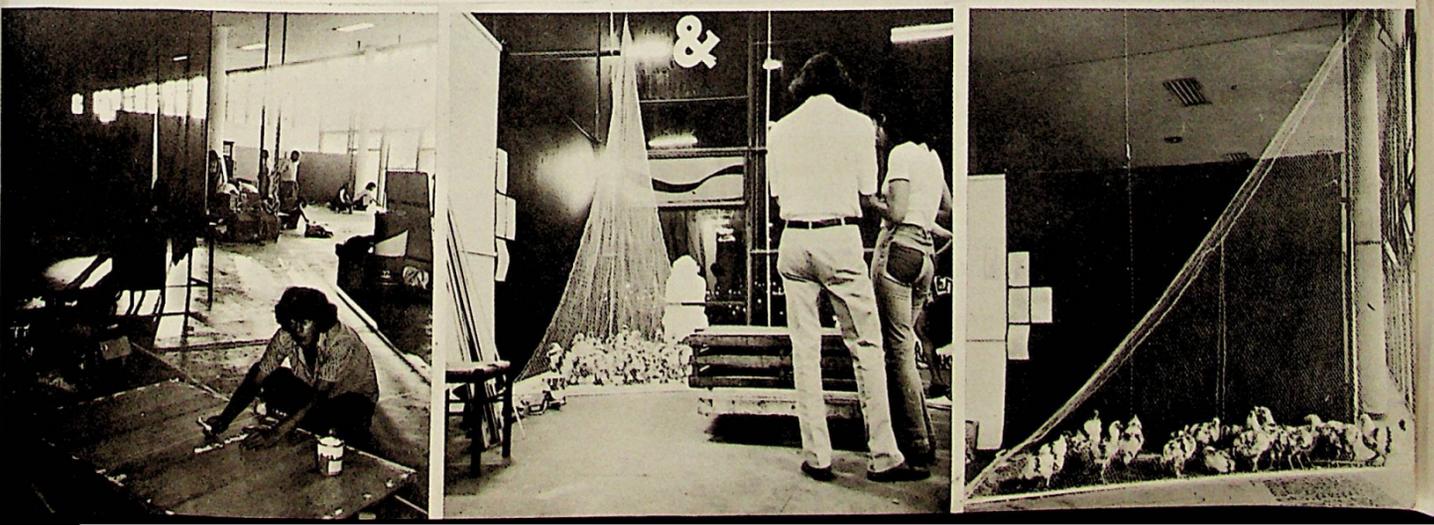
Walter Zanini
Diretor do Museu de Arte
Contemporânea da Universidade
de São Paulo

1 - A compartimentação da área foi desenvolvida por um grupo de estudantes de comunicação visual da Fundação "Armando Álvares Penteado", sob a orientação do Prof. Laonte Klawa.



Dia 18

Processo / montagem



JAC 72 MODOS E MODELOS

O modelo comunicativo simula as características consideradas essenciais do sistema real de acordo com uma premissa crítica assumida. Modelo de uma situação portanto pode ser apresentado mediante outra situação, que poderia permitir um experimento comparativo suscetível de ilustrar as consequências prováveis de fatos acontecendo. Modelos físicos operam pela mudança de escala e os analógicos pelas correspondências. Os "happenings", desenvolvimento das premissas da "pop", do "nouveau réalisme" e do "popcreto", (o exemplo do grupo Fluxus), utilizam métodos físico-analógicos adotando a crônica como modelo da realidade mais profunda. É um modo de atribuir às coisas, situações e personagens significados prevalentemente indicativos e críticos.

Os modelos abstratos (matemáticos) diversamente pertencem à Arteônica, que simula a realidade mediante dados numéricos e processamentos lógicos.

Numa abordagem crítica abrangente é possível distinguir nos movimentos artísticos atuais dois vetores fundamentais que correspondem respectivamente ao menor e ao maior grau de **abstração**: a comunicação pelo comportamento, — do gênero apresentado pela JAC 72 — e a Arteônica, ou comunicação pelos sistemas cibernéticos, que utiliza meios eletrônicos — entre os quais o computador.

O grau de abstração vem caracterizar os métodos e indica a escala de atuação adotada pelo artista.

Em ambos os endereços a obra-coisa deixou de ter importância. Agora o projeto substitui o objeto.

A "obra" objeto físico da representação — totem da sociedade de consumo — é substituída por eventos programados de acordo com a estratégia última.

Nesse sentido a dicotomia — que não é antinomia — Arte Comportamental/Arteônica apresenta valores básicos comuns, muito mais evidentes e salientes se compararmos esses vetores de desenvolvimento com os produtos do sistema da cultura do entretenimento e do mercado (as 'beaux-arts' correntes).

A indústria do entretenimento invadiu a chamada **cultura superior** e a arte também, tornando tudo muito elementar, fluível sem esforço e principalmente comprável.

A arte explica, o entretenimento explora.

Prof. Waldemar Cordeiro
Universidade Estadual de Campinas



Processo
Montagem

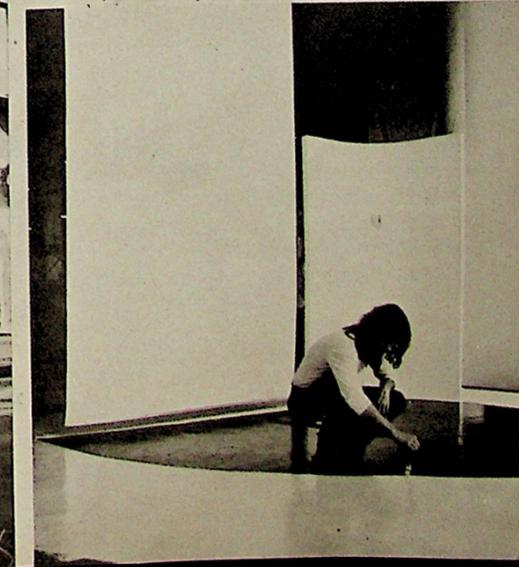
DIA 19

Verificação da ocupação do lote -

Serão considerados definitivamente atribuídos a seus proprietários os lotes que preencherem uma das duas condições seguintes:

- 1- Desmontelamento de um processo montado
- 2- Apresentação de proposta escrita

A não realização de pelo menos uma destas duas condições implicará na retirada do lote de seu proprietário inicial -



MEU ÂNGULO DE OBSERVAÇÃO SOBRE A JAC-1972

A proposta da JAC de 1972, contrariando os esquemas anteriores, aparentados com as exposições tradicionais, é a proposta de um acontecimento que contém o gérme para desencadear outros acontecimentos. É um resumo crítico das contingências em que vivemos, que as representa de forma a aguçar as nossas reações e oferece uma situação privilegiada, onde as conseqüentes reações encontram abrigo.

Portanto, o que se chamou depois a "confusão" resultante tenha sido o retrato do nosso estado de perplexidade.

Desafio a quem disser ter encontrado a solução clara e certa, a opção ordenada que possa conciliar a inquietação de nossas consciências com a impotência irremediável a que conduz a acomodação.

A confortável ordem estética das aparências, almejada por alguns, seria um retrato falso ou superficial da situação do mundo. E, afinal, pretende-se ou não que o artista represente sua visão de mundo?

Por mais que cada qual pudesse apresentar uma visão mais ou menos ordenada seria muito exigir, ante tantas perplexidades reunidas, que um conjunto apresentasse uma unidade harmoniosa.

Na Bienal de 1967 queixavam-se muitos da confusão e má qualidade do conjunto atribuída então, entre outras razões, à falta de critérios de julgamento.

São duvidosas tais interpretações e juízos de valor. Aquela "corrida de S. Silvestre" foi a necessária constatação de uma situação, que terá escapado, à revelia dos organizadores.

O panorama aos poucos se transforma.

Os júris ou comissões de seleção, com seus critérios estetizantes, limitam e padronizam o aspecto do que afinal aparece, funcionando como censores que, através de sua escolha ou cortes, criassem uma visão "ideal" de uma realidade.

Daí, talvez, o aspecto manso, comportado e decorativo das Bienais e Salões dos últimos tempos. Pode-se encontrar neles evocações acadêmicas que em nada perturbam a boa paz dos visitantes, mesmo a inquietação ao puro nível da especulação visual é comedida.

No caso da JAC-1972, o sorteio para agraciamento de lotes eliminou estes condicionamentos. Tivemos assim a manifestação criativa de 84 pessoas, ou grupos, constringidos a um regulamento que eu chamaria "resumo de uma conjuntura".

Os resultados foram chamados "lixos" e "confusão" por observadores saudosistas. Os participantes, observados por olhos moralistas, foram tachados de "meninos mal educados".

De certa maneira o MAC funcionou como enorme palco para um psicodrama em que à representação se acrescentaram realizações.

A meu ver a JAC-1972 é portanto um documento significativo de uma situação.

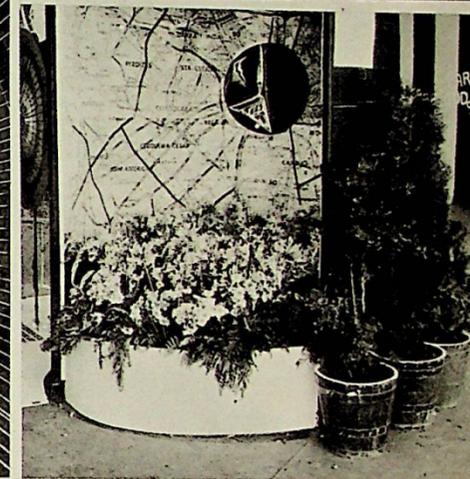
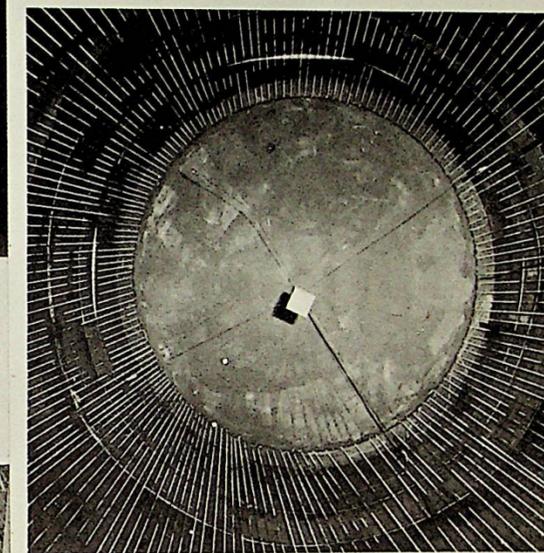
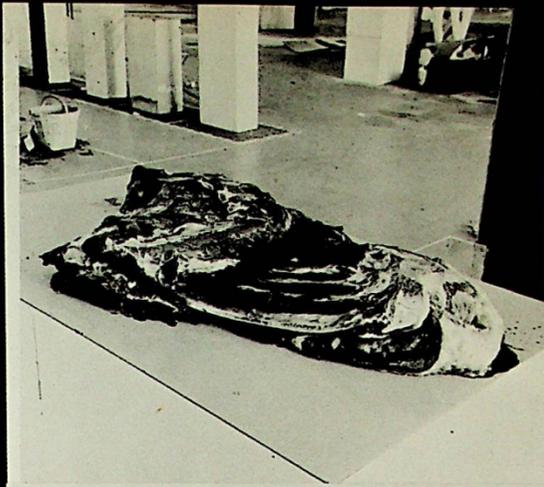
Estimulou, incomodou.

Serviu.

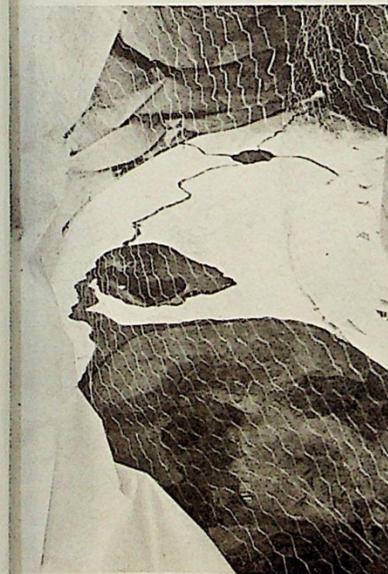
Já não serve, se quiserem repeti-la.

É urgente inventar outras.

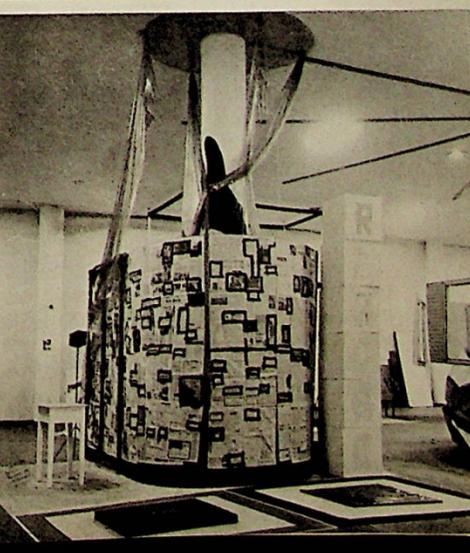
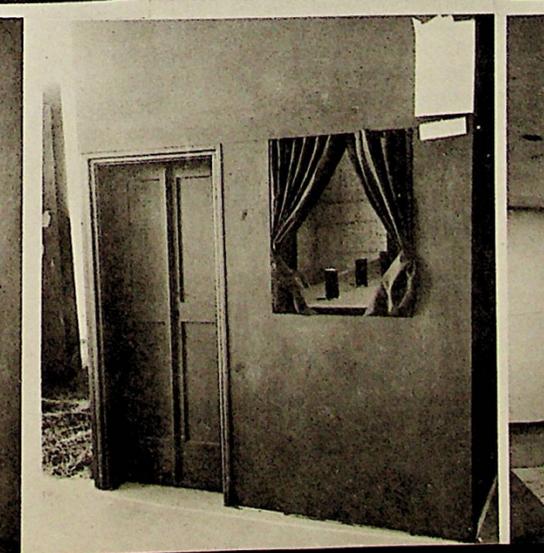
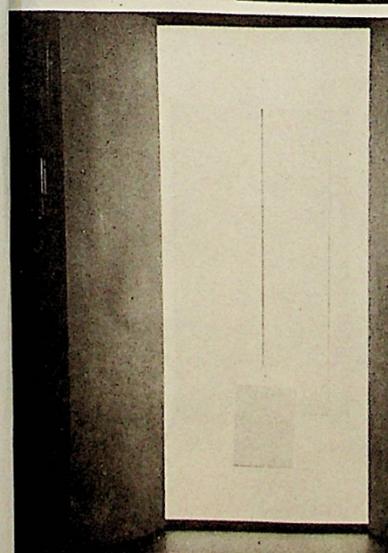
Amélia Amorim Toledo

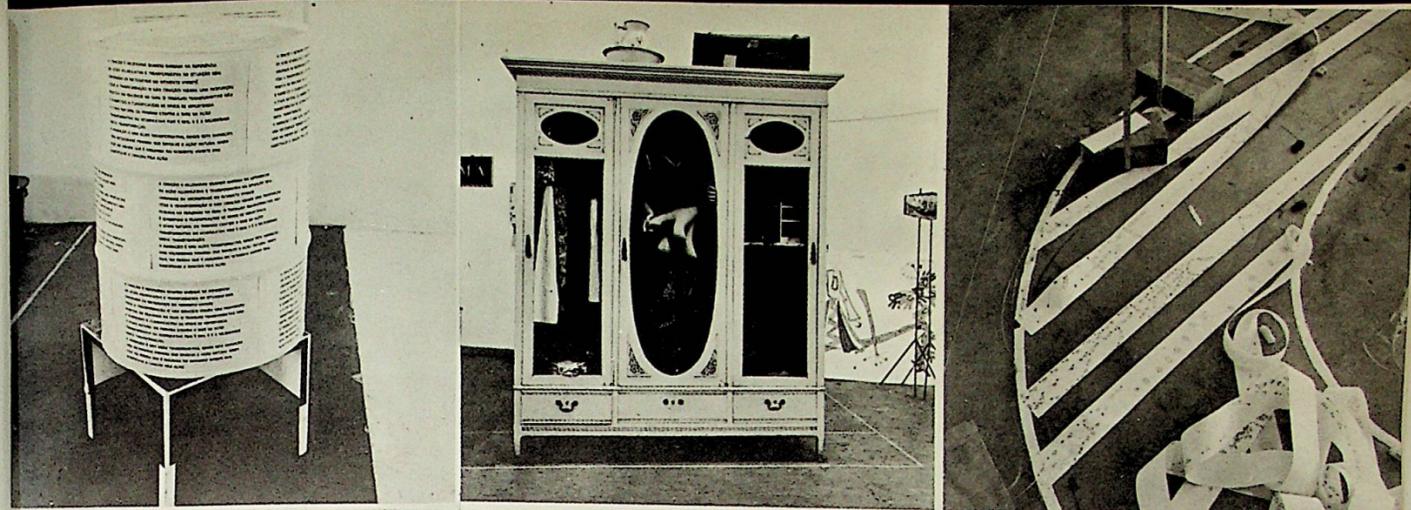


Processo /
Montagem



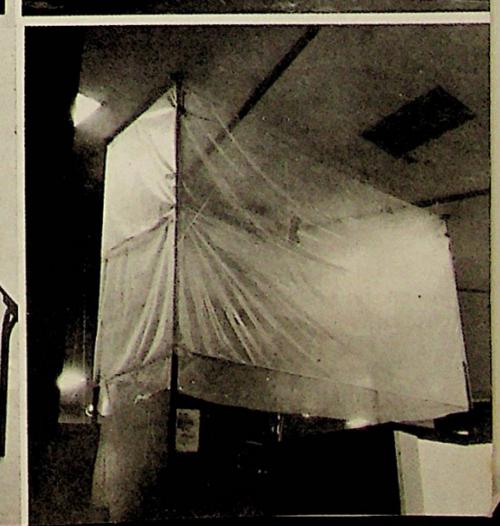
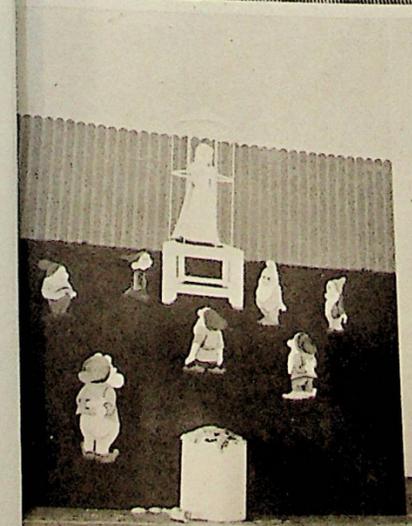
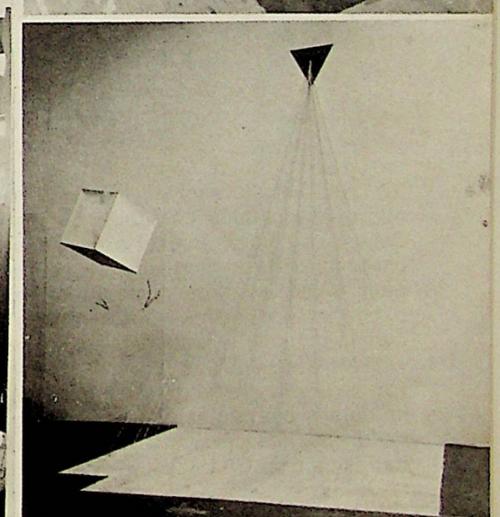
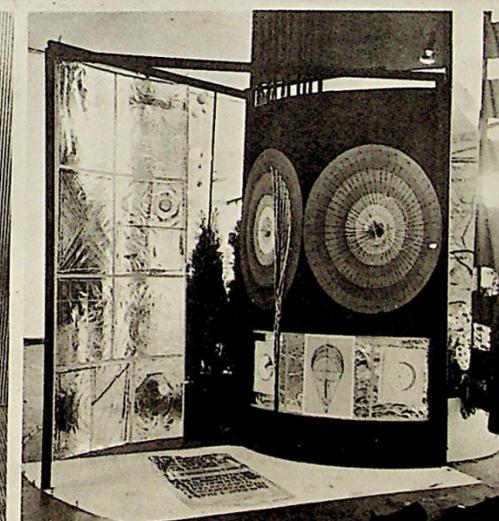
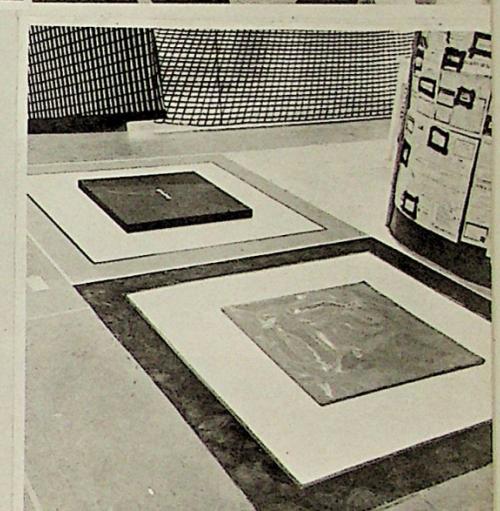
DIA
21





Dia 23

Processo / Montagem



VERBETE OCASIONAL

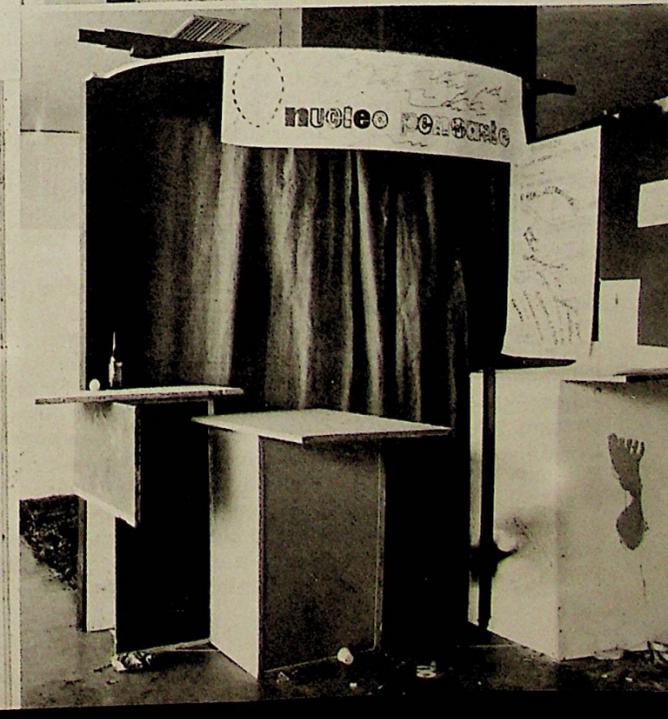
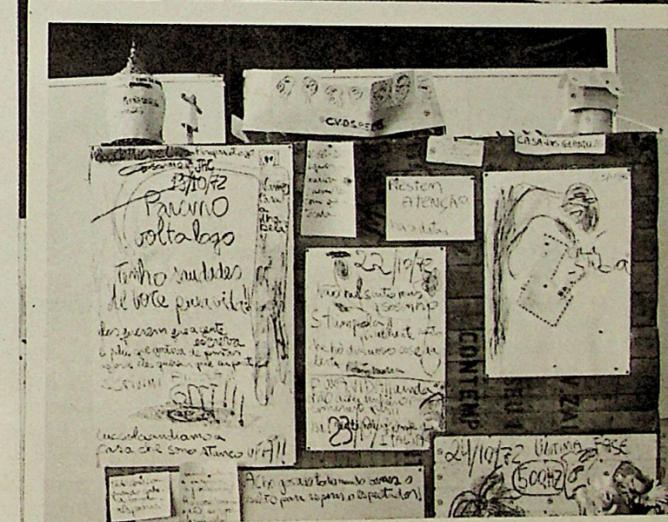
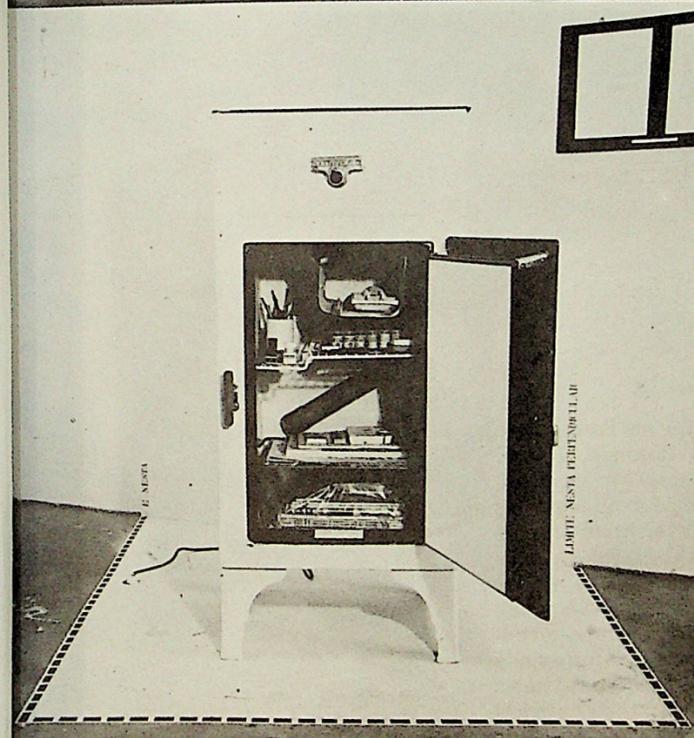
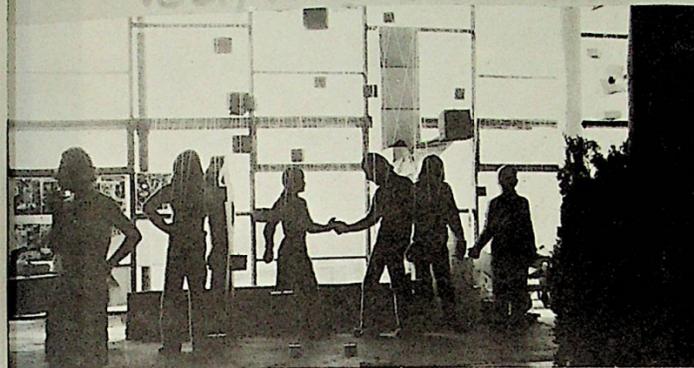
Não basta inferir que os artistas que superlotaram mil metros quadrados na vasta área do MAC no Ibirapuera, naquele mutirão original que foi a 6.ª Expo: JAC, se propuseram diversificar mediante estratégias atuais os cismas veementes àquilo que na dicotomia Literatura-Arte se chama (va) Norma, Código, ou Paradigma. Pois seria dedução incompleta vinculá-los a influxos meramente miméticos de transgressão somente artesanal e estética. Cumpre reconhecer-lhes também propósitos de crítica aos **systems** e aos **establishments** comparáveis aos protestos dos **provos**, dos **angry men** e dos **zazus**.

Contudo, o meu intento nas linhas que se seguem não é discorrer sobre o que se passou naquele hangar subdividido em alvéolos-ateliêrs e durante os debates das respectivas proposições, muito embora seja óbvio que dos lotes trabeculares e do debate-simpósio emergiram criações hígdas, surpresas substantivas, conceituações dialéticas, e até mesmo efeitos psicodélicos e escatológicos. Proponho-me, exclusivamente, oferecer ao leitor plural um histórico sumário das performances que de mais de meio século para cá tem conseguido em pistas paralelas esses campeões gêmeos, a Literatura e a Arte, espécie de Cosme e Damião que, mudando de **caterpillars** de quando em quando, têm dado milhares de volta pelo Da Sein, isto é na Situação-Limite do Limbo onde vivemos. Colimam uma terraplenagem reformadora e dispõem, como oficinas para conserto e abastecimento, de ateliêrs, redações de revistas, mesas de cafés e **campus** universitário. Valem-se como pontas-de-lança e cabeças-de-ponte, das "escolas" e dos "ismos". Para orientação, eles antes levavam os tais espelhos citados por Stendhal, já agora substituídos por instalações portáteis de radar, que lhes transmitem à medula, aos nervos e ao cérebro as crises sociais, políticas, econômicas, estéticas e ideológicas.

Didaticamente, me bastaria discriminar essas catapultas que, isoladas ou em grupo-de-trabalho, disciplinadas ou anárquicas, o Fauvismo, o Expressionismo, o Cubismo, o Futurismo, o Dada, o Surrealismo, o Vorticismo, a Ponte, o Op-Art, Phases, Cobra e a Arte Conceitual, tentam esbarroandar as sedimentações lúdicas e hedonísticas. Não raro se interajudam ou se atrapalham. Convém, no entretanto, humanizar, onomasticamente os corredores que as manobra(va)m.

Dia 24 ENCERRAMENTO DA PUBLICAÇÃO DA PROPOSTA

Verificação dos lotes



Nas Letras, sem dúvida foi Jarry quem adotou (ou adaptou) o humor negro erguendo à categoria de instrumental a Incoerência e o Absurdo. Bisavô adotivo de Becket e de Ionesco. De fato, o autor de **Ubu-Roi** (e cujo centenário de nascimento se comemora neste ano de 1973) transgrediu, quer vivencialmente quer literariamente, as normas fisiológicas (foi um dipsomaniaco), processuais, éticas e estéticas, atuando inclusive como cobaia humana voluntária e experimental.

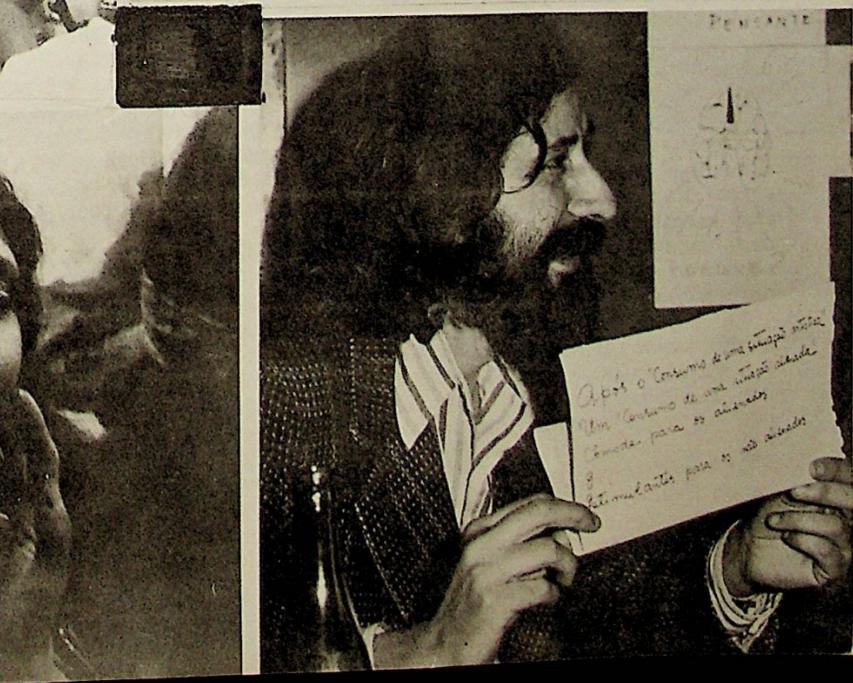
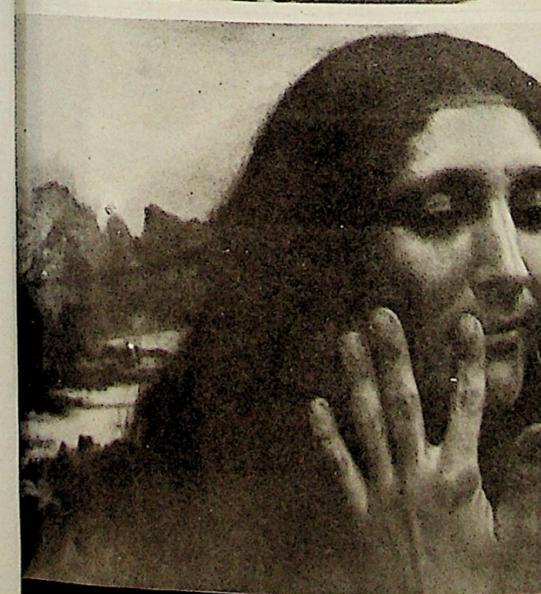
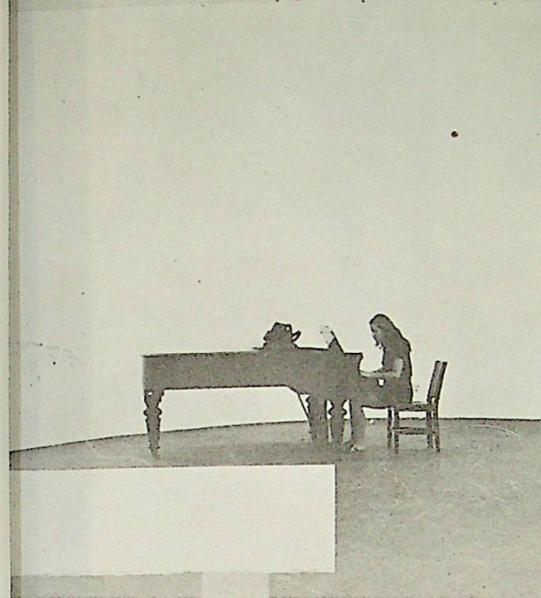
Mais tarde, em Artes Plásticas, Picabia, assumindo funções de instrutor da Vanguarda, sofismava que "a razão é uma luz que nos faz ver as coisas como elas **não são**". E um seu colega nos garantia que "a realidade possível de se discernir só se obtém distendendo um pouco as leis da Física e da Química". Marcel Duchamp exigia que o olho do artista fosse sésil para poder dominar 360 graus, e Breton considerava atuante apenas o escritor ou o artista que mantivesse em estado de alerta o dom da provocação. Aliás, estes dois últimos (Marcel Duchamp e André Breton) atuaram em regimes opostos. Um, pelo desprezo que logo manifestou pelas Artes acanalhando-as com os seus **ready-made(s)** transportados em valise-portátil e manipulados em bancas sanitárias. O outro, como médico que também foi, operando-as nas ambulâncias do Surrealismo.

Todavia, neste século a rutura radical com o Passado Artístico e Literário foi feita pelo grupo do movimento Dada, em Zurique (que se estenderia depois ao Hanover, à Colônia e à Berlim), o qual não se satisfaz em desertar da guerra de 14 a fim de permanecer **au dessus de la mêlée** com Romain Rolland, mas se empenhou em ridicularizar o soneto, a métrica, a rima, o quadro, a moldura, o cavalete, as bibliotecas, os museus, os figurões, os políticos, os estados-maiores, escandalizando na pacata Suíça a burguesia, a polícia e os **badauds**.

Na verdade, o que de então em diante ocorreria proveio da mentalidade negativista do Dada. Até mesmo obras-primas como o filme **L'âge d'or** de Buñuel, a peça **Les mamelles de Tirésias**, de Apollinaire e o romance

dia 25

Apresentação
Espectáculo
Acontecimento



Le revolver à cheveux blancs, de Breton. Como estudante na Europa não me interessei apenas pelos passadistas dos cafés **La Rotonde**, **Dôme**, **Flore**, **Deux Magots**, mas também pelas arruaças de Vaché e Cravan, pelos **blousons noirs** da Galeria Tanner de Mme. Van Rees, pelas **boutades** das revistas **Die Schammade**, **Dada**, **Die Aktion**, **Sic**, **Cannibale**, **Minotaure**, e pelas inaugurações-bagunças na Sala Fautleuten e na Sala Pleyel esvaziadas pelos gendarmes. Cheguei mesmo a frequentar como intruso, o bar de Mme. Wassilieff. Em viagem de Paris para Berlim, como o rápido se detivesse em Colônia, então ocupada pelos ingleses, a bem dizer fui arrancado do vagão Pullman por um grupo de Relações Públicas de determinada galeria, os seus componentes uns latagões cínicos vestidos de Primeira Comunhão e que, à entrada do recinto equidistante da estação, da catedral e do Hotel Kaiserhof, me ofereceram ao som de canções obscenas, uma tesoura, uma faca e um porrete para dilacerar à vontade trabalhos ali expostos de Max Ernst, Ball, Huelsenbeck e Baargeld.

Contudo, se havia esses redemoinhos ativistas, também houve casos isolados e isolacionistas de Baader e Schwitters, duas espécies de anacoretas das Artes, colecionadores de detritos, a ponto de um construir e por assim dizer se enclausurar dentro duma arquitetura como que mesopotâmica, de vários andares; e o outro soerguer, com o seu Merzbau, uma réplica da torre de Babel até que, vigiado pelos nazistas, teve de desmontá-la a fim de a levar, Deus sabe como, para as agruras do exílio. Os seus exemplos inspirariam, mais tarde, Burri e Dubuffet. Este, com a sua texturologia; aquele, com o emprego de suportes e ingredientes exóticos, tais como portas carunchadas, sacos de amiagem e lâminas de sucata. E isso a tal ponto que, deixando longe os **tableaux-poèmes** de Breton e os caligramas de Apollinaire, Severini, Millares, Feito, Baj, Rauschenberg, Fautrier, Baldaccini e Jasper Johns passaram a se valer de resíduos de terrenos baldios (latas, detritos e bonecos quebrados). Um deles afirmou que o lixo era mais útil do que os tubos de tinta azul da Prússia ou verde Veronese. Max Ernst expôs latas de conservas furadas gotejando estranhas substâncias. Yves Klein se apresentou nu na inauguração da sua exposição, uma sala vazia tendo ao centro uma banheira, nela se meteu e enquanto uma banda de música à entrada tocava **La Madelon**, atuou como pincel corporal pintando as paredes com imitações de Pollock. Arman

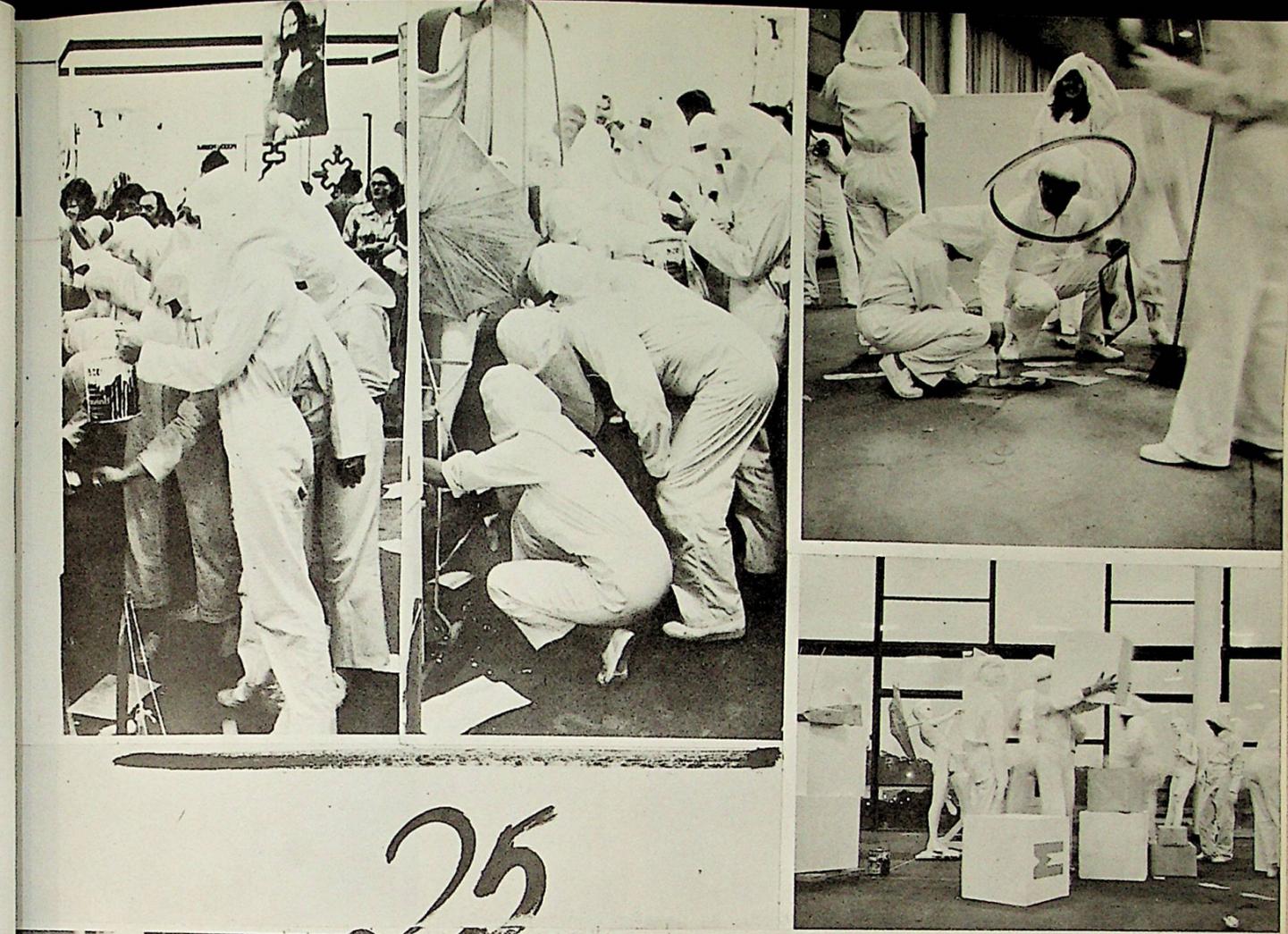
deu em assustar a sua assistência arremessando contra ela **tableaux-pièges**. Um teórico do grupo explicaria que o mundo visível e tangível não passa de sucessivos trapiches abarrotados de coisas cuja enumeração está nos dicionários e nas enciclopédias mas cuja classificação e uso pertencem não mais aos geólogos e aos arqueólogos e sim aos poetas tipo Saint-John Perse e aos artistas tipo Restany. Assim, não tardou que objetos de toda laia passassem a ser expostos até mesmo no Pavilhão Marsan do Museu de Artes Decorativas, nas Exposição de Arts Menagers no Petit Palais e no Festival de Arte de Vanguarda.

Natural e lógico, portanto, que nestas duas últimas décadas, com a democratização das Bienais de Veneza, São Paulo, Paris e México e da Quadrienal de Roma, caíssem em desuso os cerimoniais e os protocolos ainda tipo Belle Époque, os artistas se apresentando não mais como **chers vieux Maitres** e sim como proto-hyppies disfarçados quanto à indumentária, em **gueux** e em **clochards**, e suas respectivas obras parecendo provir da ilha de Patmos. Natural e lógico, portanto, que ao invés dos discursos de inauguração surgissem os **happenings**; e que além de desenhos, gravuras, telas e esculturas, também surgissem pesquisas operacionais equacionando axiomas centrifugados dentro do **huis-clos** de caixas, cubos, tendas e labirintos repletos de assemblages.

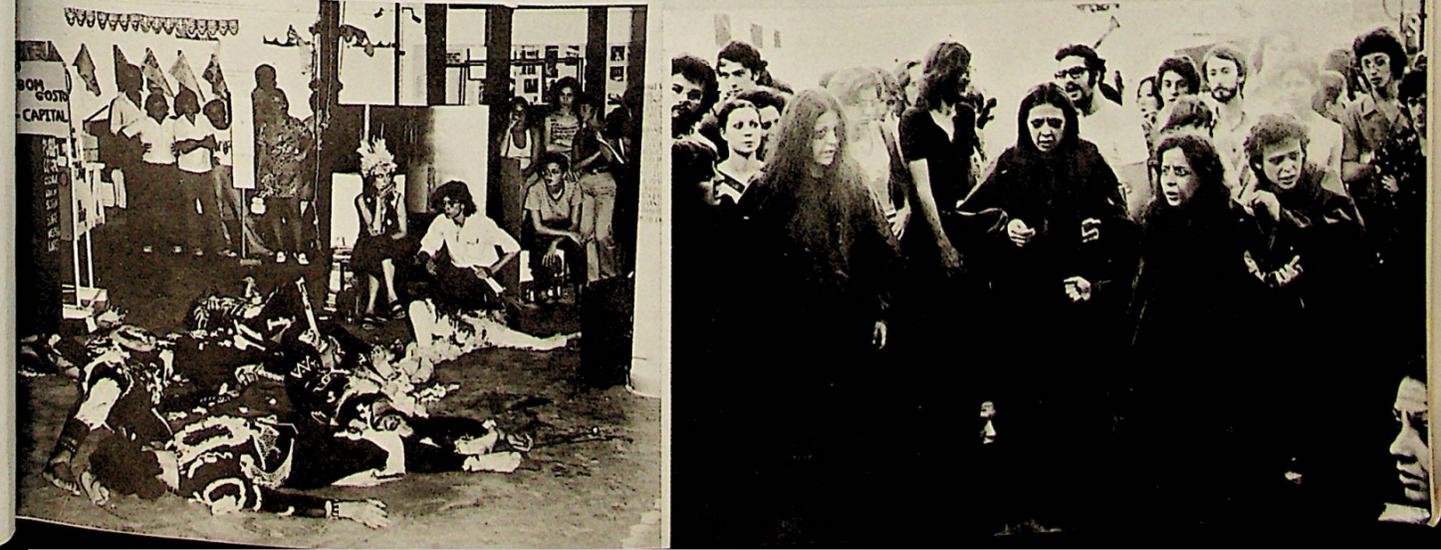
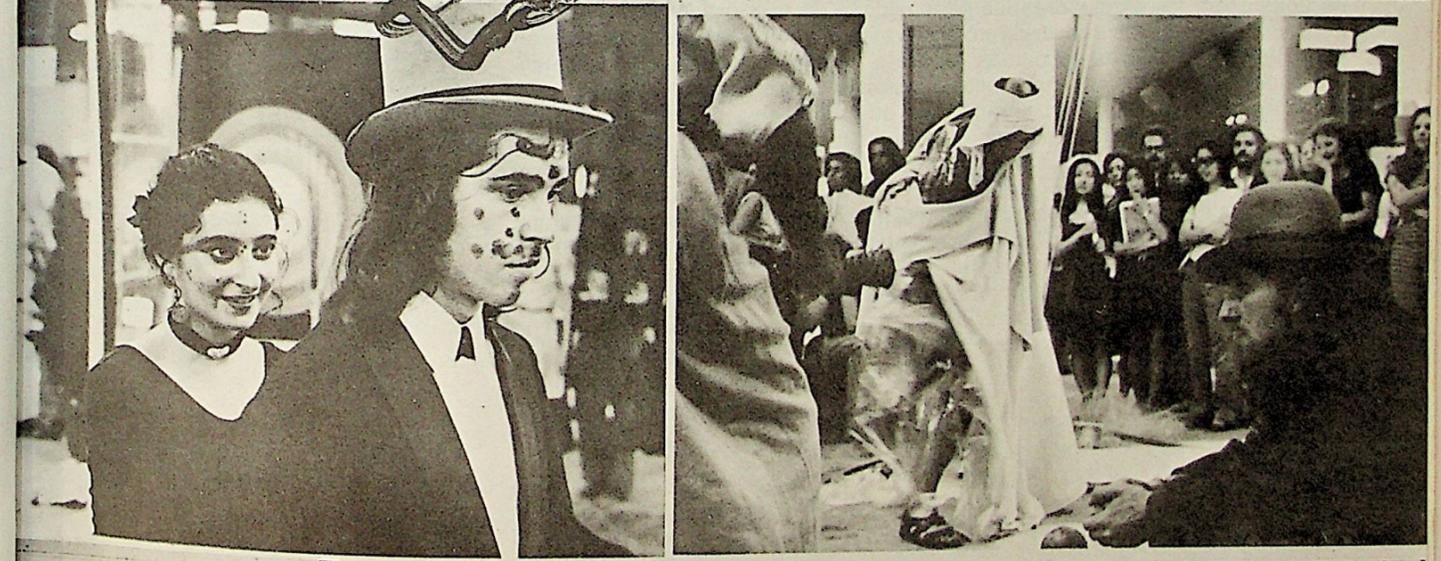
De maneira que pouco a pouco, quer em exposições individuais quer em mostras coletivas, o repertório, além do predomínio de Pop-Art e Arte Conceitual, deu em apresentar confecções esdrúxulas. Dir-se-ia que os expositores adotaram como **slogan** profano um dístico religioso. "**Et verbum caro factum est**". Visto que, mais do que objetos, do que coisificação, tendem a apresentar matérias viscerais. Evidentemente, não como experiências plásticas e artísticas, mas como elementos de protesto e de provocação.

Inaugurou tal processo (ou procedimento) um artista italiano, homônimo do escritor romântico Manzoni, autor de **I Promessi Sposi**. Esse pintor ultra-dadaísta remetia para exposições produtos coprológicos enlatados, como crítica diabólica à Sociedade de Consumo, causando talvez aqui no Brasil estímulo marginal a Barrio, Gusmão, Walquiria e Meirelles, os quais inauguraram entre nós essa dialética do escândalo!

Vi em Kassel, na minha última viagem à Europa, na Coletiva Dokumenta, ao lado das salas edificantes de Mística e de Hagiologia, os setores polêmicos de Beuys e Nitsch. E longe estava eu, então, de supor que essa prática se tornaria comum até mesmo pleonástica, por toda a parte.



25



Ora, convém desejar que todos os museus se dessem conta, através de seus diretores e zeladores, da necessidade de três ordenadas de tarefa gerundial. Uma, a de preservarem acervos exemplificadores das sucessivas civilizações e culturas e suas graduais metamorfoses ou fusões barrocas, continuando como pinacotecas clássicas ou retrospectivas mas não como meros depósitos. Outra, simétrica ou adicional, a de admitirem e incorporar as produções subsequentes, ou modernas. E a terceira, a de se transformarem também em laboratórios de pesquisas operacionais centrifugando artistas, críticos e público. Ter-se-ia, com esta terceira atuação, não mais apenas um Binário do Passado e do Presente, e sim um Trivium, já que as vanguardas com as suas experiências aleatórias constituiriam os esquemas do Futuro artístico; ou melhor, agiriam inclusive prevendo a gênese próxima tanto de produtos sadios como de malogros talidomídicos.

Indispensável e útil é o critério que vem norteando os Museus de Arte Moderna aqui e alhures, os quais de quando em quando conferem e acertam os passos, como ocorreu em Bruxelas em 1969, em Paris em 1971, em Varsóvia, Lodz e Cracóvia em 1972.

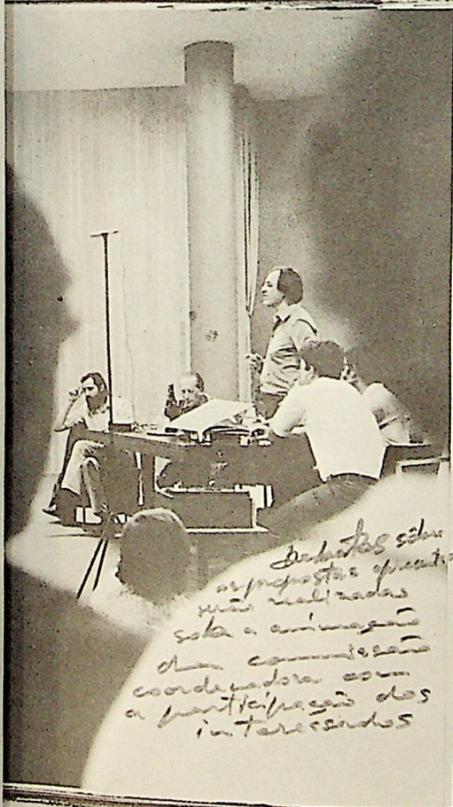
Se até aqui, antes mesmo de estar atento ao metrônomo do Comité international pour les Musées et les Collections d'Art Moderne (ICOM), o MAC da Universidade de São Paulo vinha estabelecendo exposições de "artistas jovens", mediante seleção e adquirindo obras para o acervo, contudo ainda agora neste sexto certame ampliou o seu equador e aprofundou o seu polo admitindo e convidando artistas de quaisquer idades (inclusive vários ausentes no estrangeiro mas que façam "arte jovem"). Isto é, aqueles e estes capazes de elaborar processos de expressão ideal e factual a bem dizer inéditos.

O resultado foi tão alvissareiro, que a Diretoria e o Conselho do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, decidiram prosseguir nessa pauta. Coube então aos críticos e à assistência opinar a respeito dos módulos empregados pelo elenco dos participantes. Se os pontos de vista variaram, isso é lógico já que se viram diante duma exposição múltipla e não duma exposição propriamente coletiva. E esses pontos-de-vista não se limitaram apenas aos quocientes artesanais e estéticos; mas também, como não podia deixar de ser, às frações decimais de certas surpresas dialéticas extravagantes, as quais por certo alvoroçaram até mesmo alguns curiosos que provavelmente viram não nos produtos mas nos produtores algo semelhante a uma psicoterapia de grupo.

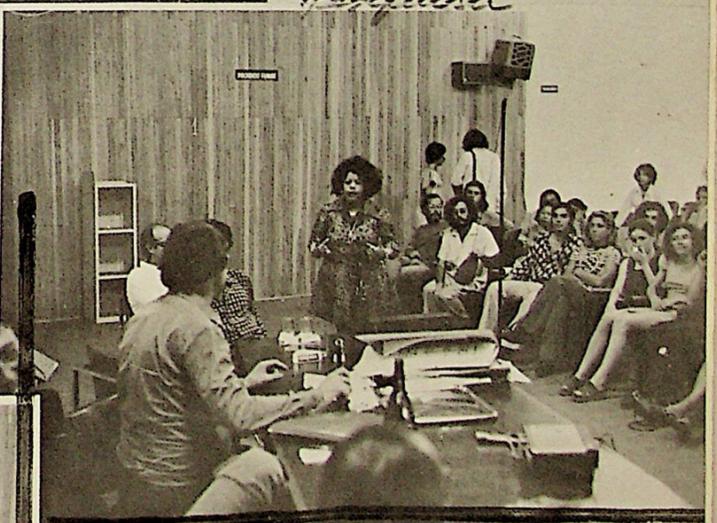
José Geraldo Vieira



Dia 26
discussão
proposta



27-28
Discussão Pública
proposta
Delegação de verbos de
proposta



INSCRITOS E PARTICIPANTES (*)

Lote

Abujamra, Fernanda Prado (S.Paulo, 1957)	
Aguiar, João Batista Costa (S.Paulo, 1948)	
Almeida, Gloria de (Ribeirão Bonito, SP 1928)	
Almeida, Marília Penteado Sant'Ana de (S.Paulo, 1948)	
ANDRADE, CIRCE BERNARDES (S.Paulo, 1951) - CLAUDIO TOZZI (S.Paulo, 1944).....	21
Andrade, Luiz Paulo Ferreira de (Uba, MG 1942)	
Andrade, Paulo de (Santa Maria, RS 1935) - Ivan Rotundo	
ARANTES, LUIZ AUGUSTO (S.Paulo, 1945) - CIGERO - F. THALI.....	37
ARANTES, NILSON LEONARDO (S.Paulo, 1952).....	83
ARAÚJO, MARIA LUIZA DE (S.Paulo, 1941).....	39
Araujo, Paulo Acencio de (Juazeiro, BA 1944)	
ARONIS, JACQUELINE (S.Paulo, 1955) - ADRIANO - GREGORIO.....	81
ASSUMPÇÃO, ISMAEL (Herculândia, SP 1944) - ODAIR MAGALHÃES (Dois Corregos, SP 1949).....	82
Azevedo, Ricardo José, (S.Paulo, 1949) e equipe	
Barrio, Artur (Porto, Portugal 1945)	
Barroso, Derly (Avanhandava, SP 1938)	
Bartalini, Wladimir (S.Paulo, 1948)	
Belser, Boruch Szmul (Lodz, Polonia 1950)	
Bertoncel, Romão (S.Paulo, 1950)	
Bertoncel, Romão - Grupo Lis	
Bononi, Maria Helena R. (Bauru, SP 1948) - Antonio Marcos Luesch Reis (Guaratingueta, SP 1944)	
BOSCOLO, AURORA (Lins, SP 1951).....	55
Braga, Marcelo (Rio de Janeiro, 1951) - Dalton Almeida Raphael (S.Paulo, 1952) - Emilio Gonzales Filho (S.João do Meriti, RJ 1938)....	
Bruno, José Carlos de Oliveira (Jundiá, SP 1952)	
Bucarechi, Maxim (S.Paulo, 1951)	
BUMAJNY, MARISELDA (S.Paulo, 1947) - EMILIO FONTANA (S.Paulo, 1930)..	35
Cabral, Antonio Helio (Marília, SP 1948)	
Cabral, Antonio Helio - Grupo Esse	
Caetano, Alfredo (Santos, SP 1949) - Maria Aparecida Costa Caetano (S.Paulo, 1948)	
CAMPACCI, MARCOS ANTONIO (S.Paulo, 1948) - IRANY S.P.CAMPACCI (Campinas, SP 1952) - JOSE HENRIQUE CAMARGO (Guarulhos, SP 1946).....	12
Campadello, Roberto, (Predazzo, Italia, 1942)	
CAMPANÁRIO, MARILIA (Ouro Fino, MG 1942).....	36-A
Capei	
Capeia, Oswaldo	
Carelli, Antonio (Capivari, SP 1926)	
Carmona, Rosely (S.Paulo, 1951)	
Carmona, Rosely - Marcia Rothstein (S.Paulo, 1952)	
CARMONA, ROSELY - CIRCE BERNARDES ANDRADE (S.Paulo, 1951).....	22
CASTEX, JACQUES (Paris, 1927)	
Chagas, Luiz Antonio Sampaio (Goiania, GO 1952) e grupo	
CHAVES, ANESIA PACHECO E (Paris, 1932).....	3
CHIAVERINI, MIRIAM (S.Paulo, 1940).....	20
Cipis, Milton (S.Paulo, 1955)	
Cohn, Bernard (Bucarest, 1950) - Ivany A. Bertin (S.Paulo, 1955)	
Colletis, Cassio Ricardo Gonçalves, (S.Paulo, 1949)	
Confalonieri, Fred (Rio de Janeiro, 1949)	
Correa, Luiz Gregório Novaes (S.Paulo, 1951)	
Correa, Luiz Gregório Novaes - Paulo Fernando (Santos, SP 1952)	
COURA, RUBENS (Bragança Paulista, SP 1949) - ALDAR MENDES DE SOUZA - (S.Paulo, 1941).....	28
Coutinho, José Altino de Lemos (João Pessoa, 1946)	
D'Amico, Celso Tadeu (S.Paulo, 1950) - Equipe	
DEAMO, FERNANDO, (Votuporanga, SP 1948).....	58
DEL CORSO, JACIRA DE BARROS SILVA QUINTAS (Campinas, SP 1933) - LUIZ FRANCISCO - HELDER - WALDEMAR - JONAS	26

Demange, Marcia (S.Paulo, 1940)	
DIAS, SONIA MARIA FURIAN (Itapetininga, SP 1951) - IARA MARIA PEREIRA (S.Paulo, 1953).....	77
DI RENZO, RENATO (Santos, SP 1953) - RICARDO SALOMON (S.Paulo, 1952).....	59
Di Thomazo, Renato (S.Paulo, 1950) - Marcio Tadeu Santos Souza (São José do Rio Preto, SP 1949)	
EQUIPE ALBERTO CONTE: ANA MARIA - CASSIA - CAICO - CASELTA - DENISE - RIZZO - HELOIZA - MARIA IGNACIA - LENITA - DOMINGUES - NEUSA	57
EQUIPE ALFA: SIMONE - BERENICE - SERGIO - MARCIO.....	5
Equipe Comunicação Visual da Fundação Armando Alvares Penteado	
Equipe Forma Atelier	
Equipe Juta - Maria Judite Meyer (Marília, SP 1952)	
Equipe 3	
EQUIPE 5:19 ANTONIO JOSÉ SAGGESE (S.Paulo, 1950) - RENATO DI THOMAZO - MARCIO TADEU S. SOUZA (São José do Rio Preto, SP 1949).....	72
Equipe 5:27 Irene S. Iyda (S.Paulo, 1950)	
EQUIPE 22031 SILVIO MELGER DWORECKI (S.Paulo, 1949) - ANTONIO JOSÉ SAGGESE (S.Paulo, 1950).....	78
EQUIPE 30 FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO: ANITA BEATRIZ HEIL - BERG - ANTONIO VALENTIM DE O. LINDO - CLOTILDE A. PEREIRA - DAISY M.G. NERY - ELISABETH FUCHS - LEDA APARECIDA AGOSTINHO - LUCIA M. MAGASAWA MARTINS - MARCIA T. ROSSIM - MARIA CECILIA FANTELLI - MARIA LILIAN S. FROULA - MARLY DOS SANTOS - NEIDE S. OSHIRO - NEUSA M. RAINHO - NICOLAS VLAVIANOS - RAQUEL VALENTE - REGINA LIA FRASSON - ROSELY P. RODRIGUES - SIDNEY BENEDITO P. ALGUZ - SONIA MARIA ARAUJO - SILVIA SCHLOSSINGER - TANIA D.S. FRANCO - TEMA NOTURMAN - TINAO KAWANO - VALDIR WITHCOCHY - VERA RAJSURK - VERA TORRES HELSEN - WALDERY DE ALMEIDA - WALDETE DE SOMMER - WANDER L. CASTANHO - ZORA B. CASTAGNO.....	69
EQUIPE 60: AFIFI GERARDI DABUS - CLAUDETE MARCONDES - HISAE SACHIKO UGAYAMA - VERA ALVES DE OLIVEIRA.....	60
ESMERALDO, SERVULO (Crato, CE 1929)	
Evangelista, Rui (Santana do Livramento, RS 1946)	
Fagundes, Rachel Naim de Moura (Ituiutaba, MG 1942)	
Fernandes, José Roberto Alves Olmos (S.Paulo, 1955)	
FERNANDO, PAULO (Santos, SP 1952).....	15
FERRARI, DONATO (Guardiagrele, Italia 1933).....	17
Filho, Antonio José Moreira (Sorocaba, SP 1952) - e equipe	
Filho, Ion de Freitas (S.Paulo, 1949) - grupo	
Filho, João Valente (Bebedouro, SP 1948)	
Filho, José de Fernandes Teixeira (S.Paulo, 1950)	
FILHO, JOSÉ GABRIEL BORBA (S.Paulo, 1942) - RADHA ABRAMO (S.Paulo 1928).....	9
Filho, Miguel Arantes Normanha (S.Paulo, 1952)	
Fonseca, José Paulo e equipe	
Forti, Reginaldo (Santos, SP 1947) - Euclides Sandoval (Franca, SP 1936) - Bruno Liberati (S.Paulo, 1949)	
Francisquetti, Ana Alice (S.Paulo, 1939)	
Fugulin, Ana Lucia (S.Paulo, 1954)	
Fukushima, Takashi (S.Paulo, 1950)	
Furnari, Eva	
Furnari, Eva, grupo	
FURNARI, EVA - ION DE FREITAS FILHO (S.Paulo, 1949) - GILBERTO P. - PASSOS.....	71
Gaglianone, Arthur Antonio (S.Paulo, 1951) - e equipe	
GERCHMAN, RUBENS (Rio de Janeiro, 1942).....	11
GEU, GERALDO JOSÉ DOS SANTOS (Presidente Prudente, SP 1945)	7
Giannottasio, Cinthia (S.Paulo, 1954)	
Gioconda, Rosaria Delmissier Kardous (Cairo, 1934)	
GOLDFARB, MARCIO LUIZ (S.Paulo, 1952).....	33
GONÇALVES, CRISTINA MARCIA (S.Paulo 1956).....	70
Gottheim, Vivian Irene (S.Paulo, 1952)	
Grupo Boca - Paulo Eduardo Cabral (Marília, SP 1955)	
Grupo Granados - Capeia	

GRUPO HUXLEY - (ALDOUS) - HELENA CANDIDA DIAS DA SILVA (Recife, - 1950).....	24
GRUPO 6: NORMA TENENHOLZ - MARA BORBA COELHO - ROSÂNGELA F. GONÇALVES - ANA TEREZA - MASETTI - ALBERTO LEME - MARIO.....	44
Grupo Oficina Três	
Grupo Pérfico	
GRUPO RETAGUARDA: ANTONIO HELIO CABRAL - CESAR LUIZ MAZZACORATTI JOSÉ DE FERNANDES TEIXEIRA FILHO - ROMÃO BERTONCEL.....	41
Grupo Scranch: Vitor (S.Paulo, 1950) - Augusto (S.Paulo, 1954)	
Grupo Trafic	
HATANAKA, CONCEIÇÃO MIDORI (S.Paulo 1950).....	76
Hatanaka, Paulo Sakae (Belém, 1950)	
HELENA MARIA E EQUIPE C.E.V.I.M. - MARLENE - ROSELY - ROSANA - SERGIO - MITICO - CECILIA - ROSALINA - MARCIA.....	6
Hennel, Norma Moog (Porto Alegre, 1935) - Maria Tomaselli Cirne - Lima (Innsbruck, Austria 1941)	
Igel, Celia, (S.Paulo, 1945)	
Inarra, José Francisco Arina (Vitoria, provincia de Alava, Espanha 1947)	
Ishikawa, Mario Noboru (Presidente Prudente, SP 1944)	
JARDIM, EVANDRO CARLOS (S.Paulo, 1935).....	61
JUNIOR, ACACIO RIBEIRO VALIM (Santos, SP 1948).....	16
Junior, Edgar Carvalho (Rio de Janeiro, 1944)	
JUNIOR, REYNALDO SILVEIRA FRANCO (S.Paulo, 1952) - JOÃO CARLOS BRAGA - REINALDO MALULI (S.Paulo, 1955).....	66
KAUFMAN, DINA (Rio de Janeiro, 1953) - HENRIQUE - WALOTS.....	51
KOUNELLIS, JANNIS (Pireu, 1936)	
Krohn, Maria Elisa (S.Paulo, 1953) e grupo	
KUSUNO TOMOSHIGUE (Yubari, Japão 1935).....	40
Lacerda, Carlos Henrique	
LEITE, FABIO MOREIRA (S.Paulo, 1951).....	73
Lemos, Paulo Emilio da Silveira. (Alfenas, MG 1949)	
Lemos, Paulo Emilio da Silveira	
Lima, Rodrigo Otavio e Castro Bernardes (S.Paulo, 1955)	
LOUREIRO, CESAR AUGUSTO DE OLIVEIRA (S.Paulo, 1954).....	18
MACEDO, SERGIO (Alem Paraiba, PB 1951).....	79
Magalhães, Hermes (S.Paulo, 1950)	
Magalhães, Odair (Dois Corregos, SP 1949)	
Martin, Valentim R.S.P. (S.Paulo, 1952)	
Martins, Luiz Geraldo Ferrari (S.Paulo, 1951)	
Mendes, Sandra (S.Paulo, 1947)	
Merlino, Eliana Maria Magalhães (S.Paulo, 1953)	
MEYER, MARIA JUDITE (Marília, SP 1952) - PAULO EDUARDO CABRAL (Marília, SP 1955).....	10
MICHELINO, ROBERTO BARBOSA MARIA (S.Paulo, 1952).....	53
Moura, Marcos Tadeu de (Rio de Janeiro, 1952)	
"Nadia", Diana Soares (S.Paulo, 1926)	
Nardim, Ermelindo (Piracicaba, SP 1940)	
Neto, Francisco Giannattasio (S.Paulo, 1953)	
Netto, José Teixeira Coelho (Bauru, SP 1944) - Ana M. Goldberger - (S.Paulo, 1947) e Grupo de Comunicação Visual Faculdade Arquitetura Mackenzie	
NETO, RENATO ANDRADE MAIA (S.Paulo, 1951).....	75
NICOLELIS, GILSELDA LAPORTA (S.Paulo, 1938).....	56
Oiticica, Helio (Rio de Janeiro, 1937)	
OKUMURA, LYDIA (Oswaldo Cruz, SP 1948).....	23
OKUMURA, LYDIA - GENILSON SOARES (João Pessoa, 1940) - JOSÉ FRAN - CISCO INARRA.....	50
OLIVEIRA, HELIO JOSÉ (S.Paulo, 1950) - GYORGY FORRAY (Egen, Hungria 1951).....	34
Osse, Sergio Paulo (S.Paulo, 1951)	
Palhares, Rui Alberto Marques (Lisboa, 1948) e equipe	
PASQUETTI, CARLOS JOSÉ (Bento Gonçalves, RS 1948).....	46
PEIXOTO, AUGUSTO.....	65

Pereira, Carlos Manoel Pacheco (S.Paulo, 1942)	
Pereira, Iara Maria (S.Paulo, 1953)	
Pereira, Ivan de Sa (Garanesia, MG 1954)	
Perigo, Marcio Donato (S.Paulo, 1949)	
Pimentel, Jose Roberto Souza (S.Paulo, 1950)	
Pinto, Flavio H. Costa (S.Paulo, 1951)	
PIZA, ARTHUR LUIZ (S.Paulo, 1928)	
Rabinovich, Paulina (Belo Horizonte, 1936)	
Ramos, Alyaro Augusto (Rio de Janeiro, 1956) e equipe	
Ramos, Jose Tarciso (Fortaleza, 1941)	
Ramos, Ulisses Jose de Moraes (Campinas, SP 1954)	
RAPHAEL, DALTON ALMEIDA (S.Paulo, 1952).....	31
REGO, RONALDO DA SILVA (S.Paulo, 1951) - RICARDO JOSÉ AZEVEDO - RUY PALHARES - IVANY CESAR - ARTHUR GAGLIANONE - MARIA DA GRAÇA LOPES- MARIA JORDAN.....	13 e 25
Reimão, Rubens Nelson Amaral de Assis (S.Paulo, 1952)	
Ribeiro, Ubirajara Motta Lima (S.Paulo, 1930) e equipe	
Roman, Tamara (S.Paulo, 1954)	
Roman, Vesna (Belgrado, 1947)	
SAKAKIBARA, SERGIO KINICHI GOMES (Curitiba, 1954).....	36
Sandoval, Roberto (S.Paulo, 1954) e equipe	
SANTIZO, IGNACIO ORTEGA (Panamá, 1950)	54
Satomi, Alice Iumi (S.Paulo, 1954) e equipe	
Savioli, Mario Luiz (S.Paulo, 1948)	
Scarfatis, Riqueta (Atenas, 1950)	
SCHMIDT, MARCOS RODOLFO (Santos, SP 1943).....	64
Schnapp, Moacir (S.Paulo, 1952)	
SCHNEIDER, OLGA (S.Paulo, 1955).....	14
SHIRO, FLAVIO (Sapporo, Japão 1928).....	42
SILVA, ALFREDO CARLOS DEL SANTO.....	62
Silva, Cicero Gustavo da (Amparo, SP 1943)	
Silva, Genilson Soares da (João Pessoa, 1940)	
SILVA, MARIA HELENA TEODORA DA (S.Paulo, 1942) - FRANK - WATER - YOSHITAKA - ROGERIO JORGE - JANICE - ROGERIO - ANTONIO CONCEIÇÃO - LUIZ INÁCIO - ESTELA.....	29
Silva, Vera Lucia de Souza (Bauru, SP 1950)	
SILVEIRA, PAULO SERGIO L.F. (Jundiai, SP 1948) - WLADIMIR BARTALINI - (S.Paulo, 1948) - MARILIA PENTEADO SANT'ANNA ALMEIDA (S. Paulo - 1948).....	67/68
SMITH, ROBERTO (S.Paulo, 1942) - PAULINA RABINOVICH (Belo Horizonte 1936) - PAPA	1
Smith, Ricardo Luiz (S. Paulo, 1945)	
SOARES, PEDRO LOPES (Sorocaba, SP 1951) - TOSHIBUMI NAKANO (Maes - bashi, Japão 1949).....	47
SOLITRENICK, NELLIE (S.Paulo, 1955) - CLAUDIO LEONE (S.Paulo, 1954).	45
Soretti, Ada Maria (Buenos Aires, 1951)	
Souza, Aldir Mendes de (S.Paulo, 1941)	
SOUZA, JACIR DE (S.Paulo, 1939) - MARIA ANGELICA S. SOUZA - CARLOS EDUARDO M. ESTRASZULA.....	84
SOUZA, PAULO DE TARSO COUTINHO VIANNA DE (São Gonçalo, RJ 1954).....	49
SPARAPAN, ANTONIO CELSO (Jau, SP 1950).....	2
Speltri, Ingre (Jau, SP 1940)	
Spinelli, João Jurandir (Ibitinga, SP 1947)	
Squeff, Enio (Porto Alegre, 1939)	
STEINBERGER, ERIKA (Debrecen, Hungria 1937).....	52
STEPHAN, AURESNEDE PIRES (S.Paulo, 1947) - MARCIA BUSSAB + LUIZ - KAWAL DE VASCONCELOS	8
TAKIY ESTEVAM SUNAO (S.Paulo, 1947).....	4
TEOPHILO, JOÃO VITOR (S. Paulo, 1950).....	43
Tidemann, Licy Bonfim (Santos, SP 1927)	
TOLEDO, AMELIA (S.Paulo, 1926) - ANA LUCIA - MONTELO - EDISON - SARA MARILISA - CIRO - CRISTIANO - JOSÉ AUGUSTO - MO - TESSY - HELIO... Toledo, Nely (S.Paulo, 1930)	38

TRAFIC, CARLOS - ROBERTO GRANADOS - OSWALDO DE LA VEGA - ROBERTO MICHELINO.....	63
VALLAURI, ALEX (Asmarra, Etiopia 1949).....	30
Vaxconcelos, Jorge Marques de (Rio de Janeiro, 1956) e equipe	
VAZ, CARMO (S.Paulo, 1953)	80
VIEIRA, CARLOS EDUARDO VAMPRE (S.Paulo, 1950) - GASTÃO DE MAGA- LHÃES (S.Paulo, 1953)	74
WEINFELD, ISAY (S.Paulo, 1952) - MARCIO KOGAN (S.Paulo, 1952).	19
Xandó, Niobe (Paranapanema, SP 1917)	

(*) Os artistas participantes figuram na lista com os seus nomes em maiúsculas.

OBS:

Deixam de figurar as propostas por escrito, dos ocupantes dos lotes nº 5, 80 e 81, pelo fato de não ter sido apresentada a redação final solicitada pelo Ofício MAC/29.01.1973.
Os lotes 23 e 52 foram incorporados ao lote 50.
A proposta do lote 2 figura junto as fotografias.
Os lotes 27, 32 e 48 não foram ocupados.

LOTE 1

Roberto Smith
Paulina Rabinovich
Papa

PROPOSIÇÃO BASE:

Partindo-se de um triângulo retângulo no solo,
estrutura-se um triedro.

Nesta limitação espacial, inserem-se objetos
do cotidiano dotados de dinamismo próprio

Desta forma, verifica-se a transformação de
elementos da natureza em elementos de cultura.

PROPOSTA (lado) UM

Da rifa ao lote, um número uma área
A propriedade fortuita (passageira)
A liberdade... e suas restrições
O processo
do indivíduo ao grupo
as idéias que se chocam
formam a ideia
Proposição montagem
A forma
que a sorte proporcionou
o triângulo aceito
que tenta silenciosamente sair do plano
E vira triedro
O triedro conceptual
Materializado
tentando dissimular-se
tentando negar
O espaço que se fecha
A presença
Os objetos inseridos
no espaço limitado
O cotidiano
que antecede o nascer do sol
A forma, a vida, o movimento, o objeto,
a vida...
Matureza transformada em cultura
A óptica o movimento
O (in)visível
Uma realidade
Atual

PROPOSTA (lado) DOIS

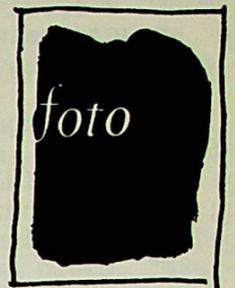
Recursos puros. Atributos objetivos
cor, plano, ritmo, linha; inquirimos a eles suas capacidades de expressão
autônoma. Recebemos so deles a lei e o sentido da criação.
Algumas linhas jogadas no chão, saem de sua ordem, de
seus compartimentos para elevar-se umas e outras até uma nova situação.
Um
triângulo retângulo = ordem compartimento, eleva-se um triedro = situação no
va. Triângulo retângulo = triedro.
Gradualmente insinua-se uma visão objetiva com conteúdo
de uma estrutura todavia ainda "sem objeto", e se vislumbra seus contornos.
Quando uma estrutura semelhante se eleva cada vez mais diante de nossos
olhos, é fácil que se agregue uma associação cujo papel é o que busca uma
interpretação objetiva. Nesta estrutura espacial, inserem-se objetos do dia
a dia dotados de dinamismo próprio.

Artista!

NOME DO ARTISTA

IDADE

RESIDENCIA



Antônio Celso Sparapan

JAC 78 ESCLARECIMENTOS GERAIS ANTONIO CELSO SPARAPAN

EU NÃO QUERIA DIZER QUE EU NÃO QUERIA DIZER NADA / FOI TUDO BRINCADEIRA / EU NÃO QUERIA CONTAR MENTIRA / EU QUERIA FECHAR A PRIVADA

EU QUERIA DIZER... POIS É EU QUERIA MUITA COISA, CHAMARAM-ME DE ARTISTA.

CORTE

OU...

Com um pouco de fantasia, esta estrutura altamente articulada se presta para estabelecer uma relação de comparação com imagens conhecidas da natureza. Desta forma verifica-se a transformação de elementos da natureza em elementos de cultura. Estas propriedades associativas dão origem - as apaixonadas mas interpretações entre o artista e o público.

Enquanto o artista se preocupa ainda por agrupar os elementos formais com tanta precisão, tanta pureza e tanta lógica, para que cada qual esteja em seu lugar e que nenhum prejudique o outro, o público quer entender. Na medida em que as contradições e os contrastes pertencem a um momento cheio de vida, mais cedo ou mais tarde vai insinuar-se nele aquela associação do objeto. Nada o impede de colocá-lo com um nome muito claro, "exato".

Desejaríamos considerar a dimensão do objeto por si mesmo em um novo sentido... não atribuímos a forma aparente do real, a importância decisiva, como muitos o pensam.

Não nos sentimos ligados a esta realidade, porque vemos nesses elementos formantes a essência do processo.

Porque a nós interessa mais as forças formantes que aqueles elementos.

Em lugar de uma imagem objeto terminada real, a única imagem essencial é a criação como gênese... então dizemos: este mundo tinha um outro aspecto e algum dia terá um outro.

O sentido da mobilidade metaforiza o sentido de uma busca de liberdade que nos leva a determinadas etapas de revolução, ou será que só poderão ser em outras estrelas?

Quer dizer o sentido de uma liberdade que reclama o direito (seu), o ser movediço.

Então estas curiosidades se converterão em coisas reais, em realidades de arte que estendem os limites da vida além do que se vê e do vulgar.

PROPOSTA (lado) TRÊS

Um artista premiado com o lote número um convida outros não sorteados. É como se do triângulo retângulo do lote demarcado no solo se projetasse um grande triedro cuja estrutura tentasse perfurar os limites do recinto. A realização tridimensional por si só, não catalisa a associação feita. Então, nesta limitação espacial inserem-se objetos do cotidiano dotados de dinamismo intrínseco. O conjunto tetradimensional expressa o momento atual. Os objetos transmutam-se em elementos da natureza ↔ elementos da cultura. A energia em si dos elementos os dotam de uma grande força comunicativa, que é ressaltada por efeitos ópticos. A interação sensorial: observador ↔ observado no eco-sistema dado conduz a um momento em que se dá a inversão esperada: Os elementos do lote, fazem do lote o recinto e convidam os presentes para tomarem sua aparência e posição. O processo visual proporciona a experiência vivida da sequência desse movimento. (proposta em metalinguagem ↔ obra é a linguagem)

LOTE 3

Anesia Pacheco e Chaves

O DESENHO MACHUCADO

No dia 27 de setembro passado, o grupo do "Teatro Novo" tentou, no M.A.C. uma aproximação sensorial e tátil com os trabalhos de:

Anna Bella Geiger,
Anesia Pacheco e Chaves,
Luis Paulo Baravelli,
Claudio Tozzi,
Ely Bueno e
Saverio Castelano,

montados em reposição crítica por Gabriel Borba Filho e Alan Meyer

Como participante da experiência, minha impressão foi a seguinte: total in-comunicabilidade, no sentido desejado pelo grupo de teatro.

As obras gráficas apresentadas se ofereciam à comunicação numa medida de visibilidade. Eram um convite à participação num jogo mental, numa leitura intuitiva. A predominância do visível, nestes desenhos e nestas gravuras obriga a um afastamento e a uma intelectualização. Era o mundo da escrita, a galáxia de Gutemberg com todo o seu peso. Cada artista apresentava um enigma a ser decifrado pelos olhos e pelo pensamento. Cada solução seria uma possibilidade nova e um acréscimo às obras, mas sempre em termos mentais. Os outros sentidos, o corpo, na sua carnalidade e espessura, na sua potencialidade de ligação ecológica com o outro corpo, estava excluído.

O pessoal do teatro, desgastado por tantas dificuldades, partira para a agressão.

A fossa!

Onde ficávamos nós, artistas do visível, no mundo ocidental de hoje, cansado de isolamento, racionalidade e códigos de comunicação, e ansiando pela recuperação do próprio corpo e daquele do outro!

Alguns dias depois voltei ao M. A. C. para ver o que acontecera aos meus desenhos; especialmente visados por estarem colocados no chão, sem a proteção dos plásticos que encobriam os outros trabalhos. Minha "cama" onde várias pessoas tinham deitado fingindo dormir ou fazer amor, (coitados, sem sucesso, era uma cama para ser vista e lida e não vivida) está suja, os outros arranhados e sujos. Um objeto está quebrado.

Quero esclarecer que meus objetos são apenas desenhos que têm duas faces e ficam em pé em vez de ficarem dependurados na parede. Não vejo diferença entre uns e outros. Para mim toda obra plástica, em sua materialidade, é objeto. Ao fazer objetos obedeço à necessidade de expressão e nunca a uma tomada de posição formal. Outros podem colocar o objeto (não falo daquele destinado ao consumo utilitário ou decorativo, ou ambos) numa posição intermediária entre a visibilidade da pintura, do desenho e da gravura e o chamado táctil que é a escultura. Eu não.

Voltando ao objeto quebrado, este era para ser visto e lido (e tocado, se fosse, de leve). Tinha uma estória a ser decifrada. A estória do preto e do branco, e do branco no preto, e do preto no branco, e daquilo que é branco no preto, e daquilo que é preto no branco. Era uma charada, toda feita de ambigüidades.

Olhando agora para este objeto quebrado, vejo que não é mais o mesmo. Não foi destruído. Apenas está machucado.

Sobre a sua estória, outra estória foi marcada. A estória de seu encontro físico com o homem.

Este objeto propunha um jogo, com suas regras. Regras intelectuais e de visibilidade. As regras foram desrespeitadas. A mesa do xadrez foi virada. O jogo acabou.

O envolvimento não acabou. Nós estamos envolvidos, eu, meu desenho e o pessoal do teatro.

Meu trabalho, ou melhor, meu brinquedo (por que não meu brinquedo?) está machucado.

A sua estória inicial, está lá presente, mas sobre ela há agora outra: todo objeto plástico, enquanto permanece matéria, pode ser atingido sensorialmente. Como o homem. Como este, pode ser machucado. Como, para este, todo ser humano é um risco, uma carência e uma necessidade. Como este, depois do encontro, não permanece o mesmo.

Meu desenho correu o risco, foi atingido, mudou e está machucado.

Aqui está.

LOTE 4

Estevam Sunao Takiy

Proposta: Espaço Propositivo
Tema : Olhar Inteligente

O autor interessa-se pela relação que estabelece entre a obra e o observador. A interferência nesta relação possibilita a formulação de novas informações - ao nível de conceitos.

Elemento de interferência.

OVOS

Conotações

Fragilidade
Possibilidade
Consumo
Tensão
Sujeira
Etc.

Itens considerados:

- O fato de ser uma realidade de consumo.
- O condicionamento dos indivíduos que leva a assumir determinados comportamentos diante de determinados fatos.
- Uma determinada classe de indivíduos que tem acesso a determinada cultura.

Conceitos utilizados:

Observação e percepção/temporalidade/criticidade/aleatoriedade e ludicidade.

LOTE 6

Equipe CEVIM: Maria Helena - Marlene - Rosalina - Rosana - Marcia - Cecilia Sergio - Mitiko - Roseli.

Tema: A vida em recortes

O mundo é discordância, é infelicidade, é falsidade, ódio, amor, amizade, sexo, ansia de viver, ansia de amar formando um imenso quebra-cabeça onde as folhas secam e o homem nasce, a vida passa e os problemas continuam.

Material utilizado: folhas secas, barbante, papel cartão, recortes de revistas e cola.

LOTE 7

José Geraldo dos Santos Géu

Proponho-me a apresentar uma escultura feita com sacos de papel. A escultura partirá do nada, de pequenas partículas e irá ganhando forma aos poucos. Cercando meu lote haverá um muro de tijolos, feitos com sacos de papel. Haverá também uma prancheta com sacos sobressalentes, que o público deverá enchê-los e estourá-los em seguida; testando a capacidade dos seus pulmões. Haverá sacos pequenos, médios e grandes. Quando estourados, os sacos produzirão ruídos diferentes, de acordo com o tamanho e com a força com que forem estourados.

LOTE 8

Auresnede Stephan - Marcia Bussab - Luiz Kawal Vasconcelos

FORMOU-SE A COMUNIDADE
E COM O INTUITO DE HARMONIA/ PAZ/ AMOR
OFERECEMOS NOSSOS SERVIÇOS.

ESTOMAGO. (frutas tropicais)
PROMOÇÃO. (dos outros)
SIMPATIA. (nossa)

- a participação de elementos externos ao nosso meio: tais como, motorista de taxi, transportadora, quitandeiro, fruteiro, garçon, balconista, participantes indiretos do processo.

Tôda nossa atuação, neste curto período, poderá eventualmente ter prosseguimento em outros eventos artísticos, e quem sabe aqui mesmo em outras ocasiões.

- então o que era um simples lote transformou-se num centro de atenções, com restos de frutas, papel, tinta, tesoura, durex, ilustrações, cores, bandeirolas, etc.

Hoje a arte, virou branco e preto (80% desta exposição, POR QUE?)

As pessoas e artistas estão longe e agressivas. Vivemos a simplicidade artificial..., por que?

Quem sabe se a resposta para muitos não estará no lote 2?

LOTE 9

José Gabriel Borba Filho

A Brecht.

A ideia geral deste trabalho é dar continuidade à estrutura proposta pela JAC, de modo a aferir-lhe significados socialmente evidentes.

A estrutura disponível foi compreendida como a assimilação de estruturas culturais correntes. A burocracia, no caso.

Esta estrutura genérica foi construída tendo como orientação a estrutura de "A Exceção e a Regra" de Brecht, que implica em crítica da sociedade.

O repertório usado foi um conjunto de documentos que postos naquela ordem contam a estória de um artista amador que se torna profissional por merito de sua participação nesta JAC. E esta participação gera um absurdo, pois o artista em questão não fôra sorteado conforme o regulamento da manifestação, mas recebeu seu lote em doação de outro artista que o conseguiu por compra, do artista que fora regularmente sorteado.

A documentação "autentica" destes fatos e de fatos posteriores, como exame médico, filas e outros foi contida em uma pasta de repartição pública e assim exposta, gerando, por sua vez, novas filas daqueles que a queriam examinar.

RADHA ABRAMO

Nível A

I - Impedir a gênese do processo criativo e caracterizar a influência dessa AÇÃO nos desdobramentos subsequentes.

- a) A compra de um lote do artista X, contemplado no sorteio da JAC 72, dia 14 de outubro de 1972, impediu a criação;
- b) A posse desse lote mudou a qualidade do comprador de espectador a artista, em 14 de outubro de 1972.
- c) A posterior doação deste lote, em 16 de outubro de 1972, a um terceiro, qualificou-o como artista;

- d) A criação deste ultimo poderá ou não revelar a relação de causa e efeito e suas contradições em todo processo.
- e) Ao todo três movimentos (o sorteado com o lote X, o doado Y e o comprador Z) desencadeiam variáveis intervenientes no processo criativo do lote nº 9.

LOTE 10

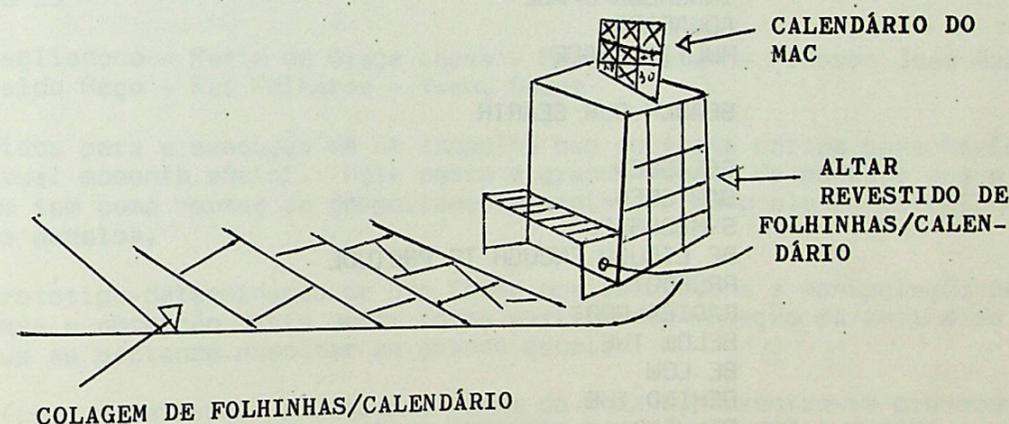
Paulo Eduardo Cabral - Maria Judite Meyer

Dada a repetição, processo..... processo: a realidade é um processo. A intersecção deste processo com o espaço e o tempo, nos leva à estrutura. A medida em que é feito um X sobre a folhinha do calendário, temos caracterizado:

espaço, tempo..... estrutura

o código em que foi escrito o calendário-espaço
as caracterizações cronológicas-tempo
as características de organização do calendário-estrutura.
as características de organização de todos os calendários - o processo.

organização do lote



LOTE 11

Rubens Gerchman

- 1ª escolha: Leitura de uma página de Panorama de Finnegans Wake
- 2ª escolha: Leitura de uma página das GALAXIAS
- 3ª escolha: Leitura de MALLARMAGEM
- 4ª escolha: Leitura de "Tombeau de Mallarme" Julio Cortazar
- 5ª escolha: 1 página de Serafim Ponte Grande
- 6ª escolha: Leitura de texto enviado de New York por Gerchman (cópias distribuídas à audiência).
- 7ª escolha: Leitura de uma página de "Poetry and Grammar" de Gertrude Stein
- 8ª escolha: Um Trecho do Inferno de Wall ST. de Sowzandrade.

OBS. do MAC:

Haroldo de Campos, por solicitação do ocupante do lote 11, fez a escolha dos textos, lidos por Antonio Luiz Cagnin.

Em substituição à página de Gertrude Stein, foi lida "Jabberwocky", de Lewis Carrol, (Jaguadarte), na tradução de Augusto de Campos.

THROUGH THE FISSURE

WHITE FACE
SURFACE
SUREFACE

STAR*
SCAR
START

CLEAVER CLEAVAGE
FIRST CLEFT
SURFACE
SCARFACE
BE A PLUNGER
BE NOT A SCRATCHER
STARS IN THE BODY
STARFACE
BODYBLOODYFACE
'O MY SHINING STARS
BODYS STARS BODYSCARS
BLOODYSTARS BLOODYSCARS
SKYSIGN
SKYSCAPE
SKYEYESIGN
INNERSCAPEFACE
AQUAFACE
MULTIPLIFACE

SEARCH OUR SEARTH

SEE SEED
SAW SEED
SYMBOLSEED
BE LIQUID ENOUGH TO PROTUDE
PROROOT
RADICALROOT
BELOW THE
BE LOW
BEHIND THE
BE HIND

LOTE 12

Marco Antonio Campacci - Irany da S. P. Campacci - José Henrique de Camargo

PARAPADRONIZAÇÃO DOUTIL

PRAGMÁTICA -

Reflexões sobre a auto-identificação com o padrão.

- 1) Ao deslocar-se no sentido indicado, visualização rápida e fácil da imagem, sugerida pela repetição do arquétipo.

FORMULAPARAPADRONIZAR

- 2) Observação
Reflexão
- 3) Choque emocional ao deparar-se com a própria imagem refletida no anteparo de inox.
Comparação imediata com o arquétipo já visto e gravado na memória.
- 4) Insistência nas reflexões - diapositivo do arquétipo

PARAPADRONIZAÇÃO DOUTIL

- 5) Re-observação da repetição do arquétipo ao sair.

FIM - Conscientização da própria situação.

Condicionamento-modulação da mensagem à obra plástica e -
essa ao espaço disponível. Edificação em partes, segundo um plano pré-estabelecido, a fim de não inibir o objetivo final, que consta em forçar a insegurança e ao mesmo tempo aproveitar para contestar.

OBJETOINSTITUIÇÃO PARAPADRONIZAR

- | | |
|------------------------|--------------------|
| a) dinheiro | a) escritório |
| b) televisor | b) banco |
| c) relógio de ponto | c) moda |
| d) terno e gravata | d) propaganda |
| e) onibus | e) cargo de chefia |
| f) letreiros luminosos | f) fila |
| g) sinais de direção | g) cidade |
| h) jornal | h) igreja |
| i) cigarro | i) escola |
| j) radio de pilha | j) cibernética |
| k) guarda-chuva | k) sucesso |

LOTE 13 e 25

Arthur Gaglianone - Maria da Graça Lopes - Maria Jordan - Ricardo José Azevedo - Ronaldo Rego - Rui Palhares - Yvany Cesar

Foram unidos para a execução de um trabalho que constata certas características do atual momento social. Fala sobre o grande número de modelos que o homem comum tem como normas de comportamento social, e como ele se relaciona com esses modelos.

MODELO-protótipo-determinação de uma forma que condiciona a manipulação do material para a obtenção desta mesma forma serialmente-criação da imagem de um objeto que se pretende executar em grande escala.

O homem (como o material), assumida a forma do modelo, padroniza-se provocando o surgimento do "HOMEM-OBJETO QUE SE PRETENDE REPRODUZIR SERIALMENTE", transformando-se assim em veículo deste modelo, difundindo-o e alimentando-o. A padronização uniformiza imagens e conceitos cerceando a condição de dúvida e abstraíndo o homem daquilo que existe efetivamente (alienação). Talvez esse fenômeno seja explicado pelo desnível informacional existente entre o conhecimento que o homem possui (cotidiano) e o que ele assiste (elementos representativos do conhecimento). Este desnível gera uma desorientação diante da impossibilidade de compreender a somatória de valores que compõem o seu determinado momento e por conseguinte obriga o homem a seguir sintetizações e até mesmo desvirtuações destes valores através de informação dirigida e de imediata fruição (modelos).

EXECUÇÃO- Partiu-se da eleição de um modelo e do meio expressivo a ser usado. Para efeito de realização do trabalho escolheu-se um modelo com uma série de características que o colocam em determinado plano de discussão. Obviamente o trabalho não se refere exclusivamente a essa problemática específica, mas sim a uma relação constante entre modelo (global) e realidade.

LOTE 14

Olga Schneider

Não existia um armário.
E não existia um vestido.
E não existia um boneco.
... E depois que eu os deixei,
eles continuaram existindo !!!

LOTE 15

Paulo Fernando Novaes Correia

O trabalho, por circunstâncias estranhas ao projeto original, foi dividido - em duas partes:

1ª) o autor pensou numa obra que consistia em fornecer elementos, para que somente o "clima", e suas implicações culturais, se manifestassem. sobre - uma estrutura de fórmica, retangular, de cor neutra, foi colocada uma peça - de carne de gado, tal qual se vê num açougue. a peça pesava na época, 30 - quilos e custou, na época, duzentos cruzeiros (sic). como a preocupação da 6ª JAC era quase que exclusivamente o processo de execução dos trabalhos, o autor concebeu uma obra, onde essa preocupação fosse escrupulosamente respeitada. a putrefação é um processo vital, que a despeito das modernas técnicas de limitação criativa, não pode ser interrompido. o trabalho foi retirado pela saúde pública em adiantado e calculado estado - de putrefação. o autor queria frizar que a simples remoção do trabalho não interrompe de maneira alguma esse "momento". a carne estará apodrecendo em outro lugar, embora longe do olfato crítico constituído. ela está apodrecendo em outro lugar, sendo inútil qualquer tentativa de se interromper essa - realidade orgânica, histórica e cultural.

2ª) em substituição o autor colocou exatamente no mesmo lugar, um cérebro de gado (miolo), coberto por uma redoma de vidro para conter o odor insuportável que se esperava. a analogia era óbvia e assim sendo, o cérebro foi retirado.

agradecimentos:

a) aos colegas que assinaram um abaixo-assinado pedindo a volta do pedaço de carne. é de se ressaltar que as assinaturas corresponderam a 80% dos participantes.

b) A saúde pública que se mostrou cumpridora das suas obrigações corriqueiras.

c) ao artista donato ferrari que num lance de inesperada esperteza serviu-se generosamente de parte da obra, devorando uma quantidade considerável de carne em breve estado de putrefação.

d) aos colegas que corajosamente suportaram essa experiência.

LOTE 16

Acácio Ribeiro Valim Junior

O princípio básico do trabalho é a relação significante/significado. Cada um dos nomes pertence a uma pessoa que, por um motivo ou outro, teve importância para mim. (Daí o título: "Ah! sweet mystery of life"). Esses nomes são, num segundo momento, possibilidades de leituras individuais para qualquer pessoa que se aproxime do trabalho.

LOTE 17

Donato Ferrari

BREVE HISTÓRICO-FUNDADO NA SEXTA JOVEM ARTE CONTEMPORÂNEA DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, O NÚCLEO PENSAnte REGISTRA O SEU LOGOTIPO NO DIA 14 DE OUTUBRO DE 1972, APÓS O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PESQUISA. SENDO OBRIGADO A EXPLICAR O SEU LOGOTIPO FOI O MESMO CENSURADO MAS EM SEGUIDA REGISTROU O FATO. DEPOIS DESTA ACONTECIMENTO E APÓS A SUA

CAMPANHA EDUCATIVA, O NÚCLEO PENSAnte AMPLIOU ENORMEMENTE O SEU NÚMERO DE SÓCIOS.

O NÚCLEO PENSAnte, CENTRO TRANSMISSOR E RECEPTOR DE IDÉIAS; LOCALIZADO NA EXTREMIDADE SUPERIOR DE QUALQUER CORPO HUMANO, COM FILIAIS EM QUALQUER PAÍS DO MUNDO E CONTANDO NO PASSADO COM MILHARES E MILHARES DE SÓCIOS, PROPÕE:
1) QUE SEJA INICIADA A CAMPANHA PELO RECONHECIMENTO DO NÚCLEO.
2) QUE SEJA REINICIADA A CAMPANHA PARA AMPLIAR E REATIVAR OS SEUS ASSOCIADOS.
3) QUE SEJAM REALIZADOS DEBATES PARA CRIAR O SENTIDO HUMANO NO HOMEM.

O OBJETIVO DO NÚCLEO PENSAnte É DEMONSTRAR A DIFERENÇA FUNDAMENTAL QUE EXISTE ENTRE A ESTRATIFICAÇÃO (VISÃO TEMPORAL DAS COISAS) E O CORTE (VISÃO SIMULTÂNEA DAS COISAS).

NOTA: O NÚCLEO PENSAnte APÓS VÁRIAS PESQUISAS DE OPINIÃO OPTOU PELO CORTE.

LOTE 18

Cesar Augusto de Oliveira Loureiro

"Comunidade Irracional" "Cativeiro" "Animais"

Colocar a irracionalidade dos animais, paralela a uma situação onde o objetivo primordial é a criatividade e a inventividade. Criar um ambiente mais próximo do natural. (Os animais deveriam estar em liberdade; porem a hostilidade proveniente da vida em cativeiro poderia causar atrito entre os espécimes). Dentro de um espaço irregular, forrado de grama, foram colocados 5 espécies - de animais de pequeno porte e que mais se aproximam do nosso intimo afetivamente. Entrando em contato com eles veremos que apesar de sua falta de raciocínio parecem compreender o que inconscientemente tentamos lhes transmitir; ao toca-los ou ao falar-lhes qualquer onomatopéia. A ideia de pontilhar o gramado interligando as gaiolas, serve para dar um significado que conota a "unidade" na natureza.

LOTE 19

Isay Weinfeld - Marcio Kogan

E AS SEIS PESSOAS ESTAVAM SEMPRE JUNTAS.
JUNTAS, MAS SOZINHAS.
E AS SEIS PESSOAS ANDAVAM SEMPRE POR PERTO.
POR PERTO, MAS LONGE.
ACORDAVAM JUNTAS E PERTO.
SAÍAM.
PASSEAVAM.
IAM E CHEGAVAM.
SAÍAM E ENTRAVAM;
A TARDE CINZENTA CHEGAVA. E IA...
E AS SEIS PESSOAS ESTAVAM.
O PÁSSARO PRETO POUSAVA E VOAVA.
E A BONECA CONTINUAVA NA JANELA PREFERIDA DA CASA PREFERIDA
DAS SEIS PREFERIDAS PESSOAS.
MAS A DISTÂNCIA ERA GRANDE.
PRINCIPALMENTE NAQUELAS NOITES NEGRAS.
O PROGRAMA ERA SEMPRE O MESMO.
E OS DIAS SEMPRE DIFERENTES.
MAS TODOS OS DIAS AS SEIS PESSOAS PASSAVAM, PARAVAM, OLHAVAM E VIAM A BONECA NA JANELA.
A CASA ESTAVA HABITADA.
NINGUEM MORAVA LÁ.
O TEMPO FOI PASSANDO E OS ANOS CORRENDO.
CERTA NOITE, IGUAL A TODAS AS OUTRAS, AS SEIS PESSOAS PASSAVAM NA CASA.
ENTRARAM E JANTARAM.

LOTE 20

Miriam Chiaverini

Modificação do Espaço

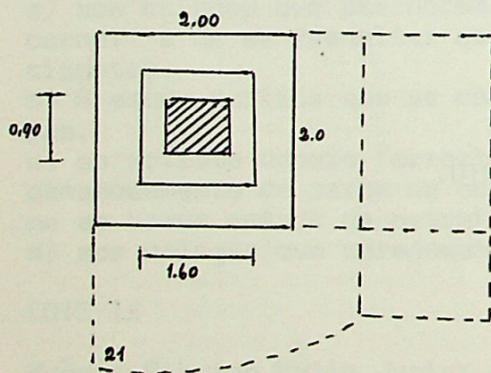
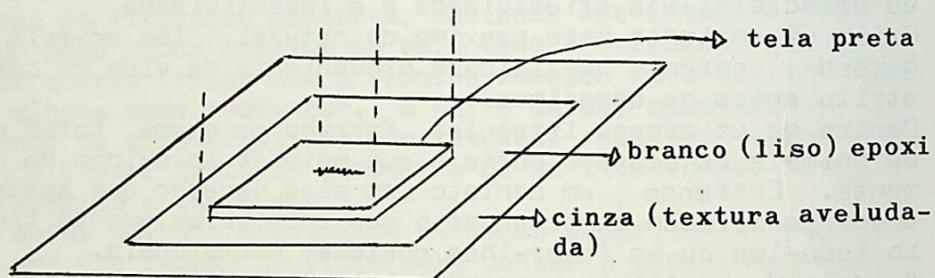
Este trabalho faz parte da série de pesquisas que tenho realizado nestes últimos três anos com relação a problemas de espaço e de linguagem. A perspectiva é tomada não como representação de espaço, mas como o próprio espaço. Desta vez procurei estabelecer a relação entre um espaço imaginário, transparente, leve, através do qual se pudesse ver todo o espaço circundante que ele modifica e um espaço opaco, fechado, um corte abrupto no espaço circundante e sobre o qual a realidade se apõe.

LOTE 21

Claudio Tozzi

Mentalespace

Marco de ocupação do lote durante a exposição, e depois de um espaço qualquer (real ou imaginário) para ser mentalizado.



- imagem (ou tato)
- percepção
- situação vivencial

Após a JAC., o marco poderá ocupar qualquer outro espaço do MAC.

LOTE 21

Circe Bernardes de Andrade

O sorriso de Monalisa

E o nada é alguma coisa, é o mistério. Propriamente falando, o mistério da ironia é apenas o seu caráter absoluto da falta de mistério.

LOTE 22

Rosely Carmona - Circe Bernardes de Andrade

Eu gostaria, principalmente, de fazer um trabalho de arte, um processo contínuo que não dependesse de museus ou exposições; e colocar o trabalho na cidade, transformando-a e colocando novas dimensões no já existente.

Como primeiro passo foi estabelecida uma relação que seria entre o museu (lugar onde se realiza exposições) e o espaço externo (não museu, independente de exposições).

O quadrado vermelho de tamanho constante, que anda dentro do museu e fora dele, seria o início de um processo a se desenvolver.

LOTE 24

Grupo Huxley

A PORTA

A indústria em ato. É a madeira, maleável ao sabor da criação humana, aliada à maleabilidade tecnológica, o plastispuma. Nosso trabalho é orientado no sentido de harmonizar o real palpável, madeira e espuma, ao real abstrato, a sensação, ao sonho.

Nossa obra requer participação. Não basta que ela seja contemplada de fora; é necessário que se penetre pela sua estrutura que se viva o seu interior. Ela só tem sentido a partir do momento em que alguém atravessa a espuma, falsa barreira, e se movimenta pelos compartimentos, fruindo cada etapa do seu passeio.

Nossa porta representa um meio e um fim. Como meio, é a consciência, que nos oferece condições de opção: ficar envolvido na quietura passiva do meio termo, da "áurea mediocridade"; escolher uma direção definida; ou expelir-se, salvando-se de qualquer tomada de posição perante o mundo, alienando-se, andando aos tropeços, sem um objetivo definido.

Como fim, é a obtenção de um recolhimento interior, o sonho, o ambiente não-temporal, o já pensado e não feito.

É uma porta. Ávida para ser aberta, curiosa e louca para descobrir até onde ela é capaz de levar.

Entro, e um sentimento de poder chega imediatamente. Afinal de contas estou atravessando um muro supostamente intransponível. Eu posso, eu sou forte. Demino a matéria. A barreira cede à minha passagem: sou mais forte do que ela. Nada me prende a nenhum lugar. Se eu quiser, eu sumo, devagarinho, primeiro um braço, depois outro, e as pernas, e a cabeça, e o tronco...

Pronto: ninguém me vê; estou sozinho. Quentamente envolvido pela minha matéria, maleável, anatômica a meu corpo. Sinto-me um pioneiro, um homem do futuro, um... Flash Gordon.

Mas, só isso? Não: eu quero gozar da minha nova situação, passear pelos meus domínios, comungar com os outros a minha descoberta, declarar minha liberdade. Saio do aconchego com a mesma energia com que entrei. Vou à direita, ou à esquerda, aqui isso não muda nada. Ativo, apareço aos poucos da espuma e encontro... um vazio? É o meu vazio, unido ao vazio material. Estou de olho aberto.

É sonho... não, não é. Até isso consegui? Tornar palpável a imagem que meus olhos só vêem no escuro? Invadir o terreno proibido aos homens alerta? Eu me conquisto, eu me possuo, EU SOU.

Ciente de minha importância escolho entre o aconchego e o vôo. Decido-me em volver, sentir-me dentro, sentir-me parte essencial. A ex-barreira me recebe, ávida de cada parte de mim. Lá dentro, tão pequeno e tão grande, meu universo me aponta três soluções: instalo-me aqui para sempre, o ar me faltando aos poucos, minha propriedade sofrendo uma erosão irremediável: volto para o que já sei, minhas dimensões se normalizando a cada impulso que dou para trás: ou transponho esta nova barreira a minha frente, tão semelhante a primeira, mas tão mais escura? Gozo o presente, já gozei o passado. O avançar é necessário: penetro o incerto: meus pés, minhas pernas, minha cabeça, meu

tronco, vagorosamente são expelidos. Voltou o medo: há muita coisa me rolando deando. Acabou, ou está começando? É preciso que eu abra os olhos?

LOTE 26

Jacira de Barros Quintas Del Corso - Luiz - Francisco - Helder - Waldemar e Jonas (equipe do Colégio Estadual "Martins Pena") - Coral do Colégio e colaboração especial do Coral Luther King

Dentro dos limites de um lote sorteado, irregular - um - corredor, ligado a um círculo com uma coluna de 55cm. de diâmetro e 5 metros de altura, cercado por outros lotes, com entrada apenas pelo corredor, relembramos que:

"Para se poder viver/compra-se o mundo em que/se vive/Como quem compra um objeto/secreto mas visível/Compram-se os seus problemas/sem solução/Quem nasce no mundo, hoje/compram sem o querer/uma bomba"/ou uma bomba/"Uma e outra têm asas/Uma e outra são limpas/Ambas são irmãs pelo som/(p) "bomba"/C. Ricardo).

Então, concluímos, que talvez o mais importante fosse apenas sobreviver, mas como?

De um lado havia o inevitável de nascer, do outro, o inevitável de morrer. Entre os dois, o inevitável de viver.

Com uma das mãos estamos na terra (Hiroshima, Dachau, Bigfra, Belfast, /// Pearl Harbour, Coreia, Vietnã), e com a outra, tentamos, em vão, muitas vezes, /// alcançar o céu.

Em síntese, a ideia é essa.

Dividido o lote em duas partes, na superior está a vida - ou a morte, na inferior, a morte ou a vida, dependendo de cada espectador - participante. Mas entre as duas, há o cinza:

a Renúncia/a Alienação/a Guerra/a Paz/o Amor/ o Desamor / Qualquer coisa/Alguém/ ou nós mesmos.

Integrando a música ao ambiente, exteriorizando suas expressões nas paredes ou no próprio alumínio deformante, ou apenas entrando - pelo corredor para rodear uma coluna e sentir as deformações ou alçar os olhos para o teto, o público participa, pelo reflexo da figura, pela escolha da música, pela direção dos olhos, pelo sentimento externado, do projeto por nós iniciado, mas só então terminado.

LOTE 28

Aldir Mendes de Souza

Tentamos com este trabalho, apresentar o estudo de um canal de comunicação de massa, que é o jornal. Para isto foi criada uma manifestação de protesto contra o salão, tornando o assunto de interesse para manchetes jornalísticas. A mesma matéria e as mesmas fotos, foram entregues nas redações de São Paulo e do Rio de Janeiro, e os redatores com este material passaram as publicações, chegando a resultados diferentes. Foram expostos na entrada do Museu todos os recortes dos jornais que comentaram o assunto. Utilizou-se a "Mona Lisa" para símbolo da contestação, tendo sido colocada uma mordida em sua boca. A obra de Leonardo teve todo o seu sentido modificado com esta pequena alteração, passando a figura a simbolizar a censura ou a violência. O alvo das críticas eram, o sorteio para a seleção e o sistema de uma comissão para a concessão de verbas de pesquisa. Os próprios participantes da Exposição, reconhecendo esta incoerência optaram pela eliminação dos prêmios, utilizando-se a verba, para a publicação do catálogo. O jornal expos nossas ideias e fotografias a milhares de leitores em todo o país, criando-se uma polémica que dos jornais passou à televisão. Minha obra procurou documentar uma época de violência, utilizando a apropriação da Gioconda, o realismo fotográfico e a criatividade dos redatores e diagramadores dos jornais e revistas.

Rubens Coura

Expusemos coelhos vivos, pintados de cores diversas (com tintas não alergênicas), que comiam, bebiam e se moviam em suas gaiolas negras, sobre pilares igualmente negros. Os coelhos, engaiolados, representavam os artistas da exposição, que, humildes como esses animais, aceitaram o sistema de lotes sorteados e limitados. Mas, vivos como os coelhos, há sempre a possibilidade de mudarem seu modo de pensar, pois isso caracteriza os seres vivos. Esculturas vivas, de colorido forte, foram pintadas durante o processamento dos trabalhos, representando a "beleza" das concepções dos diferentes lotes, propositadamente contrastantes. Os coelhos foram sorteados no último dia da VI JAC, pois a libertação dos animais pelo salão, invadindo os demais lotes, implicaria no seu esmagamento pelo "happening" que teve lugar naquele dia. Mas, ficaram as gaiolas arrebitadas, vazias, lembrando a todos que pelo menos os animais se libertaram do esquema imposto pelo Museu. Pesquisa provavelmente inédita em nosso meio, essa forma de arte conceitual será desenvolvida e evoluirá.

LOTE 29

Maria Helena e equipe: Estela - Frank - Rogério Jorge - Conceição - Rogério Junior - Luizinho - Janice - Walter - Yoshitaka

Tema: Dilúvio sobre um Deus de ferro

Deus de ferro para homens de ferro, com sede de sexo, de poder, de vingança - de amor. O homem torna-se dia a dia mais mecanizado. A cibernética impera. Há necessidade de um dilúvio espiritual para mudança de mentalidade. Vivemos num mundo conturbado por guerras e vinganças com o homem chamado por crença e necessitando de Deus, um Deus sublime que lhe dê a paz.

LOTE 30

Alex Vallauri

A partir do processo gráfico (indireto) de impressão da gravura, altos e baixos relevos, qualquer superfície que apresente estas características poderá ser impressa.

Quero levar o público à descoberta de superfícies e formas-texturas que possam ser manipuladas e impressas.

O trabalho não se restringirá ao meu lote, onde há material para ser impresso, mas se expandirá pelas superfícies do MAC e fora dele, paredes, pessoas (impressões digitais), folhas, árvores, etceteras, superfícies sensíveis, a serem encontradas pelo público.

LOTE 31

Dalton Almeida Raphael

"Entre águas e ares", conjunto composto por duas xilogravuras - Procuro incentivar, (quem sabe a mim próprio), algo realista, sereno...

A intenção é evidenciar momentos e movimentos reais, ante a evolução do abstrato e do metafísico. Ando portanto treinando a espontaneidade, num campo onde a imaginação artística esteve voltada, não só para o processo de trabalho, mas também visando um melhor resultado final:

"Entre águas e ares", traduz a conservação de técnicas rudimentares da xilogravura, através de burís e goivas, madeira de topo de laranjeira e papel japonês tipo "silkspon".

Talvez eu não tenha conseguido me expressar convenientemente em termos de proposta, todavia saliento que "entre águas e ares" é fruto de um trabalho sério e de muita pesquisa que espero não interromper.

LOTE 33

Marcio L. Goldfdeb

Proposta: Quadros em 3ª Dimensão, para que possamos enxergar mais longe.

LOTE 34

Helio José de Oliveira - Gyorgy Forrai

PROCESSO MONTAGEM...

- A - OCUPAÇÃO DO LOTE.
- B - INSTALAÇÃO DE 4 COLUNAS DE 4,50m
- C - INICIO DO PROCESSO DE FIXAR CANOS DE 2,50 NAS LATERAIS.
- D - TÉRMINO DA MONTAGEM E COLOCAÇÃO DO PISO.
- E - INICIA-SE A PINTURA DO LOTE E DE SUA ESTRUTURA.
- F - INSTALAÇÃO DO SISTEMA ELÉTRICO E DA COBERTURA DA ESTRUTURA.
- G - INSTALAÇÃO DO EQUIPAMENTO SONORO.
- H - TESTES FINAIS E REGULAGEM.

PROPOSIÇÃO DO TRABALHO: TORRE DE CONTRÔLE DA SOCIEDADE

O COMPLEXO DE APARELHAMENTOS TRANSMISSORES - ONDAS ELETRO MAGNETICAS - APARELHAMENTOS RECEPTORES APARENTEMENTE TEM COMO FUNÇÃO CRIAR UMA PONTE ENTRE O TRANSMISSOR E O RECEPTOR, ONDE O ELEMENTO RECEPTOR CONSTITUI FATOR PASSIVO NÃO POSSUINDO ELEMENTOS DE REAÇÃO CONTRA O SEU TRANSMISSOR, SENDO QUE POSSUIRÁ SÓ UM ELEMENTO DE FUGA QUE SERÁ A ALIENAÇÃO EM RELAÇÃO A MENSAGEM.

NOTA-SE ENTÃO QUE ESTE COMPLEXO PODE TORNAR-SE OU TORNA-SE UM FATOR DE REPRESSÃO. A OBRA TORRE NESTE CASO REPRESENTA O DISTANCIAMENTO ENTRE O TRANSMISSOR E O RECEPTOR, QUE SE VÊ DIANTE DE UMA IMENSA BARREIRA NESTE CASO UMA CERCA DE ARAME FARPADO, TOTALMENTE IMPOTENTE. NA OBRA TORRE O SUJEITO EMITIRÁ UMA MENSAGEM QUALQUER QUE SERÁ RECEBIDA PELA TORRE. ONDE SERÁ DESFIGURADA PELO COMPLEXO TECNOLÓGICO E LOGO A SEGUIR RETRANSMITIDA PELO MESMO CANAL AO SUJEITO INICIAL.

AS VITIMAS QUE SOFREM O IMPACTO DA NOVA TECNOLOGIA INVARIavelmente COSTUMAM TARTAMUDEAR LUGARES-COMUNS SOBRE A FALTA DE SENSO PRÁTICO DOS ARTISTAS E SOBRE SEUS GOSTOS FANTASIOSOS. COMO DISSE WYNDHAM LEWIS - O ARTISTA ESTÁ SEMPRE EMPENHADO EM ESCREVER A MINUCIOSA HISTÓRIA DO FUTURO, PORQUE ELE É A ÚNICA PESSOA CONSCIENTE DA NATUREZA DO PRESENTE.

LOTE 35

Mariselda Bumajny - Emilio Fontana

"O Toque do Ensof"

O trabalho procura a dimensão do fantástico e a ausência do limite de meios. O sonho, a cabala, as galáxias são o caminho e tudo é instrumento. O ser humano não é um objeto?

Então ele entra como objeto dentro do trabalho - que - porisso: não é balê, expressão corporal, teatro ou mímica.

É a tentativa de um conjunto plástico total, uma obra que usa elementos vivos (poderiam ser peixes, pássaros...), que são seres humanos. No fim tudo é clima.

LOTE 36

Sergio Kinichi Gomes Sakakibara

TRABALHO APRESENTADO:

Fotografias em três painéis.

TÉCNICA:

Montagem fotográfica em alto-contraste.

MENSAGEM:

A desumanização e a ruptura dos módulos naturais como marco, ou advertência, da quebra da escala de valores morais que pode levar à ruptura dos limites do individual e privação da livre opção existencial, um dos caracteres de diferenciação homem - animal.

INTENÇÕES:

Utilizar a fotografia por suas possibilidades realistas, valorizar a arte não como simplesmente o "belo-em-si-mesmo", mas como portadora de uma mensagem que reflita uma experiência que possa ser útil aos que a captarem. O Belo tomado como causador de prazer estético e veículo de uma mensagem com valor humano e social.

LOTE 36

Marília Campanário

Na 6ª Exposição Jovem Arte Contemporânea (1972) apresento trabalhos feitos com radiografias onde podemos ver os ossos que compõem o esqueleto humano. Coloquei essas radiografias de ossos, de maneira a formar figuras de homens que perderam pela fome, pela guerra ou pela miséria, suas características normais. Aparecem em meus trabalhos esqueletos em atitudes desesperadas.

Em muitas partes das radiografias originais pintei por cima com tinta acrílica e em outros pontos raspei as partes escuras dessas radiografias.

Nos trabalhos depois de prontos podemos nos ver iguais - como estrutura ossea existente em todas as pessoas. E podemos concluir que a importância do amor, da paz do viver é igual para todas as pessoas da Terra.

LOTE 37

Luiz Augusto Arantes - Cicero - F. Thali

A proposta visa estabelecer uma relação existente entre um indivíduo qualquer, situado atrás de uma janela (anteparo, moldura, focovisor, ou ainda, o ponto de vista do observador) e uma cena qualquer de carácter cotidiano, no caso, uma paisagem.

É em suma a relação entre o observador e a cena observada. Um indivíduo qualquer, no caso você, que presencia o sucedido:

Eu vi u'a janela
Eu vi de lá
Eu vi u'a janela...
Eu te vi de lá!

Eu vi u'a janela
Eu vi de lá
Milhares de chaminés
Eu vi de lá
Entrando no meu corpo...
Eu não te vi mais lá!

Eu vi u'a janela
Eu vi de lá
Um vaso com flores
Eu vi pores lá
Prás festinhas de agora...
Eu não te vi mais lá!

Eu vi u'a janela
Eu vi de lá
Vi carros, vi pessoas,
Vi mortes...
Eu não te vi mais lá!

LOTE 39

Maria Luiza de Araujo

TÍTULO DA OBRA - "MULHER NO NEGRO"
 CARACTERÍSTICA - ARTE TRIDIMENSIONAL

PROPOSTA: Na realização de minha obra objetivei conseguir artisticamente:

- 1) - Comunicação direta, visual e tátil.
- 2) - Esteticamente evidenciar através de formas simples e puras o belo do objeto.
- 3) - Através dos sentidos, a efetivação da vivência redescobrimo a beleza em relação comum com o Universo.

LOTE 40

Tomoshigue Kusuno

FONTE DE ENERGIA

Este trabalho partiu, inicialmente, da identificação do lote através de sua localização no mapa e em relação a sala como estando no centro do espaço disponível para a exposição. O círculo surge no meio da área como um ponto central e como tal possuidor da máxima concisão, capaz por sua tensão interior de se transformar em fonte de energia. À sua frente um espaço retangular, quase quadrado, que através de seus ângulos, com ele entra em oposição. A esta oposição foi incluída outra, a do claro - escuro. Construiu-se a partir do círculo um espaço cilíndrico e a partir do quadrado - um espaço cúbico. Ao espaço cúbico deu-se o valor claro e ao espaço cilíndrico o valor escuro. Estes dois espaços possuem diferentes organizações interiores e a sua vivência se processa em duas etapas:

1) Espaço cúbico: 1,40 de larg. X 1,80 de comp. X 2m de alt. É composto de duas paredes laterais contendo cada qual uma fileira de dez lâmpadas fluorescentes, cobertas por um plástico vinílico leitoso; seu interior branco e as luzes assim recobertas eliminam as sombras provocando um primeiro efeito de choque em relação ao espaço exterior que após algum tempo de permanência se neutralizará. No ponto central do cubo há um banco em cujo assento, no meio, foi colocada uma pequena calota de alumínio que corresponde em direção e tamanho a uma outra colocada no teto. Entre estes dois pontos se estabelece então uma linha invisível que é também produto das ligações entre os diversos pontos, resultantes das diagonais do cubo. A pessoa que se sentar no banco, após algum tempo, o suficiente para que se adapte ao ambiente, começará a perceber que esta linha não altera já mais de direção correndo desta maneira ao infinito e fazendo ela própria, pessoa, parte desta reta que em sua tensão representa também a forma mais concisa da infinita possibilidade de movimento e portanto fonte de energia. A pessoa transformada em um ponto no centro deste espaço cúbico une-se a ele, estabelecendo-se assim uma situação de harmonia que transcende a obra.

2) Espaço cilíndrico - 5m de Alt. X 2,40 de diâmetro do chão até o teto. É negro. Entre o teto e as paredes do cilindro assim como entre o chão e as paredes foi deixada uma pequena fresta por onde passa a luz exterior formando um ligeiro halo que identifica o cilindro internamente. No centro do cilindro, no teto, se colocou uma pequena lâmpada presa a um fio. O fio e a lâmpada não são visíveis senão sob a forma de ponto luminoso neste centro. No chão, também no centro, está colocado um banco que parece flutuar no espaço. No centro do banco um pequeno furo luminoso que corresponde em direção e tamanho ao ponto luminoso superior. Para criar uma maior sensação de amplitude foram colocadas linhas lateralmente. Estas linhas recebendo a ligeira luz superior e inferior fazem com que a pessoa sentada no banco se sinta no centro do cilindro, os pontos luminosos recriando novamente a linha que ele já havia encontrado na primeira etapa, isto após o tempo necessário para que o olho se acostume a escuridão. Nesta segunda

etapa a reflexão e auto-conscientização se darão com maior intensidade, ainda mais considerando-se estarem os pontos criadores das linhas no centro do cilindro o que faz com que aumente ainda mais a tensão concêntrica. Também aqui a permanência faz com que entre ele e o ambiente se estabeleça a mesma relação harmônica da primeira etapa, o que leva a transcendência da forma, transformada a pessoa, ela própria em ponto de luz e fonte de energia. A criação, então? de dois espaços aparentemente antagônicos, em sua forma e relação claro-escuro. a elaboração de estruturas que levam a introspecção e auto-conscientização, a transcendência em relação ao conflito e a transformação através da concentração em fonte de energia, enfim, a ligação estabelecida mentalmente pelo observador de todos estes aspectos do trabalho consigo próprio até chegar a harmonia, é a minha proposta.

LOTE 41

Grupo Retaguarda: Antonio Helio Cabral - Cesar Luiz Mazzacoratti - José Fernandes Teixeira Filho - Romão Bertoncel

- a ocupação do lote dar-se-á através da representação do processo de evolução e transformação urbanas.
- este processo terá como significantes os elementos simples e representativos que caracterizam a transformação e a evolução urbanas.
- tem-se como partido principal o ambiente urbano e a sua relação com o elemento humano.
- a ocupação far-se-á sucessiva e evolutivamente durante o período da exposição.
- a proposta é função da solicitação do MAC (ênfase ao processo) e da divisão espacial do local destinado as exposições.

LOTE 42

Flávio Shiro

Superposição de fotos com a cabeça do escultor Franz Weissmann, vista de vários ângulos.

LOTE 43

João Vitor Theophilo

Espaço: Forma existencial necessária a todo objeto material
 Limite: Linha terminal ou divisória entre determinada extensão superficial onde qualquer coisa não pode ou não deve ultrapassar.

Uma criação artística provém de técnicas amadurecidas e de uma educação artística eficiente. Nenhum artista é integralmente independente de seus predecessores.

O talento de uma personalidade artística torna-se potência quando existem educação, técnica e estilo (qualidade relacionada com o desenvolvimento perceptivo do indivíduo). A potência artística pode então resultar na criação de uma obra, onde as possíveis compreensões espectadoras, serão conseguidas a custa de tremendos esforços somados a um universo de incertezas. A criação, quando espontânea, não pode depender de conformes ou circunstâncias premeditadas, pois em busca do produto final, o limite espacial ou superficial deve ser esquecido.

LOTE 44

Grupo 6: Norma Tenenholz - Mara Borba Coelho - Rosângela F. Gonçalves - Ana Tereza Masetti - Alberto Leme - Mario

Povo desenvolvido é povo limpo.

LOTE 45

Nellie Solitrenick - Claudio Leone

ANÁLISE SIMBOLÓGICA (pelos artistas):

TRIÂNGULO PRETO:- aparelho genital feminino. Responsável pela concepção ou criação (Deus).

CORDÕES BRANCOS:- extensões do aparelho criador ou solidificador. Projeções no espaço de um conceito.

MODULAÇÃO:- idéias solidificadas e aprisionadas em um espaço limitado, não podendo projetar-se corporeamente no espaço, por serem condenadas desta forma a esterilidade de uma só dimensão.

LOTE 46

Carlos José Pasquetti

A criação é necessária quando baseada na experiência de ação acumulativa e transformativa na situação real originada da necessidade do momento vivente. Toda a transformação (e não criação) visaria uma proposição positiva na realidade na qual o trabalho transformativo não é submetido a classificações de níveis de importância.

A etapa natural ou primária contém a base da ação transformativa ou acumulativa pois é real e é a necessidade desta transformação.

A animação é uma ação transformativa, sendo esta animação, uma necessidade primária que envolve a ação natural ainda viva. Na medida que é assumida no momento vivente real substitui-se a criação pela ação.

LOTE 47

Pedro Lopes Soares - Toshibume Nakano

"Quando o quintal é palco de uma tragédia representada pela branca-de-neve e assistida pelos sete anõesinhos".

o nosso trabalho consiste no aproveitamento dos elementos simples e pacatos (gramado, cerquinha, anõesinhos de jardim, viveiro, etc.) pretendendo criar uma situação artística e estabelecer uma ligação entre a arte e os objetos e situações do cotidiano fazendo com que o espectador não veja neles simples elementos passageiros e procure estendê-los para o campo da criação artística.

LOTE 49

Paulo de Tarso C. Viana de Souza

Refleta - A vida é um luxo / O luxo é um lixo / O lixo não é nada / O luxo não é nada / A vida não é nada / A vida é um lixo.

Nota - (As palavras empregadas na proposição acima não devem ser entendidas em seu sentido específico, mas sim nas conotações que delas advem).

A proposta foi feita com a intenção de se criar um momento reflexivo em volta do problema existencial do homem, sobre suas relações sociais, enfim, uma parada para pensar se esta é a vida a qual almejamos ou aquela que por vários motivos somos obrigados a viver. Fatores como conforto, felicidade etc., são fatores que deveriam ser inerentes aos homens, mas não entendo ser possessões de alguns. Essa parada, essa reflexão poderá pelo raciocínio nos levar a ver que muita coisa está errada, e um sentimento de querer corrigir muitas dessas coisas nos levará a corrigi-las, assim creio eu.

LOTE 50

Lydia Okumura - Genilson Soares - Francisco Inarra

"UTILIZAÇÃO DO LOTE E DO NÃO LOTE*1"

No lote inicial, ficará colocada sob a forma de uma pasta contendo propostas, gráficos e documentações do que se relaciona à equipe, as atividades e propostas desenvolvidas na JAC/72, individualmente ou em grupo.

1 - Propostas utilizando o lote como conteúdo, como tudo, onde o nada também é implícito.

2 - Ocupação do lote*2, estabelecendo maior quantidade ou de densidades de idéias por lote.

3 - Partindo-se de diversas necessidades decorre o contato com as realidades existentes, resultando em várias formas de ação e desenvolvimento.

4 - A idéia do processo como cotidiano, o projeto como obra*3, a obra como resultante do processo, na qual o fator presença + ação + idéia, representa o engajamento para com a realidade.

5 - Lote como meio de atividade vivencial no contexto JAC/72.

OBS: Da proposta "Incluir os excluídos", uma extensão da proposta do lote inicial nº 50, decorreu a necessidade do não lote.

A apresentação das obras de SERVULO ESMERALDO, ARTHUR LUIZ PIZA, JACQUES CASTEX, JANNIS KOUNELLIS, fora de seus lotes*4, foi feita respeitando mais a característica da obra do que a exigência do regulamento da JAC/72.

6 - O conteúdo da pasta não é definitivo, a equipe incluirá individualmente ou em grupo as propostas posteriores ao do "Dia da Apresentação".

7 - Proposição para a elaboração de um catálogo, publicação dos projetos*5, documentações de obras realizadas, referentes as propostas e atividades na JAC/72.

OUTUBRO DE 72

* 1. NÃO LOTE - O lote inicial nº 50, ficou como um espaço vazio, totalmente livre, destinado a passagem do público durante a JAC. Uma pasta, inicialmente destinada a ocupação do lote, contendo o relatório de atividades individuais e de grupo, ficou na Secretaria do Museu para qualquer referência.

* 2. OCUPAÇÃO DO LOTE - Espaço restrito ao lote nº 50, condição regulamentar para o grupo na JAC/72, se estendeu também as atividades extra JAC/72 pela inclusão de documentações de trabalhos anteriores, contemporâneos e posteriores à JAC/72. O conteúdo do lote, fica na idéia de Pasta, estendida a possibilidades na sua condição de elemento.

* 3. Na obra "Incluir os excluídos", a execução (atividade puramente operacional), é tida na idéia de "obra", dada a relação vivencial entre o autor da idéia do projeto, e o autor da idéia de execução deste projeto. Com esta idéia, ficaram incluídos na Exposição, os projetos não sorteados de artistas não residentes no país.

* 4. Obedecendo as características das obras de Servulo Esmeraldo, de Jannis Kounellis e de Jacques Castex, estas ocuparam as áreas fora do loteamento. As obras de Erika Steinberger e de Luiz Arthur Piza, também por suas características, ocuparam áreas conseguidas pelo grupo, dentro do loteamento.

* 5. O relatório de atividades ou a proposição para o catálogo, não tendo sido exibido no "Dia da Apresentação", nem nos dias de debates e nem no Catálogo Geral da Exposição, será elaborado pelo próprio grupo, um catálogo em forma de 4 exemplares, para efeito de documentação maior, para o Museu e para cada membro do grupo.

São Paulo, janeiro de 1973

Projeto (I) SÉRVULO ESMERALDO

APRESENTAÇÃO DE "EU, VOCÊ, EU..."

Sugiro que:

- os cinco painéis sejam em compensado ou similar de 1,00m x 1,50m e pintados de branco fosco e liso.
- o texto seja pintado em preto com letras de 25m/m de altura pelo processo de pochoir.

O PARTIDO

escolhi chamar a atenção sobre o processo irreversível que nos leva - premidos por nossos problemas pessoais - a esquecer ou relegar para um plano remoto a existência mesma dos outros fazendo com que percamos todo contacto com a realidade coletiva.

Depuis quelques années j'ai cherché à reconstituer pour mon propre compte les phénomènes naturels que j'avais observés par des objets ou des formes "NEUTRES" ayant valeur de signe de l'émotion que j'avais eue.

Je ne les considérais pas comme but en soi, mais instrument de connaissance devant servir de "code" comme tentative de créer à leur tour des phénomènes capables d'agir et de transformer l'entourage.

Jacques Castex

Paris, le 2 octobre 1972

Arthur Luiz Piza

Um cubo de 2,00 x 2,00m., construído em madeira e pintado de branco, com uma abertura quadrada de grades pretas. No interior, um espelho reflete o espectador que olha do exterior do cubo e que se vê simultaneamente entre os barrotes e usufruindo uma paisagem do litoral. Observações: a paisagem: qualquer lugar das costas brasileiras. O som: quebrar de ondas em nossas praias ou "o mar" de Caymi ou se possível uma mistura de ambas. O "spot light": iluminando o espectador mas de maneira que ele se veja atrás dos ferros e no meio da paisagem. Se a experiência der certo um espectador normal não deve se sentir na praia. A experiência é para mostrar a relatividade de "estar na praia" e ao mesmo tempo "não estar". Eu queria com isso provar que às vezes a gente pode estar num lugar sem estar e vice-versa.

LOTE 51

Dina Kaufman - Henrique - Walots

Achamos necessário, a partir da realidade existente, deixar claro a precisão de ocorrerem atos que façam com que as pessoas sintam necessidade de criar e não de consumir; de ser ativo e não passivo; de não ser escravo-dono: ser gente.

Tomamos então a iniciativa de nos desfazer ao máximo de preparativos e envoltórios para o consumo de nossa arte-proposta.

Deslocamos então a ênfase do objeto produzido para os processos de produção artística que estará nas mãos dos não sorteados exigindo uma participação ativa.

LOTE 52

Erika Steinberger

Introdução de flores nas perfurações de um motor velho.

LOTE 53

Roberto Barbosa - Maria Michelino

Título: "Ensaio de Psicoanálise"

Q princípio da idéia da JAC desviou meus "potenciais" para uma auto-análise "completa" percebendo em primeiro lugar que: baseado no conceito de que a criação é a trajetória da expressão e a "obra de arte" é a materialização do veículo, percebi, que o veículo mais significativo aqui presente foi o dos criadores da JAC.

Uma das minhas intenções é fazer um ensaio de comunicação; vou fazer uma pesquisa com os espectadores presentes e com isso e todo o resto afirmar que se não tomarmos cuidados com os nossos "instintos", a arte como meio de expressão do que "a gente sente" vai ceder seu lugar para a concretização de processos "mentais" e portanto extinguir-se porque existem "veículos" mais "lógicos" para essa "linguagem". É o que eu "sinto" em relação às tendências da jovem arte contemporânea.

Nesse ensaio pretendia exprimir todas as minhas "sensações" "político-existenciais", "socio-econômicas", "geográficas" etc por meio do "visual", para tal seria preciso que o espectador viesse desprovido de toda a "cultura", ou, que viesse apenas com sua sensibilidade. Antecipo que tal ensaio provavelmente não será bem sucedido porque esse processo de "codificação" proposto pela JAC "desgastou-me" muito.

LOTE 54

Ignacio Ortega Santizo

Nos estamos asfixiando
y con nosotros se asfixia el arte
se nos asfixia lo que tenemos de humano
el aire que nos llega a través de los barrotes
no es un aire puro
no es un aire sano
el aire saludable no entra en nuestros ataúdes
ataúdes porque estamos agonizando
y con nosotros agoniza el arte
patatea... da manotazos en el aire...
quiere vivir...
quiere gritar...
pero el grito se pudre por dentro...
el aire saludable no acostumbra a entrar en celdas
y cuando entra se corrompe
apodrece.
A pesar de toda esa fumaça
fumaça nociva
apesar de las paredes
apesar de las cadenas
llevo un infinito por dentro
porque soy humano
y no estoy solo
porque tengo hermanos.

LOTE 55

Aurora Boscolo

"TUDO O QUE VOCÊ PUDER IMAGINAR EXISTENTE, DENTRO DO CONCRETO, É FORMADO - POR ÂNGULOS".

QUANTOS GRAUS TEM O ÂNGULO
DA LUA CHEIA?

"TEMA INSPIRADO NO COTIDIANO, DENTRO DE TUDO QUE VEMOS, PEGAMOS, USAMOS, VALENDO A PENA OBSERVAR, COM INTERESSE DE PESQUISA, OS ÂNGULOS QUE NOS RODEIAM".

LOTE 56

Giselda Laporta Nicolelis

O homem chegou à lua. Quem sabe, ainda, alcance as estrelas. Da roda ao foguete, um longo caminho. Mas reina a paz em sua imensa colmeia? Que espécie é essa, no dizer de Bertrand Russell, que mata a própria espécie, caso "sui generis" na natureza?

Guerras. Tratados de paz que ficam apenas no papel. A flor do cogumelo desabrochando rubra e sinistra.

Ecologia? sadismo? interesses político-econômicos-estratégico-raciais? Vagas premissas.

Conquiste embora as estrelas, descobrirá o homem o caminho do seu cosmos interior? sua verdadeira vocação?

Que denuncie o poeta! não um alienado, mas contra a alienação.

LOTE 57

Equipe Alberto Conte - Ana Maria - Cassia - Caico - Caselta - Denise - Rizzo
Heloisa - Maria Ignacia - Lenita - Domingues - Neusa

"Nosso século é essencialmente político: político pela necessidade do homem manter-se sujeito e agente da própria História, político pela ampliação de sentido e valor da "polis", da cidade ou comunidade, da exigência de um bem comum que supera a estreiteza da ética individualista até então dominante; político pela mundialização da vida humana, que interliga as nações e seus destinos e torna a neutralidade impossível; político enfim, pela própria natureza de suas maiores transformações, tanto em plano nacional como internacional: a correlação social-político econômica é no tória e os próprios fatos acima assinalados têm seu paralelo político na luta de classes e na crescente tentativa de guerra do colonialismo, quer o es tritamente político, quer o econômico, que a busca se disfarça até em "já des moralizados programas de "ajuda" e "investimentos". Essa inserção do político-social, se manifesta cada vez mais na temática, mesmo em autores não comprometidos ideologicamente com alguma corrente ou diretriz política (Embora incidentalmente isto faça pensar na frase de Lacroix: "Os filósofos do engajamento julgam que este depende de nós, de nossa livre iniciativa; chegam ao ridículo de querer exortar-nos a realizar o que não é uma obrigação, mas uma necessidade. Nós não temos que nos comprometer, nós já estamos comprometidos").

"As lutas políticas e sociais de nossa época geram, por sua vez, uma atmosfera que não podemos deixar de respirar, levando para nosso íntimo algo de sua tensão e peso. Tensão clara ou latente que, mesmo quando não se expressa em guerra ou conflito aberto, mantém apenas uma "paz" meramente negativa, simples "ausência de guerra", mas na qual nada existe do sentido de colaboração e harmonia, do caráter positivo de uma verdadeira Paz; atmosfera em que, pelo contrário, as tensões e conflitos latentes ou emergem em explosões subitas ou sustentam, permanentemente, um clima de agressividade e violência.

Este clima de agressividade e violência é outra das constantes do século. Agressividade, em parte, de uma época de demolição e derrocada de valores; mais profundamente ativada e mantida pelas forças contrárias em choque, choque esse que atinge uma amplitude e vigor espantosos, em virtude de hoje vivermos num mundo e não mais numa cidade ou nação apenas, e de termos atingido um nível de desenvolvimento técnico que permite um refinamento de crueldade e sadismo na "arte de matar" nunca antes sonhados..."

"Mas, como já disse, não é preciso que surjam quaisquer outros tipos de luta para que venha à tona essa agressividade ou violência. Em uma sociedade como a nossa em que o indivíduo se vê sempre coagido ou pressionado, a violência são reações imediatas e espontâneas e projetam-se amplamente nos filmes de gangster, guerras e faroeste, nas lutas de box, nas histórias em quadrinhos, nos espetáculos de TV. e outros meios de canalização socialmente aprovados. "O imediatismo violento é a resposta a uma civilização que se dá como algo a ser consumido e não como algo a ser criado. A violência é a verdade de uma civilização que separou o consumidor do produtor, o produtor do produto; que desenraizou o indivíduo de todo um meio de vida humano e natural; que qualificou, isto é, reduziu as relações de exterioridade, a relação que dá (pelo trabalho) do homem com os seus instrumentos e com a natureza, a relação (que se dá pela habitação) entre o homem e seu meio e a relação entre o homem com o homem" (André Gorz). É por isso que nos parece tão irrisório o esforço de inúmeros pedagogos no sentido de provar que aqueles espetáculos e leituras são as causas da delinquência juvenil..." (Maria Helena Kuhner).

O Sentido Plástico da Proposta

Uma definição:

"Entendemos por alienação um modo de experiência em que a pessoa se sente como um estranho. Poder-se-ia dizer que a pessoa se alienou de si mesma. Não se sente como criadora de seus próprios atos, tendo sido os seus atos e as consequências desses transformados em seus senhores aos quais obedece e aos quais talvez adore. A pessoa alienada não tem contacto consigo mesma e também não o tem com nenhuma outra pessoa. Percebe a si e aos demais como não são percebidas as coisas: com os sentidos e com o senso comum, mas, ao mesmo tempo, sem relacionar-se produtivamente consigo mesma e com o mundo exterior". (Erich Fromm).

O público está colocado diante de alguma coisa. E o grupo também. Será constante a presença do lote, de um grupo, do público, de esforço por um englobamento. De busca, através de permanentes contactos pela experiência mútua, pelo momento nosso, pelo vivido junto, aqui e agora (...).

O envolvimento nosso acentuar-se-a a medida que uma identificação se torne mais intensa.

Denúncia da Violência ou constatação da Violência?

NÓS

interiorização
hostilidade
violência
individualismo

AMBIENTE

negro
limitado
real
predios enormes
homem diminuto

NÓS

1) reação ao ambiente: raiva
aceitação
amor
recusa
envolvimento

2) a bomba: a ameaça
a síntese do mal
flor da violência
explosão

3) o medo

NÓS/AMBIENTE

"NOSSOS FILHOS TÃO FELIZES
FIÉIS HERDEIROS DO MEDO"

Pintura: conscientização
valorização dos sentidos

Agora: se fala, se ouve, se escuta, se vê

"TANTAS CARAS TRISTES
TANTAS PESSOAS ISOLADAS
QUERENDO CHEGAR A ALGUM DESTINO
EM ALGUM LUGAR"...

Envolvimento

Então:

E AGORA JOSÉ/QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

Final

LOTE 58

Fernando De Amô

PROPOSTA: MICRO-VARIAÇÕES DE UM ESQUEMA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM BURLESCO NO ESPAÇO.

PROCESSO DE MONTAGEM: Deslocamento de um cilindro de luz em movimento no espaço, com o entendimento em: espelhamento
desdobramento
irradiação
diagramação

Conceito: Pela estrutura mecânica de uma cápsula com energia atômica, uma forma variável de BURLESCO, para cujo processo montagem, os esquemas do organismo de cada espaço vive, ampliado no sentido direcional do núcleo atômico controlado.

LOTE 59

Renato Di Renzo - Ricardo Salomon

VIAGEM ATRAVÉS DOS PENSAMENTOS DE DOIS SERES VIVENTES

... um dia começou uma viagem, não foi uma viagem qualquer, foi uma viagem - entre duas mentes, duas mentes diferentes na sua composição, iguais nos seus ideais, duas mentes de DOIS SERES VIVENTES.

Nesta viagem conseguiu-se notar entre as entranhas dos labirintos destas mentes o acúmulo de problemas ali depositados. Houve o encontro entre estes dois seres após a viagem, e uma história se inicia.

Problemas empilhados sobre problemas, problemas comprimidos, destruindo pensamentos, ideias, ideais...

Na junção destas duas conclusões, um vazio.

Materializaram-se desenhos, formou-se vazios, fez-se um cubo, uma reestruturação de um pensamento materializado, maciço, palpável, duro. Um cubo que nos lembra um brinquedo, um brinquedo consciente de sua posição.

Um novo pensamento, comprimido, quando um problema, estes problemas não estão soltos por aí, não estão vagando no vazio, e sim prendendo seu criador dentro de celas invisíveis mas intransponíveis, cercando-o de todos os problemas gerados.

Fios, fios transparentes serão as grades desta cela onde os cubos (problemas)

mas) estavam presos formando a prisão dos problemas ali gerados. Apareceu a cor. Uma cor forte de pigmentação muito marcante me brilhou nos olhos, e me fez pensar.

Surge agora o prego, isto prende os fios grades, que também ferem a carne, - sua posição não nos sugere começo ou fim, pois tudo se prende a alguma coisa concreta ou abstrata; não importa como, mas mantém-se preso. Pronto, está terminada a cadeia de nossos pensamentos. Onde é o começo? o fim?

Nossos pensamentos não têm começo nem fim. Não podemos prever nada, tudo acontece como que por acaso.

Note bem, tudo depende única e exclusivamente de você. Sim! Quer dizer, do seu pensamento.

De qualquer forma está tudo bem agora, apenas um detalhe, falta a libertação? Mas nós estamos presos aqui para todo o sempre!

Agora pense; outra vez; e apenas isso que o ser humano faz.

Pensar em ter isso ou aquilo, pensar em ir ao teatro ou talvez cinema.

- Será que o mundo já pensou em parar?

- Sabe, acho melhor os seres viventes continuarem pensando em si e em seus próprios problemas como já vem acontecendo há muito tempo.

- É, acho que você tem razão.

- Outro dia, vi um ser como qualquer outro, caminhava na praia, solitário, - este ser estava cansado de viver, de convocar sua mente.

Ali na praia mesmo ele caiu, estava morto, a única coisa que ele conhecia era sua existência. Quando se via diante de um espelho via todo um povo, todos aparentemente iguais, mas com pensamentos individualmente criados.

Deitado na areia, vi seu corpo chapado ali no chão; e é apenas isso que sinto de nós dois, um chapado, apenas um desenho.

E assim nós ficamos aqui neste chão, dois desenhos, um chapado que será lembrado assim que um de vocês se sinta em igual situação destes dois seres e fique também um desenho chapado.

E mais uma vez pensar: este momento passou, mas sempre será memorizado em nossas mentes e isso será mais uma vez pensar.

Sabe? "Ricardo", convenci-me de que sem pensamentos ninguém vive. Sensação nel, como é gostoso pensar, pensar, só pensar...

LOTE 60

Afifi Gerardi Dabus - Claudete Marcondes - Hisae - Sachiko Ugayama - Vera Alves Oliveira

CORES, IDEIAS E AR

Considerando-se a pequena porcentagem de área verde na cidade de São Paulo - (2%), somos cinco elementos que propomos aos 5.921.791 habitantes da zona urbana, uma ocupação das áreas vazias da cinzenta e poluída paisagem, com flores ou plantas verdes, para um ambiente mais colorido e menos poluído.

Colocamos à disposição 5.000 saquinhos de sementes de flores de várias espécies, que serão distribuídos graciosamente aos interessados em semeá-las. Cada envelope contém em média 30 sementes, que darão à nossa Cidade um tapete de flores de mais de 9.000 m², flores estas, que se transformarão em novas sementes para progressivamente surgirem muitos outros tapetes de flores de 9.000 m².

Semear sementes ou ideias, é o ideal inspirador da nossa arte, um novo conceito capaz de dar origem a uma nova maneira de ser, que permita ao homem - dos grandes centros urbanos um viver mais perfeito e mais colorido, com todos os seus sentidos estimulados, para que possa exteriorizar todas as suas potencialidades latentes, realizando-se integralmente; deixando de ser máquina para ser GENTE.

PLANTE ESTAS SEMENTES EM QUALQUER LUGAR
ATÉ NA SUA CABEÇA, PORQUE DELAS NASCERÃO
9.000 METROS QUADRADOS DE CORES, IDEIAS
E AR.

CAPITAL DE SÃO PAULO	{	1.493	Km ² ÁREA Km ² ÁREA VERDE HABITANTES	}	1 HABITANTE =
		(2%) 29,86			4,9m ² ÁREA VERDE
		5.921.796			
1 SEMENTE	⇒	1 PLANTA (EM LATÊNCIA)			
1 PLANTA	⇒	30 cm x 30 cm = 90 cm ²	ÁREA VERDE		
∴ 1 SEMENTE	=	90 cm ²	ÁREA VERDE		
1 SEMENTE	→	0.09 m ²	ÁREA VERDE		
100.000 SEMENTES	→	X			
X	=	$100.000 \times 0,09m^2 = 9.000 m^2$			
X	=	9.000 m ² ÁREA VERDE			

LOTE 61

Evandro Carlos Jardim

O espaço do lote 61 foi ocupado por duas gravuras sobre metal montadas em duas caixas de madeira, colocadas uma ao lado da outra ocupando quase todo o espaço disponível.

- 1ª gravura/ água forte e água tinta - 30cm de alt. x 40 cm de compr. impressa sobre papel milimetrado verde - tipo Rosenhain 8833.
- 2ª gravura/ água forte e água tinta - 18cm de alt x 23,5cm de compr. impressa sobre papel milimetrado verde tipo Rosenhain 8833.

LOTE 62

ALFREDO CARLOS DEL SANTO SILVA

A solução do lote foi desenvolvida sobre um chassis de madeira, forrado de papel branco, cuja superfície é tratada por grafismo. (material - grafite). A área foi dividida: uma parte resolvida por planos geométricos perspectivos, e outra com um elemento formal figurativo (figura humana). Um elemento circular em acetato transparente, móvel, situa-se sobre a área. Neste elemento, há símbolos místicos executados em nanquim preto (pena) e tinta plástica. (3 cores).

OBJETIVOS da proposta - Apresentação do Homem como UNIDADE situado num espaço geométrico, exato, em atitude de emergência (Nascimento). Em 1º plano situam-se os símbolos místicos (antropogênese-cosmogênese). A perspectiva dos elementos geométricos situa o homem "solto" no espaço-tempo-templo (imago mundi). A superposição de materiais distintos (papel-acetato), opaco e transparente, a distinção dos elementos formais (Figurativo-geométrico) e seu tratamento superficial (tinta-grafite) pretende uma apresentação não literária conceitual intelectual, mas diretamente dirigida ao Subconsciente, em termos de DUALIDADE e de Sacralização do Homem.

LOTE 63

Carlos Trafic - Roberto Granados - Osvaldo de La Vega - Roberto Michelino

Senores
COMISION COORDINADORA:

Colocados frente al hecho real de la fragmentación espacial realizada por la Dirección del Museo nos encontramos con la siguiente situación:

- a) Disponíamos de un espacio propio en el cual podíamos hacer aquello que quisiéramos dentro de los códigos de comunicación artísticos.
- b) Esto convertía nuestro lote en un ESPACIO INTERNO relacionado con el ESPACIO CIRCUNDANTE que incluía los espacios internos de los otros participantes de la muestra. Es decir que se reproducía un MODELO ESPACIAL URBANO; HABITATS INDIVIDUALES y GRUPALES basicamente aislados entre sí pero comunicados-

por un código previsto de antemano por un MODELO CULTURAL.

Partiendo de estas dos coordenadas nuestro primer impulso fue "ocupar el espacio", habitarlo, utilizarlo privadamente. Inmediatamente surgió en nosotros la necesidad de comunicarnos con los "habitats circundantes" y con todos aquellos que se desplazaron por el espacio fuera del nuestro.

Dada nuestra especialización - las relaciones dramáticas - y las características de la Muestra, nos encontramos ante la posibilidad de emprender un trabajo de investigación sobre RELACION ENTRE ESPACIOS DRAMATICOS.

Entendemos en este caso que nuestro Lote funciona analogamente como lo que se entiende como PROPIEDAD PRIVADA, la casa, el habitat, el interior psíquico, la percepción, la memoria, los sedimentos culturales, la personalidad. En cuanto a lo que nos rodea sería: la gente, el mundo, los otros, el entorno, los extraños, los vecinos, los visitantes. Los dos espacios, el de ADENTRO y el de AFUERA, están habitados por OBJETOS y PERSONAS que se expresan y comunican a varios niveles, pero todos mantienen entre sí una RELACION DRAMATICA cuya mínima expresión sería mirarse pasivamente.

A partir de esa actitud básica, todos los medios son válidos para COMUNICARSE, depende de los objetivos y las circunstancias..... Acostumbrados a una relación espacial escenario-platea donde los roles están definidos casi totalmente, la Muestra es una excelente oportunidad de desarrollar espontáneamente con un gran margen de imprevistos, una relación DRAMATICO-ESPACIAL que dependen solo de las situaciones reales que ocurran en el momento. El público que concurrirá a la Muestra será sumamente ecléctico, parecerá más a la gente que se desplaza por las calles que al público habitual de una exposición de pintura o de un espectáculo teatral; mas que público, será GENTE; En los días asignados para el Proceso de Montaje iremos HABITANDO el espacio, lentamente, ira teniendo el caracter y las condiciones de sus propietarios; NOSOTROS. Lo iremos poblando de objetos y mitos. Cada uno de los elementos será, a su debido tiempo, un puente potencial de comunicación dramática o de expresión audiovisual. Estaremos, a su vez, rodeados de otros habitats y objetos; cada uno de ellos comparte nuestras circunstancias básicas. Nos fascina sobre todo la idea de relacionarnos activa o pasivamente a través de los objetos y sus resultados espacio-adio-visuales, entendiendo que el cuerpo humano es el sujeto-objeto ideal de comunicación. El margen de imprevistos que se produzcan durante la PRESENTACION de la obra, la reacción de ella y sus componentes frente a esos imprevistos son la base de nuestra experiencia. Sus resultados serán de gran utilidad para nosotros en el camino que estamos recorriendo en la búsqueda de nuevos lenguajes de comunicación.

LOTE 64

Marcos Rodolfo Schmidt

1. Descrição: O lote tem a forma de um "L" invertido com suas hastes absolutamente iguais. Cada qual mede aproximadamente 4 metros. Avizinha-se com os lotes nº 63 e nº 65.
2. Tratamento: O lote foi pintado de branco. Cada extremidade do mesmo recebeu uma denominação: "I" e "II" O lote foi orientado: de I para II ou de II para I.
3. Títulos:
 - a) - Em I :- DAQUI PARA LÁ, EM DETERMINADO MOMENTO, VOCE FATALMENTE IRÁ PARA A DIREITA.
 - b) - EM II :- DAQUI PARA LÁ, EM DETERMINADO MOMENTO, VOCE FATALMENTE IRÁ PARA A ESQUERDA.
4. Observações: A atitude assumida na elaboração deste trabalho não permiti-

ria um aprofundamento teórico. No entanto, tendo em vista uma abertura à comunicação, seguem-se as possíveis considerações:

- . reflexão em função do espaço:
 - a) espaço euclidiano - rígido - permitiria qualquer construção tri-dimensional.
 - b) espaço kantiano - apriorístico - permitiria ser adaptado em função de um trabalho previamente idealizado.
 - c) espaço einsteiniano - relativo - que permitiu fundir os dois espaços numa só área possibilitando o nível significativo do trabalho.
- . reflexão em função do social:
 - a) aceitação da realidade;
 - b) conotações "direita" e "esquerda" - extrapolação política.
 - c) no trabalho nada impede que o participante "saia pela tangente."
- . trabalho totalmente desenvolvido em função das regras do jogo e do local sorteado.
- . etc...

5. Bibliografia:

- M. Merleau-Ponty - Fenomenologia da Percepção - Freitas Bastos
- Max Bense - Identificação Física, Semiótica e Estética do Mundo - em Pequena Estética - Debates
- Haroldo de Campos - Metalinguagem - Vozes
- Umberto Eco - Do modo de formar como engajamento para com a realidade - em Obra Aberta. Debates
- Apocalípticos e Integrados - Debates

LOTE 65

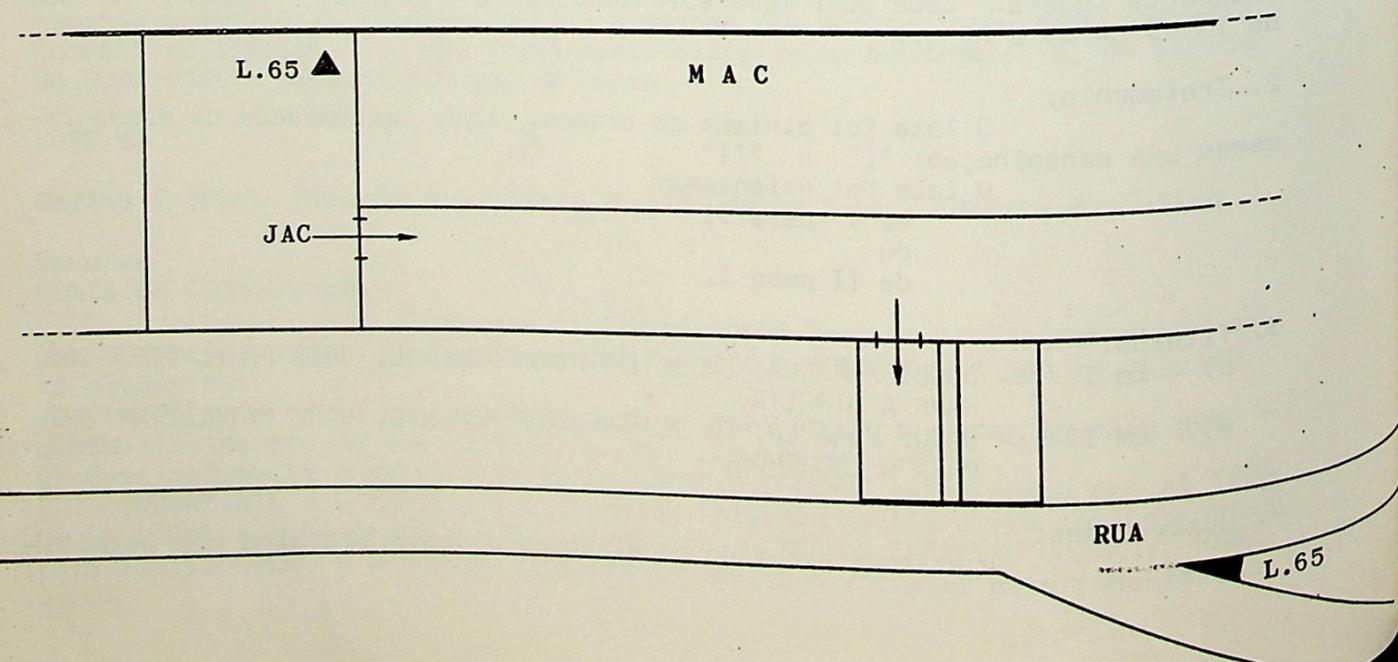
Augusto Peixoto

é sentir, não falar.

translação NA forma

item

"MOVIMENTO de um corpo que muda de posição num ESPAÇO."



LOTE 66

João Carlos Braga - Reynaldo Silveira Franco Junior - Reinaldo Maluli

Colagem de figuras humanas no fundo de caixas presas a um "suporte" propondo um exercício mental. Cada observador vê e analisa de acordo com os seus padrões adequando-a a sua realidade. Entretanto, a nossa cultura o condiciona a ver as coisas com preconceitos, o que altera sensivelmente o processo de percepção acarretando a perda da finalidade última da arte que é a comunicação. Em função disto o objeto, ou seja, o "suporte" da comunicação se torna inadequado (nosso trabalho artístico é a apologia desta tese). É preciso fugir aos apelos da cibernética, dos imediatismos, das generalizações; não atingiremos "verdades eternas" pois o objetivo não é levar ao encontro, mas a consciência da eterna procura.

LOTE 67 e 68

Paulo Sergio L.F. Silveira - Wladimir Bartalini - Marília Penteado Sant'Ana Almeida

Achamos que o nosso trabalho não deveria se condicionar ao desenho ou situação do lote. A nossa preocupação é de fazermos uma pesquisa de objetos que falem por si, qualquer que seja o espaço em que eles estejam. Esta posição liga-se diretamente ao tema que escolhemos, pois em qualquer ambiente que se coloque estes objetos, eles estarão no mesmo espaço daquilo que querem falar, ou seja, o homem urbano, suas atitudes e sua não consciência dessas atitudes.

Desta forma, o nosso espaço não é só este lote, mas a cidade toda. Qualquer um pode reconhecer em si, no seu espaço cotidiano, os gestos destes homens-objeto propostos.

Estes gestos são como protótipos de uma indústria bem planejada, que nos faz todos iguais, sem sabermos disso. Usamos cabelos longos, roupas modernas, mas somos homens-objeto, a repetir o que sempre foi feito. São gestos humanos ou são robôs imitando uma essência humana?

Nossos objetos captam um instante desses gestos cotidianos, paralizam-nos e petrificando-os como na realidade o são mas que no envolvimento urbano não percebemos.

Ao paralizarmos esses momentos tentamos perguntar sobre a razão deles. Usamos nossa própria imagem porque sabemos que estamos envolvidos no problema.

O papelão foi empregado como material que pode simbolizar a realidade industrial e de consumo brasileira, inclusive por suas características de fragilidade e perecibilidade.

Nossa posição diante do lote, é a de não preocupação com seu desenho e sua forma. Os objetos utilizados não têm a intenção de ocupar somente o lote designado, fazem parte de uma pesquisa de linguagem, que não se limita a um determinado espaço.

Queremos falar de alguma coisa que esteja bem próxima da nossa vivência. De alguma coisa que conhecemos e tentamos viver, ou seja da necessidade da consciência dos atos. Escolhemos o gesto, como meio para representar essa nossa preocupação. Percebemos que a maioria dos gestos são mecânicos, formais, insensíveis. Ao mostrarmos esses gestos tentamos perguntar sobre a razão deles.

Procuramos um material industrial para caracterizarmos a nossa época. O resultado procurado também é de um protótipo da indústria, mostrando assim, que esse produto homem se repete em larga escala.

LOTE 69

- Equipe 30 : Fundação Armando Alvares Penteado - Anita Beatriz Heilberg - Antonio Valentim de O. Lino - Clotilde A. Pereira - Daisy M. G. Nery - Elisabeth Fuchs - Leda Aparecida Agostinho - Lucia M. Nagasawa Martins - Marcia T. Rossini - Maria Cecilia Fantelli - Maria Lilian S. Troula - Marly dos Santos - Neide S. - Neusa M. Rainho - Nicolas Vlavianos - Raquel Valente - Regina Celina Frasson - Rosely P. Rodrigues - Sidney Benedito Alguz - Sonia Maria Araujo - Sylvia Schlossinger - Tania D.S. Franco - Tema Naturman - Tino Kawano - Valdir

Withcochy - Vara Rajzurk - Vera Torres Helzel - Waldery de Almeida - Waldete de Sommer - Wander L. Castanho - Zora B. Castagno.

Título: "META - FORMA - AÇÃO"

1) JUSTIFICATIVA DO GRUPO:

O grupo que se propõe a desenvolver o tema, cuja descrição vem a seguir, é heterogêneo, quanto às diferenças de interesse, temperamento, sensibilidade, tendências.

Por outro lado, é homogêneo, quanto ao fato de viverem uma mesma situação. Tem em comum o fato de serem todos alunos de uma mesma turma de uma faculdade de arte, de estarem vivendo o mesmo momento histórico e social, em uma mesma cidade - São Paulo, de terem a mesma responsabilidade de participação no presente trabalho, canalizando as respectivas diferenças individuais para se tentar chegar a um resultado em conjunto, no final do trabalho.

II OBJETIVOS DO GRUPO COM A REALIZAÇÃO DESTE TRABALHO:

- O tema se propõe a verificar, principalmente, até que ponto as diferenças acima citadas podem levar a obtenção de um resultado positivo, ou seja, à realização de um trabalho compacto, homogêneo, integrado, utilizando-se de todas as contribuições individuais.

- Buscamos descobrir até que ponto poderemos superar a individualidade de cada um, em favor de um trabalho em conjunto (se é que se pode falar em uma nova forma de trabalho em grupo).

- A presente manifestação se dirige a um público determinado - aquele que frequenta museus e galerias - com a finalidade de se verificar a aceitação ou reação deste público a esta forma de trabalho.

III) CARACTERÍSTICAS DE TRABALHO:

- ambiental e sensorial (procurando atingir todos os sentidos)
- atingir o espectador com sensações que ele mesmo deve ordenar, segundo o seu grau de sensibilidade e cultura.
- utilizar efeitos visuais, auditivos, táteis, que atuarão sobre artistas e espectadores (participantes), buscando conseguir uma integração entre artista e público.

IV) DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO:

Dia 14 (sábado) às 15 hs. - Sorteio dos lotes e posterior participação na permuta dos mesmos, se necessário.

Dia 16 (2ª feira) às 18 hs. - Montagem

Formação do ambiente, com a colocação de uma porta e bonecos brancos e formação da 1ª parte do nome da obra, com a palavra "META" escrita em cubos, que no final, quando completado, delimitará o ambiente, marcas no chão, de pegadas brancas, da entrada até o lote.

Dia 17 (3ª feira) às 18 hs. - Montagem

Uso da cor amarela em pacotes e objetos diversos, que compõem o ambiente. - 2ª parte do título da obra, com a palavra "FORMA", também em cubos. - marcas no chão, na cor amarela, da entrada até o lote.

Dia 18 (4ª feira) às 18 hs. - Montagem

Uso da cor laranja em pacotes e objetos diversos, que compõem o ambiente. - 3ª parte do título da obra, com a palavra "AÇÃO", também em cubos. - marcas no chão, na cor laranja, da entrada até o lote.

Dia 19 (5ª feira) às 18 hs. - Montagem

Uso da cor vermelha em pacotes e objetos diversos, que compõem o ambiente - Modificação da palavra, com a introdução de duas letras "IN", formando "META-INFORMA" - marcas no chão na cor vermelha.

Dia 20 (6ª feira) às 18 hs. - Montagem

Uso da cor verde em pacotes e objetos diversos, que compõem o ambiente. - Modificação da palavra para "META-INFORMA-AÇÃO", marcas no chão, na cor verde, da entrada até o lote.

Dia 21 (sábado) às 18 hs. - Montagem

Uso da cor azul em pacotes e objetos diversos, que compõem o ambiente. - Alteração da palavra para "META-INFORMA-REAÇÃO". - marcas no chão na cor azul, da entrada até o lote.

Dia 23 (2ª feira) às 18 hs. - Montagem

Uso da cor anil, em pacotes e objetos diversos, que compõem o ambiente. - Alteração da palavra para "META-FOME-AÇÃO". - Marcas no chão na cor anil da entrada até o lote.

Dia 24 (3ª feira) às 18 hs. - Montagem

Uso da cor violeta, em pacotes e objetos diversos, que compõem o ambiente. - Alteração da palavra para "META-REFORMAÇÃO". - Marcas no chão na cor violeta, da entrada até o lote.

Dia 25 (4ª feira) às 20 hs. - Apresentação

Volta ao branco total em todo o ambiente e da palavra "META-FORMA - AÇÃO", após e durante a apresentação de um "happening", com a participação de um crítico de arte, que lerá um manifesto sobre o trabalho.

LOTE 70

Cristina Marcia Gonçalves

"em composição abstrata, procuro mudar o valor das coisas, dando grande importância as sensações que sentimos, com uma produção da imagem de um pensamento ou sonho, valorizando o humanismo acima de tudo".

LOTE 71

Eva Furnari - Ion de Freitas Filho - Gilberto P. Passos

Tema: "FESTA"

Descrição: Mesa contendo elementos característicos de uma comemoração.

Fundamentos: "A 6ª Exposição Jovem Arte Contemporânea tem como objetivo fundamental deslocar a ênfase do objeto produzido para os processos de produção artística".

Os artistas apresentam seu trabalho tendo em vista esta determinação da exposição, devido às circunstâncias de "espaço", "lote", e "sorteio". Não há de negar que tais condições tornam a exposição uma série de atos de cada participante.

Não há, entretanto, outro público nem outro artista, senão aqueles que são pré-determinados, com reações mais ou menos previstas e dentro de um sistema cultural condicionante.

Portanto, muita relação com uma festa, para a qual convidamos um certo grupo mais ou menos homogêneo. A comemoração tem uma certa finalidade e dentro dela há uma ideia de algo que dura enquanto durar, tal como esta exposição.

LOTE 72

Equipe 5:19 - Renato Di Thomazo - Marcio Tadeu S. Souza

Todos nós um dia, fomos crianças (ou não).

É este objeto poderá lembrar a você (ou não), um carrinho de rolimã perdido nas esquinas da memória, numa ginkana, ou numa feira.

Mas hoje, você cresceu (ou não), e brinquedo de gente grande, é outro. Mas o carrinho se liga fortemente a sexualidade, pela bagagem lúdica que marca os indivíduos.

Você pode usá-lo como sofá, pra bater um papo com seus amigos, ou levá-lo por aí, pela correia, como a um cachorrinho, ou pode montá-lo e dar uma corrida, ou então, deitar sobre ele como numa prancha de surf e nadar de luvas pretas, ou pode usá-lo como lhe parecer melhor.

Ele foi feito para isso

Ele é um objeto. - De prazer?

Quem sabe..... isso é com você.

LOTE 73

Fabio Moreira Leite

Sabor Gráfico (uma escolha aleatória no mercado negro)

Proposta — Proposta - Projeto para a construção de uma escultura a ser colocada na praça central da cidade de Juliaca (Perú). Tendo como modelo um jarro "indígena", "descolado" por mim de um restaurante nessa praça, quebrado e acondicionado em uma embalagem plástica, tornando-se o mesmo maquete do projeto, nesse estado.

A apresentação de tal projeto inclui: 15 pranchas que narram o fato e sua situação, no período espaço/temporal (de La Paz a Cuzco) (de 14 a 24 de Julho de 1972) e na sua razoabilidade vivencial e imperativa.

: e um conjunto de anotações processuais: as feitas durante a viagem; as realizadas com finalidade de redução ao espaço (lote) disponível; e as referentes as relações com outros trabalhos da JAC. (esta pasta será entregue na biblioteca, para que possa ser consultada enquanto estiverem expostos os trabalhos).

: e completando, uma carta fechada, explicando para um estudante da Escola de Belas Artes de Lima (David Mosquera - Blas) porque, mesmo se estivesse a meu dispor construir tal escultura no local e do tamanho desejado, (esta carta será selada e enviada secretamente no dia de apresentação dos eventos e situações previstas para esta exposição) eu não a faria.

LOTE 74

Carlos Eduardo Vampré Vieira - Gastão de Magalhães

ARTE-UM MEIO DE AÇÃO E DE CONHECIMENTO
ARTE OU NÃO ARTE
AÇÃO REVOLUÇÃO

. IMAGENS. REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS - REPRESENTAÇÕES CONCEPTUAIS

. IMAGENS

HAPPENINGS
SEQUENCIA RÍTMICA
RELAÇÕES CONCEPTUAIS
SEQUÊNCIAS DE TEMPO
SEQUÊNCIAS DE ESPAÇO

TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO
REGISTROS FOTOGRÁFICOS

. REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS

PÚBLICO-NO VIVER DA OBRA DE ARTE
NÃO OBJETO-DE ARTE
ATIVIDADE LÚDICA
NÃO PASSIVIDADE

LOTE 75

Renato Andrade Maia Neto

Isto é uma manobra de arte na era de sua inclusão na vida.

LOTE 76

Conceição Midori Hatanaka

PROGRAMA

- 14 - Sorteio
- 16 - Ocupação do lote ou espaço
- 17 - Processo de montagem
- 18 - Processo de montagem
- 19 - Processo de montagem

- 20 - Término - processo de montagem (bexigas)
- 21 - Processo - participação ativa das pessoas
- 22 - Domingo
- 23 - Processo - participação ativa das pessoas
- 24 - Processo - participação ativa das pessoas
- 25 - Processo - participação ativa das pessoas

Materiais a serem utilizados: madeira, fios de nylon, bexigas, agulhas, elementos sonoros, fios de metal, pneus.

LOTE 77

Sonia Maria Furian Dias - Iara Maria Pereira

Poucas vezes na história o ato de brincar foi tão valorizado - como hoje. O homem do futuro, dizem os filósofos, será o "homo-ludens".

O aspecto lúdico da arte tem sido constantemente ressaltado. Crimes estéticos em seu nome cometido... Mas não faz mal: o artista é o homem que brinca...

Mas, se o homem do futuro será o "homo-ludens", como é o de hoje?

Mas, se o artista é o homem que brinca, como são os outros?

Uma das origens do caos do século XX está no descuido da frase: "O artista é o homem que brinca".

A dimensão lúdica é componente de todo ser humano.

Sufocado pela estrutura econômico-social, alienado em seu trabalho, esmagado pela rotina do fim de semana, envenenado pela poluição, enlouquecido pelo trânsito, expressa o homem moderno seu grau altamente neurotizado ao transferir ao artista a tarefa de brincar por ele.

Nossa proposta é antes de mais nada uma recusa a descabível em cargo. Os carrinhos estão aí. A areia também. Qualquer um pode, em sua imaginação, operá-los. Isolamos o público dos referidos objetos, por não acreditarmos na solução simplista das obras banalmente manuseáveis.

A atividade lúdica opõe-se de maneira radical a qualquer forma de alienação. Brincar é estar longe estando aqui. (Ao contrário de alienar - se que é não aceitar de estar aqui).

A atividade lúdica nos distancia de nossa situação o suficiente para que a possamos analisar.

Um outro aspecto de nossa proposta é este: Uma análise irônica de nosso cotidiano.

Nossos carrinhos criticam o desumano mundo de concreto e lata - em que vivemos.

Mas, não só críticas fazemos. Sugerimos, sugerimos contra este mundo uma visão poética.

Tentamos mergulhar todo nosso trabalho em um tom poético. Os congestionamentos nós os transformamos (ou transformaram-se?) em mandalãs. As situações trágicas em cenas de humor...

Nossos automóveis não são poluidores, nem naturais. Trazem em si o mistério dos seres biológicos. Nosso elemento não colabora com o gigantismo do mundo. É minúsculo, dirigimos mesmo, gracioso.

Nossa proposta não é um desabafo contra a realidade. É antes - um convite a um mundo melhor, através do uso correto da dimensão lúdica.

LOTE 78

Equipe 22031: Silvio Melcer Dworecki - Antonio José Saggese

UM ESTUDIO FOTOGRÁFICO,
REMONTANDO ÀS SUAS ORIGENS COMO TAL,
ONDE AS PESSOAS ESCOLHEM
SITUAÇÕES SOCIAIS
DETERMINADAS
PARA NELAS SEREM REGISTRADAS FOTOGRAFICAMENTE.

Sergio Macedo

Apresentação de uma sequência de 17 páginas em nankin, guache & ecoline, dispostas sobre o vidro, sobre o vidro que constitui o lote 79, com tapete frontal pintado em suvinil & nankin sobre o piso.
Proposta de expressão gráfica em forma de álbum com 75 páginas, tamanho 37 x 26cm, impressas em off-set a 4 cores.

RELAÇÃO TRABALHO - ESPAÇO

Aproveitamento de 1 dimensão plana com material semelhante (desenhos) propondo uma DESINTEGRAÇÃO de tal conjunto visual com o resultado da proposta - impressão & distribuição do trabalho em forma de revista. Tentativa de adaptação térmica do ambiente para estabelecer um clima não prejudicial ao material empregado, com vedação da luz pelo emprego de uma camada de tinta sobre o vidro. Extensão do trabalho a partes externas à área delimitada, como funcionamento de orientação visual.

PROPOSIÇÃO

1. Utilização do campo das Artes Gráficas retirando o desenho de sua imobilidade, tornando maleável uma proposta plana, que se tornaria, além de intelectual, tátil, manuseável & aplicada ao cotidiano, na forma de um álbum de preço acessível.

2. Suscitar um envolvimento de contexto social - consequentes motivações de pesquisas de mercado, mobilização de capital, redes de distribuição, mobilização de pessoal técnico, contatos com órgãos de censura, ética e toda uma série de problemas que envolvem o lançamento de uma obra num sistema - cuja dimensão mental centrífuga (relação homem-meio-ambiente) tem como campo opcional um círculo vicioso.

3. Abolição do puro valor estético, conectando a criação com uma realidade social. Proposição de um objetivo, visando os problemas decorrentes da repercussão da proposta intelectual sobre a realidade de um meio, e consequentes soluções. A proposta no caso do desenho apresentado, tem como solução a utilização de um meio que não o confine no sufocamento das paredes & consequente perda de valor comunicativo - utilização dos meios de reprodução (HISTÓRIAS EM QUADRINHOS) COM todas suas consequências até o desenho animado ambiental)

- anulação da exclusividade da obra
- comunicação - tentativa de abertura de campo aos manifestos de uma faixa de consciência Conciente, na utilização & transformação das artes gráficas do consumo para a Mensagem (com os devidos cuidados com a censura de nossa liberdade de expressão).

LOTE 82

Ismael Assumpção - Odair Magalhães

ESPAÇO, ESPAÇO

- 1º) - Determinamos que não é nossa intenção ocupar espaço com um corpo material determinado.
- 2º) - O lote 82 B possui as seguintes medidas: 3,84m comprimento frontal; 2,00m lateral direito; 3,80m comprimento posterior; 2,28m lateral esquerdo; 2,50m altura a partir do teto abaixo.
- 3º) - A partir destas informações propomos ao público manifestação oral de eventuais propostas ao espaço específico.
- 4º) - Arnold Hauser esclarece que: "tudo quanto é local, contemporâneo limitado no momento presente, tem significado e valores especiais para o homem de hoje, e, estando dominado por essa idéia, o simples fato da simultaneidade adquire um novo significado aos seus olhos".
- 5º) - "O fascínio da "simultaneidade", a descoberta de que, por um lado, um mesmo homem experimenta tantas coisas diferentes, desconexas e incompa-

tíveis num mesmo momento, e, por outro, diferentes homens em diferentes lugares muitas vezes experimentam as mesmas coisas, de que as mesmas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo em lugares completamente isolados uns dos outros."

- 6º) - A partir dos conceitos esclarecidos nos itens 4º e 5º determinamos - que o mesmo espaço fosse transportado para diversas situações fora do local da 6ª exposição - Jovem Arte.
- 7º) - Apresentação de situações: slides.
- 8º) - A experiência de simultaneidade de acontecimentos diferentes e espacialmente separados coloca o público em estado de investigação entre o espaço determinado.

LOTE 83

Nilson Leonardo Arantes

Título da obra: Quatro Desconhecidos

Desconhecido I - Mancha na vida.

O homem quando nasce tem plena liberdade, à medida de sua vivência percebe-se que essa liberdade não é toda limpa encontrando manchas pelo caminho.

pano solto: liberdade

Desconhecido II - Indecisão humana.

Porta na parede. O homem não sabe o que fazer da vida, se entra ou não. Se entrar que mundo encontrará? Se ficar, que consequências advirão?

pano fixo: estável

Desconhecido III - Prisão interior.

Grades contorcidas arrancadas do chão e das paredes. Mas isso não trouxe benefício ao homem, pois a cada dia está mais acima dele. O mal vindo da terra se limitando no teto, e superando (o homem) essa altura, haverá harmonia de vida.

Desconhecido IV - Cegueira Humana.

Medo de descobrir uma nova vida.

Rotina

- Campo interior -

Cerebro do mal, vazio por todos os lados com olhos para controle Sua vida (luz) está protegida por um outro cérebro menor e mais concentrado.

Rebatimento do arame limitando o controle do mal.

"MENSAGEM"

Fazer com que o homem saiba porque veio ao mundo. O encontro do homem.

LOTE 84

Jacir de Souza - Maria Angelica S. de Souza - Carlos Eduardo M. Estrazulas

Proposta: EMBALALADEM DE UM ESPAÇO AÉREO de 5 x 1. 30 x 2.50.
Material: plástico com bolhas de ar, próprio para embalagens.

Objetivo: Nosso objetivo, embalando o espaço aéreo, é mostrar aos participantes da JAC 72 que estamos embalando um espaço vazio, onde não pode haver participação do Homem Integral, isto é, ele não pode entrar, sentir e viver esse espaço, pois está longe demais... Assim somos, eu e vocês, embalados dentro de nós mesmos, bloqueando nossas necessidades impedindo a comunicação. Como esse espaço fechado mostra o Nada, nós também nada mostramos ao Mundo:
 Naturalmente, Você é exceção, não?
 Sua família é exceção?
 Esta exposição é exceção?

OUTUBRO					
PROGRAMA	PROGRAMA	PROGRAMA	PROGRAMA	PROGRAMA	PROGRAMA
14 INAUGURAÇÃO : SORTEIO DOS LOTES 15 hs. PERMUTAS - 1 das 16 às 18 hs.	16 PROCESSOS/MONTAGEM das 14 às 19hs.	17 PROCESSOS/MONTAGEM das 14 às 19 hs. VERIFICAÇÃO DOS PRO- GRAMAS DE TRABALHO das 16 às 17 hs.	18 PROCESSOS/MONTAGEM das 14 às 19 hs.	19 PROCESSOS/MONTAGEM das 14 às 19 hs. APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS das 20 às 21 hs. VERIFICAÇÃO DE OCUPAÇÃO E EVENTUAIS CANCE- LAMENTOS DE LOTES das 21 às 22 hs.	20 PROCESSOS/MONTAGEM das 14 às 19 hs. PERMUTAS - 2 das 19 às 21 hs.
21 PROCESSOS/ MONTAGEM das 14 às 19 hs.	23 PROCESSOS/MONTAGEM das 14 às 19 hs.	24 PROCESSOS/MONTAGEM (encerramento) das 14 às 19 hs. APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS (encer- ramento) das 19 às 21 hs. VERIFICAÇÃO DOS LOTES	25 APRESENTAÇÃO a partir das 20 hs.	26 DISCUSSÃO PÚBLICA DAS PROPOSTAS das 19 às 23 hs.	27 DISCUSSÃO PÚBLICA DAS PROPOSTAS das 19 às 23 hs.
					28 ATRIBUIÇÃO DE VERBAS DE PESQUISA a partir das 15 hs. ENCERRAMENTO

6ª EXPOSIÇÃO JOVEM ARTE CONTEMPORÂNEA
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 14 A 28 DE OUTUBRO DE 1972
 PARQUE IBIRAPUERA
 SÃO PAULO BRASIL

6ª EXPOSIÇÃO JOVEM ARTE CONTEMPORÂNEA

A 6ª EXPOSIÇÃO JOVEM ARTE CONTEMPORÂNEA TEM COMO OBJETIVO FUNDAMENTAL DESLOCAR A ÊNFASE DO OBJETO PRODUZIDO PARA OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA E PROVOCAR UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA DAS SIGNIFICAÇÕES DESSES PROCESSOS. A JAC-72 SERÁ ORIENTADA PELAS SEGUINTE NORMAS GERAIS: CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO — PODERÃO PARTICIPAR DA JAC-72 ARTISTAS NACIONAIS E ESTRANGEIROS, RESIDENTES OU NÃO NO PAÍS, SEM LIMITE DE IDADE E APRESENTANDO QUALQUER TÉCNICA OU LINGUAGEM ARTÍSTICA. FORMAS DE PARTICIPAÇÃO — O ESPAÇO RESERVADO À EXPOSIÇÃO FOI DIVIDIDO EM 84 LOTES DE DIMENSÕES DIVERSAS (VER PLANTA) QUE SERÃO SORTEADOS ENTRE OS INSCRITOS. CADA ARTISTA (OU GRUPO DE ARTISTAS) DEVERÁ ORGANIZAR E/OU UTILIZAR O ESPAÇO DO LOTE QUE LHE FOR ATRIBUÍDO ATRAVÉS DOS MEIOS EXPRESSIVOS QUE JULGAR MAIS ADEQUADOS: ARTES PLÁSTICAS, CINEMA, MÚSICA, EXPRESSÃO CORPORAL ETC. UM PRAZO DE 8 DIAS SERÁ DEDICADO A ESTE PROCESSO/MONTAGEM QUE SE CONSTITUIRÁ NA MANIFESTAÇÃO/EXPOSIÇÃO. POR OUTRO LADO, SERÃO EXIGIDAS DE TODOS OS PARTICIPANTES, PROPOSTAS ESCRITAS — QUE SERÃO DEBATIDAS PUBLICAMENTE — EVIDENCIANDO AS INTENÇÕES BÁSICAS DE SEUS TRABALHOS.

Inscrição

NOME _____
 IDADE _____
 NACIONALIDADE _____
 ENDEREÇO _____
 CIDADE _____ ESTADO _____

F O T O
 3 x 4

assinatura do artista _____

As inscrições deverão ser realizadas de 11 de Setembro a 10 de Outubro no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo — Parque Ibirapuera — Caixa Postal 22031.
 Tels.: 71-9610 e 71-1111 - ramal 17

14 Sorteio

REGISTRO DO NÚMERO DO LOTE:

PERMUTA I

Somente serão consideradas se devidamente comunicadas e registradas pela Comissão Coordenadora nos dias e horários fixados no programa.
 Registro do número do lote:

16 Processo/Montagem

NOTAS:

17 Verificação dos Programas de Trabalho

VISTO: **Processo/Montagem**

NOTAS:

18 Processo/Montagem

NOTAS:

19 Verificação da Ocupação do Lote

Serão considerados definitivamente atribuídos a seus proprietários os lotes que preencherem uma das duas condições seguintes:

- Desenvolvimento de um processo/montagem
- Apresentação da proposta escrita

A não realização de pelo menos uma destas duas condições implicará na retirada do lote de seu proprietário inicial.

Processo/Montagem

20 Permuta II

Somente serão consideradas se devidamente comunicadas e registradas pela Comissão Coordenadora nos dias e horários fixados no programa.

REGISTRO DO NÚMERO DO LOTE:

Processo/Montagem

21 Processo/Montagem

NOTAS:

23 Processo/Montagem

NOTAS:

24 Encerramento da Publicação da Proposta

Todos os participantes deverão expor em seus lotes a proposta escrita sobre seu trabalho, datilografada em papel ofício, espaço 2. Duas outras cópias da proposta deverão ser encaminhadas à Comissão Coordenadora.

Verificação dos Lotes

Processo/Montagem

25 Apresentação Espetáculos Acontecimentos

26 Discussão Pública da Proposta

Debates sobre as propostas apresentadas serão realizados sob a animação da Comissão Coordenadora com a participação dos interessados.

VISTO:

27 Discussão Pública da Proposta

Debates sobre as propostas apresentadas serão realizados sob a animação da Comissão Coordenadora com a participação dos interessados.

VISTO:

28 Dotação de Verbas de Pesquisa

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo instituirá as seguintes verbas de Pesquisa:

- VERBA DE PESQUISA atribuída pela Comissão Coordenadora
- VERBA DE PESQUISA atribuída pela Comissão Especial
- VERBA DE PESQUISA atribuída por votação dos presentes

CERTIFICADO

O Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, certifica que o artista
 participou da 6.a Exposição Jovem Arte Contemporânea.

VERBAS DE PESQUISA

PELA COMISSÃO COORDENADORA

PELA COMISSÃO ESPECIAL

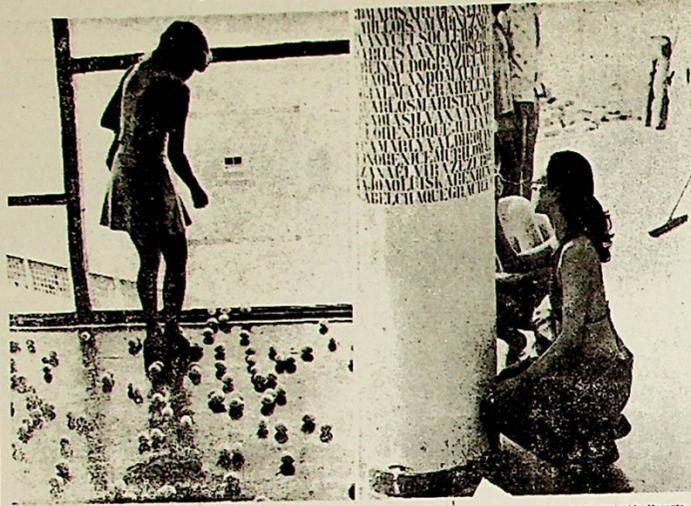
POR VOTAÇÃO DOS PRESENTES

VOTOS

WALTER ZANINI
 Diretor do Museu de Arte Contemporânea
 da Universidade de São Paulo



Começa julgamento de trabalhos da 6.a JAC



Uma comissão composta de oito especialistas começa a julgar hoje à noite os 51 trabalhos sorteados e expostos na 6.ª Jovem Arte Contemporânea, em realização no Museu de Arte Contemporânea (MAC), no Ibirapuera.

O julgamento tomará dois dias. Hoje o júri assiste às apresentações de expressão corporal, jogos e shows, propostos em alguns trabalhos. Amanhã, também à noite, todos os grupos inscritos discutirão publicamente suas propostas com os oito especialistas e com os artistas.

O júri, escolhido ontem, é formado por Aracy Amaral, Waldemar Cordelo, Willy Correla de Oliveira, José Artur Gianotti, George Love, Laonte Klava, Donato Ferrari e Walter Zanini. Os trabalhos que os oito escolhem como os mais coerentes com as propostas apresentadas, serão premiados.

Ontem à tarde os grupos de artistas sorteados davam os últimos retoques em seus trabalhos. Ontem também foi o último dia de entrega das propostas — uma apresentação escrita da significação de cada obra para utilização da comissão julgadora.

Mas apenas 80 por cento das artistas entregou as propostas. Os participantes que apresentaram as suas propostas e por conseguinte receberam o seu dote expõem na forma que quiserem, nada os delimita. Estes expõem à medida que se desenvolve a montagem e não a apresentação do objeto pronto. Quem está coordenando a exposição são Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari. A mostra permanece aberta até domingo próximo, hoje haverá uma comissão de entretenimento já no sábado será realizada a entrega dos prêmios, ver de pesquisas aos trabalhos apresentados.

Na JAC, as mais estranhas propostas: até ovos verdadeiros

DEZENAS DE ARTISTAS ESTÃO EXPONDO NO MAC

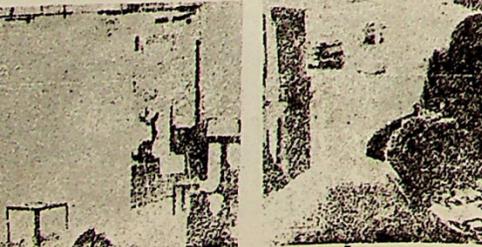


Mais de 100 trabalhos plásticos expõem temas livres no MAC

Centenas de 120 artistas trabalham diariamente no Museu de Arte Contemporânea — MAC, isto desde o dia 14 deste mês, para apresentar as suas obras elaboradas em equipes por estudantes de diversos cursos de todos os lugares da Capital e do Rio. Os trabalhos que estão sendo expostos são temas livres, que são apresentados em 1.000m² reservados pelo Museu da Universidade de São Paulo à JAC-72. Ontem às 20 horas foi inaugurada esta exposição, que se encontra em processo de montagem. Os participantes que apresentaram as suas propostas e por conseguinte receberam o seu dote expõem na forma que quiserem, nada os delimita. Estes expõem à medida que se desenvolve a montagem e não a apresentação do objeto pronto. Quem está coordenando a exposição são Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari. A mostra permanece aberta até domingo próximo, hoje haverá uma comissão de entretenimento já no sábado será realizada a entrega dos prêmios, ver de pesquisas aos trabalhos apresentados.

VARIEDADES

NESTA MOSTRA DO MAC SOMENTE OS NOVATOS



Os trabalhos são apresentados ao público hoje, a partir das 20 horas.

Debates hoje e amanhã na JAC

Complementando o processo da exposição Jovem Arte Contemporânea, que se realiza no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, serão realizados hoje e amanhã, a partir das 19 horas, debates públicos sobre as propostas apresentadas pelos participantes da mostra.

Cada artista fará exposição de seus objetivos e intenções com o trabalho apresentado e o significado dessas obras. Essas propostas serão debatidas publicamente, abrindo-se a participação a todos os presentes.

Um grupo foi formado para animar esses debates; entre outros, participam Aracy Amaral, Anatol Rosenfeld, Willi Correla de Oliveira, Donato Ferrari, Laonte Klava, Walter Zanini (diretor do MAC) José Artur Gianotti, George Love, Rafael Buongiorno Neto.

É a JAC-72

Aproximadamente 120 artistas trabalharam diariamente desde o dia 14 de outubro último no espaço de 1.000 m² reservado pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo para a realização da JAC-72. Eliminada a natureza da exposição tradicional e o critério do júri e sorteados os concorrentes, os artistas passaram a idear e a construir suas obras — a elaboração de todo o espaço da manifestação-exposição, cuja programação se dará hoje. Artistas nacionais elaboraram vários trabalhos ao Museu por artistas estrangeiros e artistas residentes em Roma e em Nova York.

Contato com o público, dado principal da JAC

A exposição Jovem Arte Contemporânea, que se realiza no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, tem como principal objetivo o contato com o público. Para isso, a comissão organizadora, formada por Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari, adotou várias medidas para facilitar o acesso dos visitantes à obra. Além disso, a exposição será aberta até domingo próximo, hoje haverá uma comissão de entretenimento já no sábado será realizada a entrega dos prêmios, ver de pesquisas aos trabalhos apresentados.



Jovens de todos os tamanhos misturam-se a artistas famosos, na Jovem Arte Contemporânea, no MAC, Ibirapuera. Os trabalhos serão apresentados ao público hoje, a partir das 20 horas.

A JAC abre-se hoje à noite

Um grande número de jovens trabalha, há dias, entre artistas de renome, na Jovem Arte Contemporânea, uma mostra inteiramente inédita organizada pelo Museu de Arte Contemporânea, cujo diretor, Mario Zanini, aprovou uma ideia do prof. Donato Ferrari de "compartimentação diversificada da área". Seguindo essa ideia, aliada à intenção de concentrar maior atenção ao trabalho de criação da obra do que à obra terminada, vários lotes da área total do museu foram sorteados entre os inscritos. Já que os inscritos não precisam apresentar obras a serem condicionais, e sim, propostas de realização, a serem executadas, dentro de um prazo fixado, a JAC caracteriza-se por uma grande variedade de iniciativas de diferentes formas de expressão. Dois colegios estaduais participam da JAC: um, o Colégio Estadual de Vila Mazzei, com 15 alunos cujas obras têm o tema "Nosso Mundo", e o outro, o Colégio Estadual Martins Pena Sobre Deus na Terra". A Equipe C-30 é composta de 30 pessoas, entre alunos e professores da Fundação Armando Alvares Penteado; a Equipe de Carlos Traffic (com o tema

O preço da arte e a arte do preço: o 'boom' do mercado e brinquedo a la Montessori

ARNALDO PEGORARO PORTA

Mal não são as emoções que fazem com que o artista se movimente, mas sim a vontade de competir para atingir o sucesso. É a vontade de competir que faz com que o artista se movimente, mas sim a vontade de competir para atingir o sucesso. É a vontade de competir que faz com que o artista se movimente, mas sim a vontade de competir para atingir o sucesso.

Um grupo foi formado para animar esses debates; entre outros, participam Aracy Amaral, Anatol Rosenfeld, Willi Correla de Oliveira, Donato Ferrari, Laonte Klava, Walter Zanini (diretor do MAC) José Artur Gianotti, George Love, Rafael Buongiorno Neto.

A exposição Jovem Arte Contemporânea, que se realiza no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, tem como principal objetivo o contato com o público. Para isso, a comissão organizadora, formada por Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari, adotou várias medidas para facilitar o acesso dos visitantes à obra.

Um grupo foi formado para animar esses debates; entre outros, participam Aracy Amaral, Anatol Rosenfeld, Willi Correla de Oliveira, Donato Ferrari, Laonte Klava, Walter Zanini (diretor do MAC) José Artur Gianotti, George Love, Rafael Buongiorno Neto.

A exposição Jovem Arte Contemporânea, que se realiza no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, tem como principal objetivo o contato com o público. Para isso, a comissão organizadora, formada por Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari, adotou várias medidas para facilitar o acesso dos visitantes à obra.

Um grupo foi formado para animar esses debates; entre outros, participam Aracy Amaral, Anatol Rosenfeld, Willi Correla de Oliveira, Donato Ferrari, Laonte Klava, Walter Zanini (diretor do MAC) José Artur Gianotti, George Love, Rafael Buongiorno Neto.

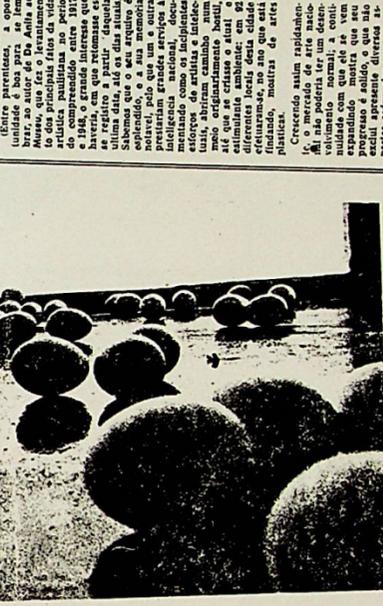
A exposição Jovem Arte Contemporânea, que se realiza no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, tem como principal objetivo o contato com o público. Para isso, a comissão organizadora, formada por Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari, adotou várias medidas para facilitar o acesso dos visitantes à obra.

Um grupo foi formado para animar esses debates; entre outros, participam Aracy Amaral, Anatol Rosenfeld, Willi Correla de Oliveira, Donato Ferrari, Laonte Klava, Walter Zanini (diretor do MAC) José Artur Gianotti, George Love, Rafael Buongiorno Neto.

A exposição Jovem Arte Contemporânea, que se realiza no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, tem como principal objetivo o contato com o público. Para isso, a comissão organizadora, formada por Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari, adotou várias medidas para facilitar o acesso dos visitantes à obra.

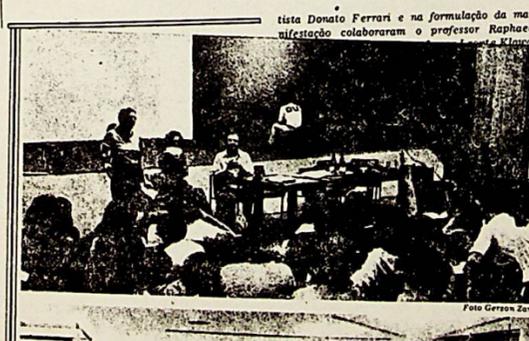
Um grupo foi formado para animar esses debates; entre outros, participam Aracy Amaral, Anatol Rosenfeld, Willi Correla de Oliveira, Donato Ferrari, Laonte Klava, Walter Zanini (diretor do MAC) José Artur Gianotti, George Love, Rafael Buongiorno Neto.

A exposição Jovem Arte Contemporânea, que se realiza no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, tem como principal objetivo o contato com o público. Para isso, a comissão organizadora, formada por Walter Zanini, Raphael Buongiorno e Donato Ferrari, adotou várias medidas para facilitar o acesso dos visitantes à obra.



Os trabalhos são apresentados ao público hoje, a partir das 20 horas.

JAC-72: NOVA ABERTURA



maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

maior de estudantes muitas vezes participando de grupos expectantes de produtos destinados às salas contemplos de exposição. Se essas tarefas musicológicas prosseguem, e com uma certa dramaticidade raramente...

A ênfase deslocada e a consequência disso

ARNALDO PEDROSO D'HORTA

6.ª Exposição Jovem Arte Contemporânea — Participação de 84 artistas individuais, ou equipes — Museu de Arte Contemporânea, Parque Ibirapuera, 3.º pavimento do Pavilhão Arduo Pereira, aberto das 12 às 19 horas.

Numa inesperada confissão de desconfiança na própria capacidade seletiva de valores artísticos, a direção do Museu de Arte Contemporânea decidiu, no salão JAC deste ano, não escolher os inscritos segundo a qualidade das respectivas contribuições, mas substituir qualquer critério racional por um jogo de azar: o espaço disponível para a realização da mostra foi dividido em 84 lotes, de proporções irregulares e desiguais, em seguida sorteados entre os interessados; quem teve mais sorte ficou com o melhor espaço, embora pouco, ou nada, tivesse a apresentar.

É sem dúvida surpreendente, essa aula de descrédito na importância da criação artística, dada pelos professores universitários que dirigem o MAC, a moças e rapazes que estudam, e que para estudar, seja lá o que for, necessitam acreditar, antes de mais nada, na necessidade do esforço para o aprendizado, como precisam acostumar-se a comparar a qualidade das coisas, para selecionar as que interessam, e desprezar as menos significativas. O curso de descrédito foi levado adiante, e num salão que se denomina Jovem Arte, desta vez não houve limite de idade; porque, então, conservar um título que não corresponde ao conteúdo? O esforço desses docentes, em todo o caso, já começa a ser correspondido, e assim é que, sendo uma das condições do regulamento, que os beneficiados pelo sorteio apresentassem uma justificativa escrita de seus trabalhos, uma das equipes, revoltando-se contra essa restrição ao reino da anarquia, compôs sua explicação num cartaz, formado de letras agrupadas, que exatamente não formavam sentido nenhum.

*

O resultado que o espaço do MAC apresenta, uma vez conhecidos os trabalhos de montagem daquela brincadeira, não tem a menor importância sob o ponto de vista da realização estética, eis que não se trata disso. Entretanto, quando visitamos o local os jovens estavam entregues às suas tarefas construtivas, e o ambiente era salutar.

Uma boa idéia foi colocar, junto da entrada, uma senhora a tocar piano — notas espaçadas, de som claro e alentador, dando ao ambiente um ar de festa. A festa era informal, e como fazia calor muitos rapazes estavam sem camisa, iniciativa que as moças, por ocasião da nossa visita, ainda não haviam acompanhado. Num canto, num pequeno calçote coberto de arame, uma dúzia de filhinhos de pato pipavam, insistentemente. Em um dos estantes, um grupo recortava e guardava páginas de jornais, para formar o que desejava significar como A neurose do vestibular.

A azáfama construtivista era contagiosa entre a garotada, que se movia de um lado para outro, a martelar e a pintar, a subir e descer escadas: a construção crescia por toda a parte. Arame farpado — no que pode ser um triste simbolismo dos dias atuais — propondo-se com insistência. Painéis inconclusos e outros destinados mesmo a não serem concluídos, quadros no chão, inclusive desenhos sob vidro. Bonecos de

papelão, volumosos, outros em gesso.

O instinto de propriedade privada ressurgiu nas divisas de um dos lotes, solidamente delimitadas por uma mureta feita de tijolos. Muito pano preto descendo do alto, balançando-se na frente de barracquinhas — outro sinal dos tempos? A in-

tervalos, precárias edificações em forma de púlpito, de tribuna, do palanque fechado, de teatrinho João Minhoca. Jovens esparramados pelo chão, enlambusando-se na montagem de grandes colagens: organização de circo, feira, gozação improvisada. Barracquinhas, caixas volumosas, estantes reco-

bertos de recortes de fotografias. Um canteiro de lixo, cuidadosamente organizado. Uma casa semicircular, toda feita de janelas. Uma pandega ruidosa, estimulante. Nesse sentido, pode-se dizer que o objetivo enunciado pelos organizadores do certame, de deslocar a ênfase, do objeto

produzido, para o processo de produção, foi plenamente alcançado: as moças e os rapazes distraíram-se à vontade, durante o processo de produção, e uma vez terminado este o objeto produzido terá ficado tão deslocado, que será difícil de ser localizado. O tempo das amoras!



Não maltrate os animais: são obras de arte.

LIXO, GALINHAS, MIOLO DE BOI: UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE.

Durante muitos meses, o diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, professor Walter Zanini, ficou preocupado com o lixo que ficava em volta do museu, apodrecendo debaixo do sol e da chuva. Um lixo que surgia ninguém sabe exatamente de onde. Depois de cartas e ofícios ao prefeito, o lixo foi retirado. Hoje, uma grama verde disputa o espaço reduzido com o concreto e os vidros do feio edifício do MAC.

Durante cinco anos, o professor Zanini fez a Jovem Arte, exposição anual que determinava o fim da juventude aos 35 anos, porque acima disso o artista "não era mais jovem". Durante cinco anos a Jovem Arte foi uma exposição feliz, bem comportada. E todos acreditavam nos menores de 35 anos. Hoje, cansado desta e de outras limitações "incompatíveis com a arte contemporânea", o professor Zanini criou a Jovem Arte livre de (quase) tudo. Mas com um novo e mais austero regulamento. Que, entre outros itens, previu a eliminação de juris de seleção "para evitar protecionismo ou outras distorções". E criou um sistema de sorteio entre os inscritos (cerca de 200) para distribuí-lo numa área limitada e delimitada do museu (mil metros quadrados) dividida entre 84 lotes.

Feito o sorteio, veio o desapontamento: artistas "importantes" não puderam entrar, enquanto outros, ditos "iniciais", sorriam. Houve protestos, novos sorteios; houve até quem trocasse, alugasse ou vendesse seu lote. Querendo fazer uma "abertura" nos salões e procurando um novo público para o MAC, o professor viu que suas idéias e as do crítico Raphael Buongiorno Neto e do artista Donato Ferrari (organizadores da exposição) tinham ido "muito além". Resultado: o professor Zanini começou a fazer proibições, com receio de que sejam causados danos ao museu, já que os artistas estavam envolvendo o prédio com tintas, riscos, rabiscos, agressões. Os artistas protestaram contra as proibições, Zanini pensou, retrucou, acabou concordando. Enquanto isso, ele próprio fiscalizava (isso estava previsto no regulamento) se os artistas tinham ocupado de fato seus lotes. Para os jornalistas, Zanini dizia:

— O MAC foi transformado numa oficina de trabalho, fato inédito em todo o mundo. Prudentemente, ele não permitiu o acesso ao acervo do MAC (onde estão Chagall e Picasso), deixando os jovens artistas trabalhar na "oficina", que fica no fundo (última sala) do MAC.

Na última quarta-feira, à noite, as "obras" estavam prontas. E expostas. Quem foi, viu. Isto: galinhas enforcadas, ovos quebrados, tartarugas e galinhas vivas, miolos de boi protegido numa redoma, coelhos (vivos) pintados de roxo, azul, amarelo. E lixo, muito lixo espalhado em vários lotes: terra suja, cabelos, papéis amassados, gritos gravados, um piano desafinado, carne de boi cheia de moscas.

No meio de tudo, alguns protestos (ingênuos) políticos ("Povo desenvolvido é povo limpo") ou uma suástica atravessada por um punhal, além de outros, sociais e estéticos, como o dos artistas que jantaram numa sala negra, vestidos de negro, ou o do pintor que colocou tintas, pinceis e revistas de arte numa

geladeira. (Talvez a melhor proposta-protesto do salão).

NOVIDADES DE HÁ ANOS

No meio do desconcertante piquenique, Zanini não pode ouvir (na última quarta-feira) artistas que queriam "explicar" suas "obras", porque o som de uma "obra não deixou". Transformado em "oficina" o MAC demonstrou que tanto organizadores como artistas estão um pouco precipitados quanto ao "pionismo" da sua experiência. Ou mal informados.

Porque, logo depois da Primeira Guerra, Marcel Duchamp fazia exatamente isso, mas com um resíduo estético e teórico atrás de cada "gesto-obra". (Muito importante até hoje). Depois aqui mesmo no Brasil, — ano passado — o MAM carioca e o crítico Frederico de Moraes realizaram, com muito êxito de público e crítica, os famosos "Domingos da Criação", tentativa bem sucedida de integrar museu, arte, artista e público ou "consumidor" de arte. E na 36ª Bienal de Veneza, realizada este ano, a proposta italiana, aceita por vários países, era clara: obra ou comportamento. Por obra ficou entendido aquilo que "permanece" que é durável e "resistente ao tempo". Por comportamento, aquilo que é efêmero, frágil facilmente destrutível. (Um artista holandês, para protestar contra a violência, deixou pombo e faisões apodrecerem num bosque — estande-obra de arte).

Experiência de "integração" entre arte-artista-professor-escola está sendo desenvolvida há alguns anos — também com muito êxito — aqui em São Paulo, pela "Escola Brasil Dois Pontos", do grupo dos artistas Fajardo, Nasser, Resende e Baravelli. Também, segundo eles, uma "oficina de trabalho estético".

Tentando transformar o MAC num museu atuante, vivo e dinâmico, as boas intenções do professor Zanini foram devoradas pelo plano frustrado de ser, ele próprio, um bom corretor de imóveis. Os "arquitetos" tiveram muita pressa em destruir seu espaço, mostrando uma ingenuidade e uma estéril agressão gratuita. Zanini, querendo uma "abertura" nos regulamentos e comportamentos dos salões (realmente agonizantes no mundo todo), criou um outro código, uma "nova liberdade" (também repressiva), conseguindo, "de fato", aumentar o caos, as dúvidas e as agressões (ou frustrações?) que saem do plano pessoal e se confundem com a permissividade daquilo que alguns chamam, apressadamente, "arte contemporânea". No MAC, durante 14 dias, a arte "morreu" realmente.

Hoje à tarde (15 horas), com debates e discussões, a VI Jovem Arte chegará ao fim. E, no melhor estilo acadêmico, uma comissão entregará os "prêmios de pesquisa" aos que melhor defenderam suas teses/obras.

O que pode ser uma atuante manifestação de arte contemporânea com os rótulos atuais de arte-conceitual, arte-ambiental, hiper-realismo e outros, não passou de uma ascensão social do lixo. Antes, ele estava fora do museu. Agora, subiu as rampas e se instalou dentro do MAC, com pompa e circunstância. Segunda-feira, o museu fechará para descanso. Na terça, tudo volta ao normal.

Olney Krüse

ARTE

JOVEM ARTE

Hora da comunhão

O ambiente normal de um museu tem muito a ver com monastérios e claustros: as paredes claras, o fervor contido, o silêncio respeitoso e — diante de certas obras-primas — a mesma concentração dos momentos mais nobres da missa.

Para seus visitantes da semana passada, entretanto, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo deve ter lembrado, bem antes, uma carpintaria — caprichosamente colocada pelo acaso ao lado de um conservatório de piano. Como uma das "propostas" da sexta exposição Jovem Arte Contemporânea, dois pianistas se revezavam, logo à entrada do salão, na execução repetida de um coro de Verdi, transcrito para o instrumento. Sobre esse fundo monótono, destacava-se o ruído de serrotes e martelos, contrapontado pelo vozerio de mais de 120 pessoas. E essas pessoas — moças de macacão, rapazes sem camisa — eram os próprios artistas, montando seus trabalhos no local.

Andando por entre latas de tinta, ripas, chapas metálicas, uma gaiola com coelhos, arames farpados, refletores e uma torre metálica montada, o diretor do Museu, Walter Zanini, em mangas de camisa, sorridente e suado, como o feliz regente de uma orquestra afinada.

Público — Na verdade, embora promovida por um dos mais sérios e atuantes museus do país, esta Jovem Arte

Contemporânea foi uma experiência que justificou o título. Preocupado em atenuar a crescente contradição de seu próprio nome (já que as obras de arte contemporâneas cada vez menos são guardáveis em museus), o MAC partiu para um regulamento inventivo e atual. Dividiu a área disponível para a exposição (cerca de 1 000 metros quadrados) em lotes imaginários, distribuindo-os aos artistas por sorteio (e não através dos tradicionais juris de seleção). Os artistas, em vez de trazerem obras prontas, aceitaram executar no próprio local suas propostas. Com isso, a ênfase da Jovem Arte passou da obra acabada para o próprio processo da criação. As idéias foram elaboradas, redigidas, realizadas e discutidas com o público — tudo isso dentro do âmbito do Museu.

Comunidade — A relação final de participantes teve muito mais nomes desconhecidos do que consagrados. Mais que um capricho da sorte, entretanto, essa proporção deve resultar do maior interesse demonstrado, na época das inscrições, por artistas jovens. Os mais velhos pouco simpatizaram com o regulamento — e se sentiram, em muitos casos, fraudados por um critério em que o acaso acaba distribuindo o título de "artista" a pessoas que não lutaram por ele, segundo os padrões tradicionais. Ainda assim, estiveram na Jovem Arte Amélia Toledo, Donato Ferrari, Miriam Chiarini, Cláudio Tozzi e os internacionais Rubens Gerchman, Hélio Iticacian, Artur Luís Piza, Flávio Shiró e Sérvulo Esmeraldo — que enviaram de fora projetos aqui executados por terceiros.

Sem dúvida, na maior parte dos casos, as "obras" resultantes da fabricação no próprio salão foram discutíveis. Ao estabelecer seu regulamento, entretanto, a Jovem Arte Contemporânea de 1972 propôs outros critérios, a partir dos quais tem-se que julgar a exposição. Durante duas semanas (dez dias para a montagem e quatro para os debates) o Museu não teve nenhuma semelhança com um mosteiro. Em compensação, virou um galpão alegre e confuso, onde inúmeros jovens forneceram uma contagiante lição de criação em comum.

● Olívio Tavares de Araújo

O Museu da USP: transformado em oficina geral



JAC-72 polêmica

Embora tenha transcorrido em um clima um pouco tumultuado, a última JAC — Jovem Arte Contemporânea promovida pelo MAC, deixou um saldo positivo, segundo o diretor do Museu. Walter Zanini afirmou que a mesma atingiu boa parte dos seus objetivos e se constituiu, pela sua abertura cultural e pelo impacto de sua comunicação como uma manifestação que marcará data no desenvolvimento artístico do país. Os artistas participantes por votação decidiram renunciar às verbas de pesquisa constantes do regulamento da mostra e destiná-las a aplicação do catálogo que o MAC preparará, documentando a exposição.

A quem atribuir o fracasso do Jac-72

Todos são unânimes em afirmar que o JAC-72 foi um fracasso completo. Desde um dos idealizadores Donato Ferrari ao mais simples dos artistas participantes. Aliás, Raphael Buongiorno, em entrevista anterior ao acontecimento já dissera que o Museu de Arte Contemporânea não podia predizer o bom ou mau êxito do Salão e que "poderia muito bem haver um fracasso" mas que isso estaria dentro das possibilidades previstas pois o JAC-72 não passaria de uma experiência.

Se ela tivesse dado certo, a grande "exposição processual" constituiria uma das mostras mais revolucionárias em todo o mundo (a idéia tinha sido defendida poucas semanas antes por Walter Zanini em um encontro internacional de diretores de museus na Polônia) e colocaria o Brasil em primeiro plano como um dos países vanguardistas em arte. Infelizmente isso não aconteceu.

Muitos artistas se rebelaram contra o "sorteio" pelo qual foram escolhidos os participantes e a consequente exclusão de juri de seleção. Acreditamos que eles com isso demonstraram que, apesar de artistas, são tão quadrados como qualquer outro ser humano quando não executa a sua especialidade específica, pois a maioria dos acontecimentos que se acometem é obra direta ou indireta de sorteios, acasos e coincidências. O próprio círculo, por exemplo, para não ir muito longe.

De onde então teria partido a razão que ocasionou o fracasso de uma mostra elaborada com tanto cuidado? A idéia do MAC era de se fazer uma grande mostra processual em que a própria exposição seria a montagem e o desenrolar contínuo de demonstrações dinâmicas de arte. Mas não se do excluído o sr. Aldir Mendes de Souza, (que tanto fez para autopromover-se nos dias que antecederam a mostra) éle participasse assim mesmo, areliando o ambiente com suas Mona Lisas amordaçadas. Também era de se prever que carne moida apodrece e que pintos de um dia sem cuidado morrem e dão mau cheiro. O fato de isso ter acontecido foi simples levianidade dos artista envolvidos e houve ainda casos de vandalismo como o que tratou do extintor de incêndio e o "avança-avança" de uns artistas sobre o espaço e obras de outros.

Alguns artistas se queixaram da pouca divulgação (certamente não leram os jornais muito menos A Gazeta) e da pouca frequência de público. Mas o público sempre se mostrou muito relativo em questões de vanguardismo (é só ler os relatos da época da Semana de 22). Embora praticamente todos tenham apreciado a idéia de mostra processual, houve muita reclamação contra a "estrutura fraca da direção do MAC" que "não pode dar a atenção devida" e "parecia que tudo estava em cima de Walter Zanini" que "não houve entrega do dinheiro de prêmios" e outras queixas semelhantes.

Na realidade, bem ingrata deve ter sido a posição de Walter Zanini, ouvindo mais de duas semanas ininterruptas, marteladas, gritaria e outros sons estridentes. Por outro lado, um controle mais rigoroso bem que poderia ter sido estabelecido para evitar os abusos. De qualquer forma, São Paulo perdeu uma chance de realmente evoluir em questão de pesquisa em Artes Plásticas.

DURANTE a 6.ª Exposição Jovem Arte Contemporânea, organizada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, os artistas participantes renunciaram às verbas de pesquisas, para aplicá-las no catálogo que o MAC documentará a mostra.

Participantes abrem mão dos prêmios

Após 14 dias de trabalho, encerraram-se sábado, no auditorio do Museu de Arte Contemporânea os debates que concluíram a manifestação da Jovem Arte Contemporânea (JAC) 72.

O debate durou três horas e meia, com participação de artistas representantes da JAC 72 e coordenadores da manifestação. Em votação aberta, foi aprovada, por 42 votos, uma proposta do prof. Donato Ferrari (um dos criadores e coordenadores da JAC) determinando "que os integrantes da JAC 72 renunciem a toda a verba de pesquisa para trabalhos de documentação da Jovem Arte Contemporânea de 1972".

A proposta foi apresentada por Donato Ferrari já que a comissão composta de Aracy Amaral, Anatol Rosenfeld, Willy Correia de Oliveira, Waldemar Cordeiro, Laonte Klava, L. A. Gianotti, dissolveu-se na primeira noite de debates, dia 26. A proposta JAC-72 previa que os convidados para o debate público discutiriam com os artistas as propostas e o trabalho realizado na área de exposições do MAC. O tumulto da primeira noite de debates (provocado também porque os convidados aparentemente não haviam acompanhado o processo de criação, segundo observaram

alguns participantes) conduziu à auto-dissolução da comissão. Alterado assim o esquema da JAC 72, foi necessário debater, junto dos integrantes da manifestação, uma nova forma de distribuição da Verba de Pesquisa, cerca de 6 mil cruzeiros.

A proposta votada pelos artistas dota o MAC com 6 mil cruzeiros e pretende implicitamente que o significado da JAC 72 "seja coerente com o conteúdo da manifestação", que durou duas semanas.

Durante duas semanas, de 14 a 28 de outubro, o MAC passou por uma experiência inédita. Os 84 sorteados com os lotes demarcados na área de exposição do MAC e suas equipes e também público, somavam diariamente de 200 a 300 pessoas; o clima descontraído parece ter afastado os meios de comunicação — e aparentemente, também a maioria dos críticos, que compareceram na apresentação das propostas, dia 25. Um dos participantes da JAC comentava que os críticos haviam tido um "comportamento acadêmico" porque, observava, "o processo da JAC, elaboração e realização dos trabalhos, era o próprio significado da manifestação".

No segundo dia dos debates (que começaram às 21 h e terminaram às 2 da madrugada), os participantes esclareceram suas propostas e

responderam ao público as questões levantadas. Não houve tumulto, embora cerca de 300 pessoas ocupassem o auditorio, durante quase todo o tempo. Inscreveram-se para debater espontaneamente, entre outros, os integrantes da manifestação, Gabriel Borba Filho, Roberto Michelino, Claudio Leone, Tomoshigue, Grupo Trafic, João Ulter Theophilo, Sergio Macedo, Ricardo Salomon, Renato de Andrade Maia Neto, Ignacio Ortega, Jacira, Gyorgy Fonnji, Helio José de Oliveira, Equipe Alfa Mindoim, etc.

Entre os integrantes da manifestação, a equipe de Rubens Coura, iniciando os debates do dia 26, quando ainda estava constituída a comissão animadora dos debates, disse, pela oradora designada: "Proseguirei nos mesmos moldes de conduta que adotei com relações a esses coelhos; testes alérgicos feitos com tintas sobre o animal, o estudo fisiológico do bicho, antes de utilizá-lo artisticamente e sobretudo, evitar maltratar ou sacrificar cruelmente uma criatura, o que, embora seja mais sensacional e atraia mais a atenção pela violência que encerra, não acrescenta nada ao processo artístico e a nós, como gente".

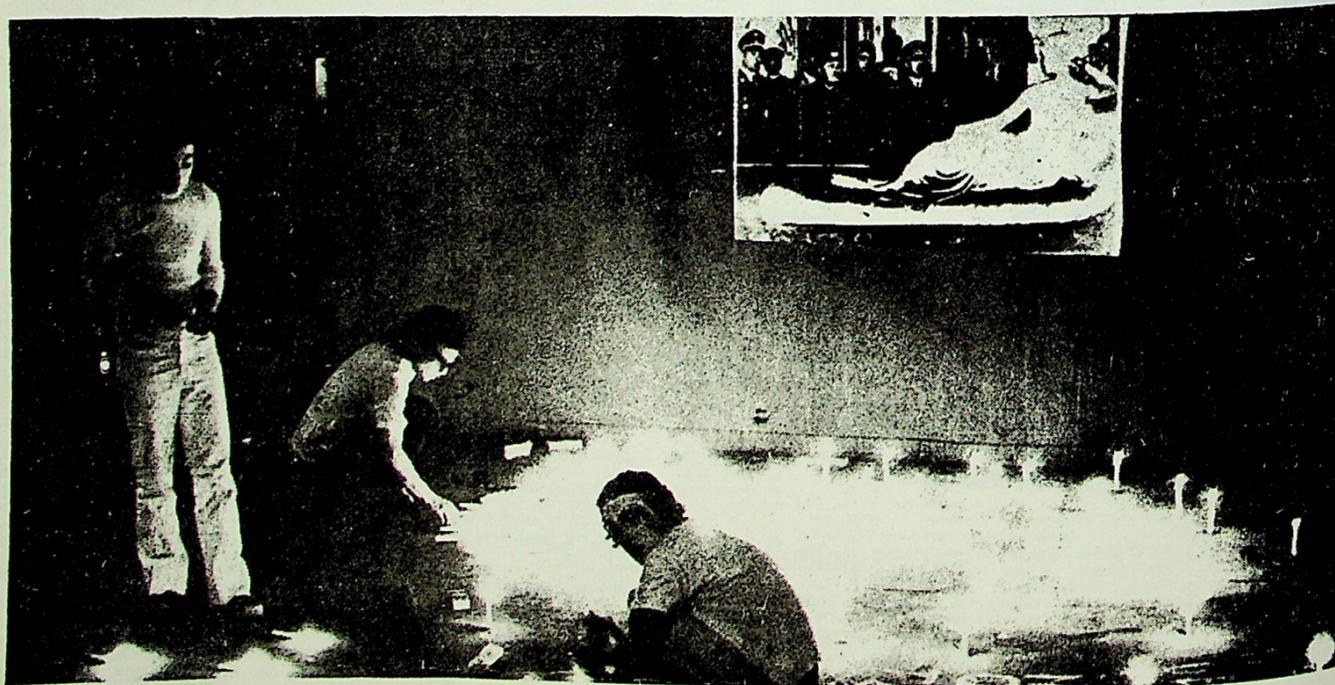
No dia 27, quando a comissão animadora dos debates já estava dissolvida, um jovem

panamenho, Ignacio Ortiz Santizo, leu um poema no qual afirmava que "a pesar de las paredes, llevo un infinito por dentro, porque soy humano y no estoy solo/ porque tengo hermanos".

No dia 28, sábado, exausto, o prof. Walter Zanini, diretor do MAC, encerrou a JAC 72 declarando que "a manifestação inédita desenvolvida na área reservada às exposições do MAC contem o seu maior significado que é o de ruptura com os padrões acadêmicos dos acontecimentos artísticos de S. Paulo".

Ele manifestou a opinião de que o "processo desencadeado pela JAC 72 virá ocupar um lugar de fundamental importância no cenário artístico brasileiro", igual aos grandes eventos registrados pela criação do Museu de Arte de S. Paulo e da Bienal de S. Paulo.

A proposta do prof. Donato Ferrari, debatida pelo prof. Rafael Buongiorno Neto, historiografo do MAC, aprovada pelos integrantes da JAC 72 "visa documentação da manifestação". Esse registro pretende demonstrar o significado da JAC 72. Os seus promotores esperam que a sua divulgação será "uma proposta viva para a continuidade do verdadeiro conteúdo do inedito acontecimento que se desenvolveu no MAC".



Fora do recinto da MAC, nas rampas, a JAC continuou.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA da Universidade de São Paulo

Fundado em 8 de Abril de 1963

Parque Ibirapuera, Tels. 71-1111 e 71-9610
Caixa Postal 22.031, São Paulo, Brasil
Enderço Telegráfico: Muartcon

Reitor: Prof. Dr. Miguel Reale

Diretor: Prof. Dr. Walter Zanini

Conselho Administrativo:

Anésia Pacheco e Chaves
Prof. Dr. Cândido Lima da Silva Dias
Dr. h. c. Francisco Matarazzo Sobrinho
Prof. José Geraldo Vieira

Lay-out, produção gráfica e Capa: Donato Ferrari

Impressão: D. Barbosa & Irmão

Fotografia: Gerson Zanini

